Congresso do PS: Jaime Gama oficializou candidatura

Pág. 5

Por detrás de 'África Minha': Karen Blixen

Hoje no Ler e Escrever

Diário de Lisboa

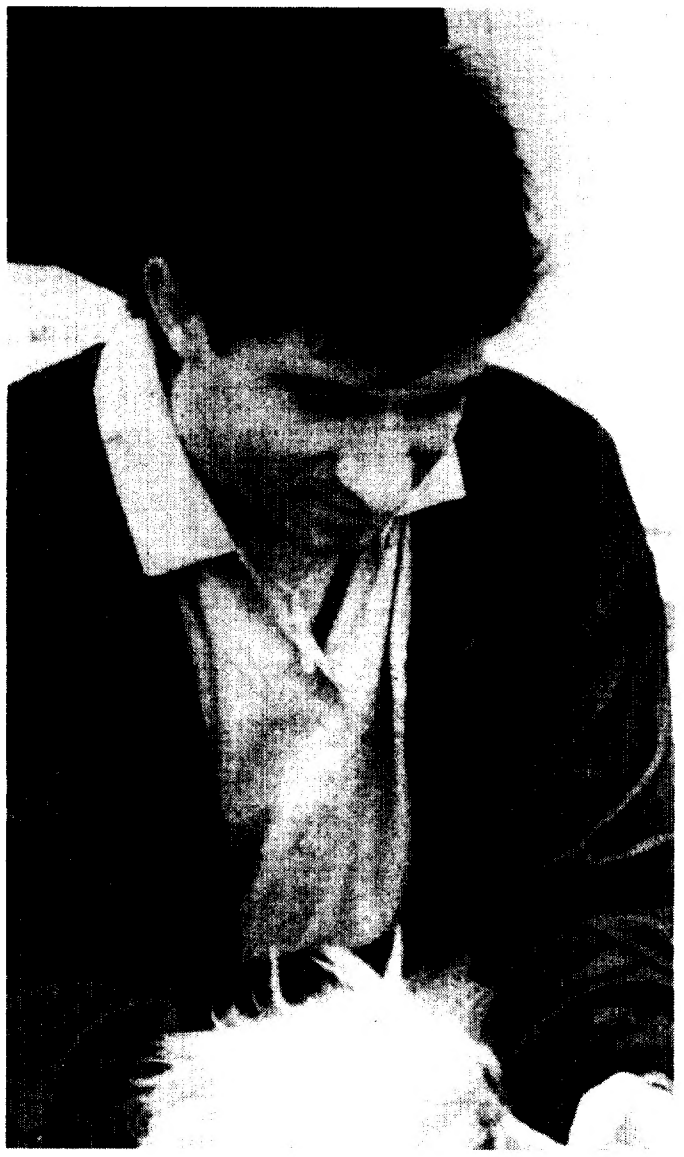
ANO 65 N.º 22 026 Quinta-feira 3 de Abril de 1986 Preço 40$00

Para defender o preço dos combustíveis

CAVACO INVOCA SÃO FMI

Fontes oficiais fizeram chegar aos meios de Comunicação Social, através de uma informação da NP, a indicação de que o FMI estaria solidário com Cavaco Silva na sua recusa em baixar o preço da gasolina. Adiantaram até que a responsável do Fundo, na Europa, Teresa Ter-Minesian, contactou o Primeiro-Ministro para o apoiar na intenção de utilizar os ganhos adicionais da baixa do petróleo no fortalecimento das finanças públicas.

Continua na pág. 24



É falso estar perdido para o futebol

Chalana: romance com muitas intrigas

Pág. 17

Greve contra a 'loucura' dos serviços hospitalares

Os enfermeiros do Miguel Bombarda estão em greve, e manifestaram-se hoje em público, em protesto contra «a loucura das entidades responsáveis» que têm permitido, segundo um «esclarecimento do Sindicato dos Enfermeiros do Sul, a progressiva degradação das condições de trabalho, no hospital até níveis infra-humanos.

Continua na pág. 24

BLOQUEIO AOS TIR NO TERMINAL DE ALVERCA

ESCLARECIMENTO DA ANTRAM

1. — A gravidade dos acontecimentos decorrentes da última greve desencadeada pela FESTRU verificados no terminal de Alverca, objecto de imprecisão e distorção pelas informações divulgadas por alguma Imprensa, Rádio e Televisão, determina que a ANTRAM assuma a obrigação de esclarecer a opinião pública e o País sobre a verdade dos factos.

2. — No decurso das negociações entre a ANTRAM e a FESTRU para revisão do contrato colectivo de trabalho, aquela organização sindical promoveu nos passados dias 6 e 7 de Março uma greve para o sector dos transportes de mercadorias, que constituiu um rotundo fracasso, não tendo conseguido obter qualquer adesão.

3. — Tendo prosseguido as negociações de revisão do CCT, a FESTRU voltou a marcar nova greve com início às 00.00 horas do dia 31.03.86 e termo às 24.00 horas do dia 1.04.86.

4. — Não tendo a FESTRU mais uma vez conseguido obter a adesão dos trabalhadores para esta greve, uma vez que a circulação dos veículos e mercadorias decorria normalmente, os seus responsáveis decidiram, como último recurso, lançar mão de processos ilegais, para obterem por via da força e da intimidação, a perturbação do sector dos transportes internacionais, o que nunca tinham conseguido pela via legal da greve.

5. — Assim, verificaram-se os seguintes factos no terminal de Alverca:

— obstrução dos acessos do terminal pela imobilização concertada de 4 veículos.

— esvaziamento de pneus.

— vidros e faróis partidos

— sabotagem do sistema eléctrico e de travagem de veículos.

— agressões físicas e coacção junto de trabalhadores não grevistas.

— ameaças de incêndio de mercadorias e veículos bloqueados.

— intimidações a alguns associados da ANTRAM.

6. — Esta situação violadora das mais elementares liberdades num Estado de direito, persiste apesar das várias acções e diligências desenvolvidas pela ANTRAM, pela TERTIR e pelas autoridades policiais competentes, mantendo-se cerca de 300 veículos em bicha, impedidos de entrar no terminal, uma vez que o seu acesso continua bloqueado.

7. — A ANTRAM responsabiliza desde já a FESTRU pelos incalculáveis prejuízos causados directa e ilegitimamente à actividade económica dos transportadores rodoviários de mercadorias, à indústria nacional exportadora e aos importadores de matérias-primas e bens essenciais à economia nacional.

8. — Acresce que tudo isto se verifica quando ao contrário das informações veiculadas pela FESTRU, de que a ANTRAM se recusa a negociar novas condições de trabalho superiores a 16% e a manter a categoria de ajudante de motorista, esta Associação no âmbito das negociações da contratação colectiva, acordou já, e com efeitos a partir de 1 de Abril, com organizações sindicais do sector nomeadamente o seguinte:

— aumentos salariais para motoristas de 18,4%

— novo vencimento-base mínimo para motorista em serviço internacional Esc.: 40 800$00.

— novo vencimento-base mínimo para ajudantes de motorista Esc.: 32 000$00.

9. — A ANTRAM julga assim esclarecer sinteticamente a opinião pública, esperando que a normalidade e a legalidade sejam repostas rapidamente.

10. — Finalmente congratula-se a ANTRAM pela serenidade demonstrada pela grande maioria dos trabalhadores do sector, apelando para que a mesma se continue a verificar em qualquer circunstância.

Lisboa, 3 de Abril de 1986

O CONSELHO DIRECTIVO DA ANTRAM

Sábado, dia 5 de Abril, pelas 21h30, nas salas da Casa do Alentejo, e comemorando o 25.º aniversário da penetração do Homem no espaço cósmico, a Cooperativa Diálogo promove uma sessão para lançar um Movimento de Defesa da Natureza. Estão convidados todos os trabalhadores científicos e os representantes diplomáticos dos países que dispõem de armamentos nucleares.

Um texto que nos foi comunicado refere a trágica situação em que a Humanidade se encontra.

Uma iniciativa da Cooperativa "Diálogo"

Movimento de defesa da Natureza: uma análise que se impõe

A trágica situação em que se encontra a Humanidade exige de todo o cientista uma análise histórica da evolução geral da Ciência, particularmente a que decorreu no século em que vivemos. Uma análise que aprecie não só os factos de um passado recente, mas principalmente a história do futuro, aquela que vai permitir a penetração nas primeiras décadas do século XXI.

Não se trata de **fazer futurologia** nem de tomar qualquer atitude equivalente, mas de definir concretamente as perspectivas que se abrem à Humanidade, como resultado da expansão explosiva da Ciência, a fim de detectar e, de seguida, desbravar as vias conducentes à solução dos problemas globais que se apresentam como favoráveis à Vida, barrando decididamente o passo nas que poderão contribuir de qualquer forma para o seu prejuízo e, mais que tudo, para a sua extinção.

De passagem, observemos que essa análise não resultará útil no isolamento dos gabinetes, mas apenas nos **Colectivos** e, principalmente, com os restantes Trabalhadores que, **através da Produção,** conhecem melhor que ninguém a realidade dos nossos dias.

Dessa análise, o cientista, por processo retroactivo, poderá valorizar grandemente a consciência da sua responsabilidade profissional perante a Sociedade em que deverá estar plenamente integrado. E, se assim proceder, com modéstia mas com determinação, ascenderá a um nível superior na compreensão do seu dever profissional: ascenderá ao **nível do Trabalhador Científico** e não ficará pelo do simples profissional que da Ciência apenas pretende extrair os quotidianos proventos de conforto e sustento individuais.

É, portanto, ao nível de consciência do Trabalhador Científico, e não ao de simples cientista que deve fornecer à Sociedade os elementos que a esta vão permitir seguir o caminho conducente ao Progresso, à Paz e à Libertação contínua do Homem e dos Povos. No caminho aberto e traçado por Prometeu opor-se-á ao retrocesso, no sentido oposto — o da depravação moral e intelectual do Homem —, o sentido que cria e aumentaria o risco de destruição total da Humanidade e de toda a Vida sobre a Terra.

Dirigimo-nos a todos os Cientistas!

Particularmente aos dos países, como Portugal, cujas políticas nacional e internacional são dominadas por forças imperialistas!

Que se informem com objectividade e segurança sobre a realidade dos nossos dias!

Convidamo-los a que, em consequência, nas suas vidas profissionais procedam nos termos que lhes convenham como os mais correctos e ao nível da consciência social do verdadeiro Trabalhador Científico.

Que nos laboratórios, nas empresas, nas escolas, na Produção e na Sociedade, mas principalmente junto das direcções, das administrações e dos governos defendam o princípio de que os conhecimentos científicos e tecnológicos são propriedade exclusiva da Humanidade e, como tal, apenas poderão ser utilizados em proveito do Progresso, da Felicidade e da Vida de todos os Seres Humanos.

Programas diferentes...

A Sociedade Humana dispõe actualmente de Forças Naturais que, apreciadas qualitativa e quantitativamente, nos permitem alcançar objectivos nunca até hoje previstos ou considerados.

São as **forças produtivas** contidas na Ciência, na Tecnologia, na Cultura.

Quanto, porém, à capacidade de orientação dessas forças, a Humanidade encontra-se subdividida em três grupos:

— O grupo dos países do Terceiro Mundo, aqueles que não as podem aplicar em proveito próprio pela singela razão de delas não terem conhecimento, ou a elas não terem acesso. Ou ainda pela não menos singela razão de não terem as capacidades e vigilância adicionais de assegurar as independências política e económica que lhe permitam utilizar em proveito social próprio, universal.

— O grupo dos países capitalistas, em que as forças são utilizadas sob reservas, determinadas por restritivas condições de monopólio, impostas por interesses minoritários que resultam da posse privada da capacidade de acção.

— No terceiro grupo, o dos países socialistas, as forças produtivas são consideradas património de toda a Humanidade e, consequentemente, são aplicadas em proveito do Progresso e da Vida de todos os Seres Humanos, sem discriminação.

A trágica situação com que a Humanidade se defronta resulta da política de agressividade contida nas ameaças proferidas e acções conduzidas essencialmente contra os países socialistas, adicionalmente contra os países dominados pelo colonialismo ou deste recentemente libertados.

Com efeito, seria um erro de táctica ou crime pedagógico esquecer ou omitir que seis meses passados sobre Hirosxima e Nagasáqui, em Fulton, já se apelava à «demonstração de força perante os russos...», um ano depois se reclamava «o direito de interferir directamente nos assuntos internos dos outros Estados» e se ameaçava os países mundiais com a «paz americana». Mas a política internacional imposta pelas forças imperialistas não se limitou a ameaças, a acções armadas e a assassinatos contra países e seus dirigentes políticos. Entre as armas utilizadas, além da nuclear, não esqueçamos as químicas, as biológicas, as genéticas, as meteorológicas... todas convergentes para a criação da grave situação crítica que a todos nós aflige.

APELO E HOMENAGEM...

Os Trabalhadores Científicos de um pequeno País — Portugal — localizado na esfera do subdesenvolvimento.

Preocupados com risco de um eventual confronto internacional que decorra de uma irracional corrida armamentista; **Confiantes,** porém em que a Força do exemplo vencerá racionalmente a força das armas; **Optimistas** e concordantes com Röling face o interesse geral e comum a todos os Povos do Planete no desenvolvimento progressista e próspero da Civilização Humana; **Conscientes** de que o conceito de «racionalidade» atribuído pelos nossos saudosos Amigos, Alexandre Oparin e John Bernal, a todo o sistema biológico — particularmente o sistema integral dinâmico auto-regulado, constituído sobre o Planeta Terra sob a forma de Sociedade Humana; **Apelam para os especialistas** das Ciê cias Jurídicas e Sociais e suas organizações de Classe, no sentido de, desde já, se preocuparem com a elaboração de um código de relações JURIDICAS que regularmente as relações que devem existir entre as Sociedades Humanas, os Elementos que as constituem e entre as Sociedades e esses Elementos, válido para o início do Século XXI, no qual o Homem penetrará no Espaço Cósmico por forma a nele desenvolver uma Actividade Superior — produtiva, intelectual e artística, verdadeiramente digna da qualidade e do nível de Civilização conquistados pelas gloriosas lutas de obscuros Prometeus caídos no decurso tantos séculos.

A elaboração deste Código é dever que nos é imposto como responsáveis pela programação antecipada e orientação a imprimir à Ciência do nossos dias neste caso, no ambito da Ciência Jurídica — prestando a devida atenção aos efeitos dos Problemas Globais do Desenvolvimento e as respectivas repercussões, dentro da via do Progresso e da Felicidade Humanas.

Além de Tudo, a resposta a este Apelo é um Acto dignificante — é uma digna Homenagem à Memória de **Yuri Gagarin,** que há um quarto de século foi p primeiro membro da espécie **Homo** a penetrar no Espaço Cosmo!

Soares promete e cumpre

Visita oficial ao Porto é a primeira do mandato

Mário Soares disse hoje no Porto que estão criadas condições «mais favoráveis do que nunca para a modernização e o desenvolvimento efectivos» do país.

O Presidente da República acentuou que «ao escolher a Cidade Invicta para a sua primeira viagem oficial quis prestar homenagem à capacidade de iniciativa, à vontade de trabalho e à determinação democrática das gentes» da cidade do Porto.

Soares falava no decurso da sessão solene de boas-vindas em acto realizado na Câmara Municipal do Porto na presença das autoridades locais e outras personalidades.

«Estamos a viver um momento singular da nossa vida nacional, pois encontram-se criadas as condições que todos reconhecem ser mais favoráveis do que nunca para a modernização e o desenvolvimento efectivos do País nos próximos anos», disse.

«A esperança volta a ser possível e para tanto precisamos de estabelecer alguns consensos essenciais que tem a ver com o modo como vivemos o nosso regime democrático saído do 25 de Abril», afirmou o chefe de Estado.

«O Porto, capital do trabalho, centro privilegiado de cultura, motor de iniciativa e desenvolvimento, muito tem contribuído com o pragmatismo e bom-senso das suas gentes para se ir progressivamente afirmando numa estratégia nacional de desenvolvimento capaz de arrancar Portugal do seu atraso secular relativamente à Europa desenvolvida», acrescentou.

O Presidente da República realçou ainda que o «desenvolvimento do Porto tem sido uma pujante realidade, uma actividade de pioneiros, em que o gosto pela liberdade, pelo trabalho e pelo espaço individual tem sido para todo o país um exemplo e um estímulo».

Mário Soares iniciou esta manhã uma visita oficial de dois dias ao Porto, em cumprimento de uma promessa feita durante a campanha eleitoral.

Já há consenso entre os partidos

Lei da Amnistia antes do Verão

Deputados de todos os partidos apresentaram na Assembleia da República um projecto de Lei de Amnistia para pequenos crimes cometidos antes de Nove de Março, que deverá ser aprovado e entrar em vigor antes do Verão.

Esta amnistia, que tem já o consenso de todos os partidos do Parlamento, assinala a eleição do novo chefe do Estado e teve origem num pré-projecto elaborado por Carlos Candal e posteriormente modificado pela Comissão Parlamentar de Direitos e Liberdades.

Amnistia crimes de falsas declarações, relacionados com a passagem de cheques sem cobertura, embora em determinadas condições, crimes de desobediência, pequenos furtos e danos e ainda crimes antieconómicos de pequeno relevo.

O diploma prevê ainda a amnistia de consumos de drogas em pequenas quantidades, acções de contrabando e descaminho de pequena monta e os crimes cometidos por negligência, salvo homicídios involuntários.

São também amnistiados a morte do touro numa tourada, os que não prestam caução e ainda crimes relacionados com o serviço militar (compelidos e refractários).

O diploma abrange ainda «as infracções às leis fiscais punívels apenas com multa não superior a 2400 contos, desde que seja satisfeita a obrigação cujo incumprimento determinou a aplicação da multa e o impostoo e juros porventura devidos sejam pagos nos 180 dias subsequentes à notificação da liquidação».

Estão ainda contempladas multas de trânsito, outras contra as normas que regulam a caça e a pesca, as infracções às leis e regulametos desportivos e as infracções às leis sobre as taxas de Rádio e de Televisão puníveis com multa desde que as taxas em dívida sejam pagas nos três meses subsequentes à entrada do diploma em vigor.

Funcionários públicos também abrangidos

O projecto amnistia ainda as infracções disciplinares puníveis pelo estatuto disciplinar dos funcionários públicos e das autarquias «quando a pena aplicável ou aplicadas não seja superior à suspensão».

Entretanto, todas estas cláusulas já referidas não prejudicam a responsabilidade civil «emergente dos factos arguidos que sejam objecto da amnistia aí decretada».

O diploma estabelece ainda o perdão para algumas penas de prisão desde que fixadas em alternativa a penas de multa e prevê que em caso de cúmulo jurídico incida sobre a pena unitária, sendo materialmente adicionável a perdões anteriores.

Estão assim abrangidas por este perdão as penas de prisão por dias livres e um ano em todas as penas de prisão ou um sexto das penas de prisão até oito anos ou dezoito meses, ou um oitavo das penas de prisão de oito ou mais anos, «consoante resultar mais favorável ao condenado».

A amnistia já referida sobre a passagem de cheques sem cobertura «é concedida sob condição suspensiva de prévia reparação ao portador do cheque, salvo havendo este interessado concedido perdão ou desistido da queixa».

Quanto à amnistia para os pequenos furtos, está também dependente da prévia reparação aos lesados conhecidos «devendo as restituições e indemnizações a que haja lugar mostrarem-se prestadas nos três meses subsequentes à entrada em vigor da presente lei».

A este respeito, «quando se torne necessário, e mediante promoção do Ministério Público ou requerimento apresentado pelos arguidos ou réus, o juiz determinará as diligências convenientes e, por despacho irrecorrível, arbitrará, apenas para efeito da eventual aplicação da amnistia, o valor das indemnizações que serão prestadas nos 30 dias subsequentes».

Penas de prisão amnistiadas sob condição

Quanto às penas de prisão também já referidas, o perdão é concedido sob condição de os amnistiados não praticarem qualquer infração dolosa nos três anos subsequentes à data desta amnistia ou à data em que terminar o cumprimento da pena ou durante o cumprimento desta.

Caso contrário, «à pena ou parte da pena perdoada acresce a pena aplicada à infracção superveniente».

No seu preâmbulo, o projecto de lei conjunto explica que se trata de «uma amnistia selectiva e de um perdão limitado de penas de prisão».

Este «acto de graça não resulta inconveniente quando são conhecidos o bloqueamento processual em que se encontram os tribunais e a situação de excesso populacional com que se debatem os estabelecimentos prisionais, por força de circunstâncias que oportunamente convirá corrigir por meios adequados» — acrescenta.

«Não se trata aliás de suscitar agora a vasta amnistia técnica que tem sido preconizada no quadro da projectada reforma das leis do processo penal, amnistia essa que só poderá eventualmente decorrer de uma ponderada e profunda análise da natureza e alcance da mesma reforma e das concretas situações que, sem afectar os valores da segurança e da ética, poderão então ser abrangidas» — salienta o diploma no seu preâmbulo.

Timor: Fretilin e UDT iniciaram contactos com os "cinco"

A questão de Timor-Leste vai ser discutida na reunião do «bureau» dos países não-alinhados, que se efectuará no final deste mês em Nova Deli, revelou Ramos Horta, responsável pelas relações internacionais da Fretilin. Ramos Horta disse ainda que, a partir de amanhã estará em Nova Iorque para informar os representantes dos países do Movimento dos Não-Alinhados, que estarão presentes na reunião de Nova Deli, sobre a recente iniciativa conjunta da União Democrática Timorense (UDT) e da Fretilin.

A iniciativa, divulgada em fins do mês passado numa conferência de Imprensa realizada em Lisboa, visa três objectivos: autodeterminação de Timor-Leste, convergência na acção diplomática e realce para o papel importante que cabe a Portugal como potência administrante de Timor-Leste.

Ramos Horta, acompanhado de Abílio Araújo, chefe da delegação da Fretilin em serviço no exterior, e de Olímpio Branco, representante do movimento em Portugal, esteve ontem na residência do embaixador de Cabo Verde em Lisboa, Carlos Reis, no quadro de contactos iniciados por este partido e pela UDT com os representantes diplomáticos dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa.

Moisés da Costa Amaral, presidente da comissão política da UDT, também presente no encontro de ontem com o embaixador cabo-verdiano, disse que visava dar a conhecer aos «cinco» a iniciativa comum adoptada pela UDT e pela Fretilin.

«Viemos cá hoje para agradecer o apoio que os países africanos de língua oficial portuguesa têm dado à causa timorense e para dar a conhecer em pormenor os objectivos divulgados na conferência de Imprensa conjunta da UDT e da Fretilin», referiu Moisés da Costa Amaral.

«Os países africanos têm um papel importante no processo de acesso do povo timorense à autodeterminação» — disse o representante da UDT, adiantando que a Fretilin tenciona «sensibilizar mais o Brasil para a questão de Timor-Leste».

Ramos Horta e Moisés da Costa Amaral frisaram que este tipo de contactos visa também iniciar um processo de sensibilizaçã para a causa maubere.

A esse respeito, o representante da UDT adiantou que já tinham sido pedidas audiências ao Presidente da República, Primeiro-Ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros.

Em relação à anunciada carta-apelo, divulgada na conferência de Imprensa de 4 de Março e que terá como primeiro subscritor o ex-presidente da República Ramalho Eanes, Moisés da Costa Amaral disse que foram já estabelecidos contactos em Portugal com personalidades ligadas ao campo do direito internacional para a elaboração do documento.

A referida carta, que será enviada ao secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, aos países membros do Conselho de Segurança da ONU e ao presidente do Movimento dos Países Não-Alinhados e presidente do Zimbabwe Robert Mugabe, deverá contar com as assinaturas de ex-presidentes da República, ex-primeiros-ministros, ex-ministros do Negócios Estrangeiros, Prémios Nobel da Paz e personalidades internacionais de relevo do meio artístico.

Moisés dda Costa Amaral revelou que os contactos com as personalidades internacionais só serão iniciados depois dos que forem feitos em Portugal com o Presidente da República, Primeiro-Ministro, MNE e embaixadores dos países de língua oficial portuguesa.

"Meko" quer retomar negociações das fragatas

Um delegado português do consórcio alemão-federal «Meko» encontrou-se em Lisboa com o secretário de Estado português do Comércio Externo «para aprazar datas visando retomar as negociações» sobre três fragatas para a Armada portuguesa — indicou uma fonte do Ministério da Defesa.

«A parte alemã não esteve cá e as negociações das contrapartidas sobre a construção das três fragatas para a Marinha portuguesa encontram-se na mesma situação que se encontrava antes da Páscoa», acrescentou a mesma fonte, citada pela Anop.

O informador do Ministério da Defesa adiantou que «o facto de o delegado português do consórcio ir marcar datas para continuar as negociações, indica que o consórcio está interessado em acabar rapidamente as negociações».

PSD-Açores realiza Congresso

Mota Amaral vai exigir mais autonomia para os Açores

• Cavaco no encerramento

Cavaco Silva preside domingo próximo, em Angra do Heroísmo, ao encerramento do V Congresso do PSD açoriano. O congresso, que tem início sábado, irá, segundo o líder dos sociais-democratas açorianos, Mota Amaral, proceder a alguns «retoques» e «reajustamentos» nos órgãos regionais do partido, embora se mantenha o fundamental da equipa dirigente.

O congresso, que debaterá a estratégia dos sociais-democratas da Região Autónoma para os próximos anos, terá a participação de 120 delegados das nove ilhas do arquipélago. Capucho e Fernando Nogueira acompanharão Cavaco na deslocação a Angra.

A agenda de trabalhos inclui a análise do relatório da comissão política regional cessante, eleição da uma nova comissão política e o debate da situação político-partidária.

O congresso deverá analisar ainda propostas de alteração aos estatutos do partido nas ilhas e relativas aos métodos e trabalho partidário local e reeleger Mota Amaral como presidente do PSD — Açores.

«O congresso vai definir as linhas de rumo que o partido deve seguir com aprofundamento da autonomia democrática à luz da revisão constitucional», disse ainda Mota Amaral em declarações à NP.

A Assembleia Regional dos Açores deverá aprovar em Junho uma proposta de alteração ao estatuto político-administrativo dos Açores que será presente à Assembleia da República.

O líder do PSD/Açores considerou, entretanto, como «claramente positivo o balanço de instalação da autonomia».

Este processo, segundo Mota Amara,, «permitiu um grande avanço na identidade própria da região e seu desenvolvimento».

Mota Amaral vai fazer uma intervenção de cerca de duas horas no congresso para fazer o balanço das grandes realizações dos dez anos da autonomia e suas perspectivas futuras.

PSD de Braga ataca PS e PCP

A Comissão Política Distrital de Braga do PSD diz que «a oposição, e muito especialmente o PS e o PCP, apenas estão interessados em bloquear a acção do Governo» de Cavaco Silva, «em vez de se preocuparem com a defesa da estabilidde e dos reais interesses dos portugueses».

Em comunicado emitido, a propósito dos «recentes acontecimentos» na Assembleia da República em redor do Orçamento de Estado para 1986, aquela comissão política diz «não poder deixar de verberar e recriminar o comportamento irresponsável e antinacional do Partido Comunista, do MDP e do Partido Socialista, agora unidos em verdadeira frente popular».

Rego desmentiu apoio a Constâncio

Jaime Gama anunciou candidatura à sucessão de Mário Soares

Jaime Gama anunciou ontem a sua candidatura à liderança do PS, numa declaração de quatro parágrafos distribuída às agências noticiosas. O ex-ministro dos Negócios Estrangeiros afirma que «os contactos efectuados e os apoios recebidos lhe permitiram concluir haver condições necessárias e suficientes para a sua candidatura».

Esta declaração foi entregue ontem ao fim da tarde ao Grupo Parlamentar do PS em S. Bento. Hoje é entregue nos órgãos competentes do partido um documento com a síntese dos princípios programáticos, estatuários e estratégicos que Gama vai defender no Congresso de Junho, para «difusão e recolha de assinaturas».

Este dirigente socialista pretende fazer da sua candidatura «um factor decisivo de modernização do PS, na fidelidade à sua história, ao essencial da sua linha política e a um projecto de renovação da democracia portuguesa».

Ele apela a todos os que no PS o querem apoiar para que se organizem e iniciem desde já um trabalho responsável de constituição de listas de delegados. Este, no entanto, deverá ser feito sem prejuízo da preparação normal dos congressos federativos, os quais não se devem confundir com o congresso nacional».

Constâncio fala

Entretanto, Arons de Carvalho informou ontem que Vítor Constâncio vai fazer duas declarações públicas assim que for exonerado do cargo de governador do Banco de Portugal.

O primeiro candidato a disputar a sucessão de Mário Soares aguarda a decisão do Governo, que deverá ser conhecida em meados deste mês. Depois ficará como consultor do banco central até Junho.

As declarações públicas de Constâncio realizam-se em Lisboa e no Porto, nesta última cidade com a participação também de Tito de Morais, indicado para presidente do PS nas listas dos apoiantes de Constâncio.

Arons de Carvalho revelou às agências que está a ser preparada uma comissão nacional de apoio à candidatura de Constâncio, que integrará três ou quatro apoiantes por distrito, sindicalistas, autarcas e pessoas de prestígio nacional. Serão cerca de cem pessoas.

Rego desmente apoio

Entretanto, em Lisboa, o deputado socialista Raul Rego desmentiu que apoiasse Vítor Constâncio na luta da sucessão. Num esclarecimento publicado no «Acção Socialista», o presidente da Comissão Organizadora do Congresso (COC) diz ter ficado admirado com a inclusão do seu nome numa lista de apoio ao governador do Banco de Portugal. «Não dei o meu apoio a qualquer nome para a difícil sucessão», assegurou Rego.

Santo Tirso apoia

O secretariado do PS de Santo Tirso anunciou hoje o seu apoio à candidatura de Vítor Constâncio à liderança do Partido Socialista.

«Com essa candidatura avançar-se-á certamente para a consolidação de um partido moderno, prestigiado e credível, indispensável à construção de um Portugal novo» — diz um comunicado daquele órgão do PS.

Secção de Faro

Apenas uma lista vai concorrer aos órgãos da secção de Faro do Partido Socialista nas eleições que se realizam na próxima sexta-feira, apurou a NP.

Sob o lema «Unir a Secção, servir o partido», a lista é encabeçada por Fernando Sancho e Correia Martins para presidente da Assembleia Geral e Coordenador do Secretariado, respectivamente.

O documento a que a NP teve acesso refere que «apesar do incontestado peso político do PS, tem-se verificado uma acentuada diminuição da influência do partido na vida do concelho».

Sublinha-se ainda como «sinais evidentes de crise» a «reduzida participação partidária e o medíocre papel dos socialistas de Faro nas estruturas federativas do partido».

Os subscritores da referida lista consideram, contudo, que se «divisam sinais de mudança» propondo-se combater as razões dessa mesma crise.

Governador, precisa-se!

Delegação do Presidente iniciou consultas em Macau

O comandante Gomes Mota, presidente da delegação enviada a Macau pelo Presidente da República, afirmou à sua chegada ontem, àquele território, não trazer indicação de qualquer nome para substituir Almeida e Costa.

O ex-presidente da TAP manifestou a disponibilidade da delegação a que preside «e que inclui Sá Machado e Correia Gago) para recolher o maior número de informações que habilitem Mário Soares a escolher a pessoa indicada.

A delegação foi recebido pelo presidente da Assembleia Legislativa, Carlos Assumpção e por um representante do encarregado do Governo.

A consulta, de carácter não-vinculativo, que a delegação efectua, insere-se no âmbito do estatuto orgânico de Macau e incide sobre a Assembleia Legislativa e Associações Económicas, englobando o presidente da «Nam Kwong» e o «Cheng Peng», grupo que representa, em Macau, os interesses comerciais da China.

Contudo, nem o representante do «Cheng Peng», nem Man Kei, que é o presidente da Associação Comerical e a mais influente personalidade da comunidade chinesa de Macau, se encontram actualmente no território, prevendo-se o seu regresso só depois de 20 de Abril, de Pequim, onde participam em reuniões da Assembleia Popular da China.

A delegação iniciou hoje os seus trabalhos depois de apresentar cumprimentos no Palácio da Praia Grande ao encarregado do Governo, coronel Amaral de Freitas.

CDS propõe uma "rápida" revisão constitucional

A comissão directiva do CDS declarou «urgente o início de conversações construtivas» entre os partidos «que integram o arco constitucional», para que uma revisão da Constituição «rápida, eficiente e consensual».

No comunicado, divulgado a noite passada, o CDS congratula-se com a «convergência verificada na Assembleia da República, na sessão dedicada à comemoração do décimo aniversário da Constituição, por parte dos partidos que integram o arco constitucional, no sentido de rever as disposições vigentes em ordem a adequar os textos às novas condições de Portugal».

Entendem os centristas que a revisão deve ter «em vista a estabilidade governativa, a desprogramatização ideológica e a revitalização da sociedade civil portuguesa».

A comissão directiva do CDS anuncia no comunicado que vai criar «imediatamente um grupo de trabalho constituído por constitucionalistas, sociólogos e economistas que têm convergido com os objectivos do CDS».

"Notícias da Mulher" — novo semanário ainda este mês

Um novo semanário vai aparecer nas bancas a partir de 18 de Abril pelo preço de 25 escudos: trata-se do «Notícias da Mulher», uma publicação com formato tabloide especificamente a ela dedicado.

Dirigido por Maria de Lurdes Godinho, o novo jornal que sairá às sextas-feiras com vinte páginas pretende ser «uma opção diferente onde se vão inserir rúbricas que interessam prioritariamente à mulher como ainda diversos temas informativos.»

Eucaliptos: sim ou não à sua multiplicação?

Produtores de celulose defendem gestão florestal organizada

Defensores da multiplicação de eucaliptos em Portugal afirmaram no encerramento do seminário organizado pela Sociedade Portuguesa de Ciências Florestais, na Tapada da Ajuda, que a sua cultura não é excessiva nem constitui problema, mas que deve ser organizada. Um elemento da Associação de Empresas Produtoras de Pasta de Celulose (ACEL), a entidade mais interessada no seu crescimento, sublinhou ainda a necessidade dos produtores de eucalipto se organizarem em Associações ou Cooperativas, de modo a adquirirem um melhor nível técnico e a permitirem uma gestão organizada da produção.

O eucalipto é a principal matéria-prima para a produção da celulose e a sua cultura em Portugal ocupa 400.000 hectares da área florestal do país, que totaliza 3.200.000 hectares.

Para os representantes das empresas produtoras de celulose, a cultura do eucalipto não é excessiva. Com o objectivo de uma gestão eficaz desta espécie, que ocupa 4 por cento da área do País, e 12,5 por cento da área florestal portuguesa, a ACEL financiou um inventário do eucaliptal, de modo a planear a indústria do sector.

Durante o seminário que decorreu, durante dois dias no Instituto Superior de Agronomia e que visou «responder às preocupações quanto aos impactos ecológicos da florestação com espécies de rápido crescimento como o eucalipto», falando-se ainda da água e do solo, foi afirmado que a melhor maneira de garantir a floresta de lazer é gerir bem a floresta produtiva», de entre a qual se destaca, neste caso concreto o eucalipto. «A produção florestal não se deve alhear da indústria que lhe está a jusante, uma vez que não vai directamente para o mercado», sublinhou Ferreira da Silva, da ACEL. Este representante da Associação das Empresas Produtoras de Pasta de Celulose, frisou que «se a floresta produtiva tiver uma boa gestão não haverá pressões sobre a floresta de lazer».

Durante o simpósio foi referido como exemplo que a qualidade da água proveniente de uma bacia hidrográfica com 120 mil hectares de floresta natural de eucalipto abastece a cidade de Malbourne, na Austrália, apenas com um tratamento ligeiro.

O Simpósio contou com a participação de vários professores universitários portugueses e internacionais, nomeadamente do consultor da FAO, Claus Sries, docente da Universidade de Ciências Agronómicas da Suécia, para além de cerca de 250 técnicos portugueses ligados ao sector.

Cavalos cedem passo a ovinos na Feira Nacional de Agricultura

Os ovinos e os caprinos substituem o cavalo no pedestal que a Feira Nacional de Agricultura reserva, todos os anos, para os animais que mais contribuem para as potencialidades agrícolas nacionais e por excelência do Ribatejo. O cavalo cederá este ano, entre 6 e 15 de Junho, o passo aos ovinos e aos caprinos na XXIII Feira Nacional de Agricultura (FNA), ou XXXIII Feira do Ribatejo.

O maior certame do género em Portugal, que em 1985 se prolongou por doze dias (com o 10 de Junho e dois domingos de permeio), terá uma motivação diária (dois exemplos a correr: «Dia do Jovem Agricultor» e «Dia da CEE») durante as suas dez jornadas.

A Feira Nacional de Agricultura tem como objectivo principal ser o ponto de encontro privilegiado entre os agricultores e é o motor para a modernização da agricultura portuguesa. Terá, pela primeira vez este ano, representantes de todos os países membros da Comunidade Económica Europeia que virão a Portugal promover as suas próprias raças de gado e confrontar e partilhar as suas experiências neste sector.

Na sua edição do ano passado, a Feira da Agricultura — o maior local de exposições de maquinaria agrícola de todo o País — contou com cerca de 600 expositores nacionais e estrangeiros e com mais de um milhão de visitantes. Os organizadores esperam que este ano esses números sejam ultrapassados.

Colóquios e encontros sobre diversos temas agrícolas, exposições, concursos e leilões pecuários e actividades desportivas directamente ligadas à produção agrícola são alguns dos acontecimentos programados para este certame, onde se debaterão, prioritariamente, questões ligadas à beterraba, floresta e silvo-pastorícia.

Os jovens vão também ter um espaço e uma participação privilegiada, uma vez que no decorrer da Feira será promovido um Encontro Nacional de Jovens Agricultores e uma reunião do Conselho Europeu de Jovens Agricultores, organização que agrupa representantes das estruturas de jovens agricultores a nível da Comunidade Europeia.

Visitas guiadas a explorações agrícolas e pecuária, um Concurso Nacional de Equinos, o II Campeonato Nacional de Cavalo Árabe e um concurso de apresentação do cavalo de sela, são algumas outras atracções da Feira que contará, também, com um Festival Internacional de Folclore a realizar nos últimos três dias: 13, 14 e 15 de Junho.

Esclarecimento de Norberto Lopes sobre a Casa de Trás-os-Montes

«Num artigo publicado no seu jornal, assinado por Manuel Geraldo, que só hoje tive ocasião de ler, afirma-se que eu teria dito ao 'Diário de Lisboa', referindo-se aos concessionários do bar-restaurante da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro: 'Trata-se de uma família com muito bom trato, sendo Avelino Moreira um óptimo profissional por quem tenho profunda simpatia.' Ora a verdade é que não conheço o sr. Manuel Geraldo e que ninguém me fez, da parte do 'DL', semelhante pergunta, portanto, não podia haver, da minha parte, nenhuma resposta. O que posso afirmar, isso sim, é que tenho pelo presidente da Direcção da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, eng.º Tomás Rebelo Espírito Santo a maior consideração e sou alheio a qualquer litígio que se tenha suscitado entre ele e os concessionários do bar-restaurante daquela casa regional, à qual o eng.º Espírito Santo tem prestado assinaláveis serviços.»

INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

INSTITUIÇÃO PRIVADA DE SOLIDARIEDADE SOCIAL
FUNDADA EM 10 DE ABRIL DE 1929

PRÉDIO VENDE-SE EM LISBOA

Rua S. Francisco de Sales, 12 a 16

O imóvel é vendido tal como se encontra (pode considerar-se devoluto, visto ter apenas, ilegalmente, um ocupante), sem encargos para o vendedor e pela melhor oferta acima da

Base de licitação: 9.000 contos.

Recebem-se propostas em

INVÁLIDOS DO COMÉRCIO
Rua Alexandre Ferreira, 48-A
1700 LISBOA

até às 12 horas do dia 12/5/86, em carta fechada e lacrada, com a indicação exterior «Venda de Prédio» e contendo expressamente o preço oferecido, as condições e prazo de pagamento, além do nome e morada do comprador, sendo as propostas abertas no mesmo dia às 14 horas.

Na sede de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO e, durante as horas de expediente, prestam-se quaisquer outros esclarecimentos.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

Proc.º 76/83

O DOUTOR MANUEL JOAQUIM OSÓRIO, Juiz de Direito do Terceiro Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber que, na execução de sentença, que corre seus termos pela primeira secção deste Juízo, em que é exequente EURICO SOEIRO DE AMORIM PAIS MAMEDE e executada JOSÉ RIBEIRO — INDÚSTRIAS E COMÉRCIO, com sede na Av. de Pádua, 14 em Lisboa, foi designado o dia **21 de Abril do corrente ano**, pelas **10 horas** em Lisboa, à porta deste Tribunal, sito na Av. Almirante Reis, número cento e trinta, quarto andar esquerdo, para ser posta pela segunda vez em praça e arrematada pelo maior lanço que for oferecido, superior ao que se indica do bem penhorado à referida executada:

VERBA ÚNICA: Uma mesa vibradora, eléctrica, para fazer pré-fabricados, avaliada em dois mil contos.

O bem encontra-se na sede da executada, à guarda do fiel depositário, sr. Ilídio Godinho Ribeiro.

Lisboa, 7 de Março de 1986

O Juiz de Direito
Manuel Joaquim Osório
O Escrivão-Adjunto
Jorge Brazão Martins

D.L. 3/4/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

15.º JUÍZO

ANÚNCIO

Execução de sentença n.º 3083-B 3.ª Secção.

Exequente: Companhia de Seguros Império, EP.

Executado: Delcota — Sociedade de Representações e Publicidade, Ld.ª, com sede no Largo Abraão, Lote 108 6-A/B Queluz — Sintra.

Por este Tribunal correm éditos de vinte dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos daquela executada para, no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos. Para constar se passou o presente edital, que vai ser devidamente afixado.

Lisboa, 18 de Março de 1986

O Juiz de Direito
Viriato Manuel de Lima
Pl'o Escrivão de Direito
Helena Augusta Jorge Gonçalves

D.L. 3/4/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

13.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do anúncio, citando o réu JOSÉ NUNES CATARINO, ausente em parte incerta da Suíça, e com última residência conhecida na Rua do Convento, FUNDÃO, para no prazo de DEZ dias, findo o dos éditos, contestar querendo a acção, na qual a Autora pede a condenação do réu no pedido, que em extracto é o seguinte: ser o réu condenado a pagar à autora a quantia de 128 286$00 escudos, juros vencidos e vincendos à taxa legal, bem como as custas a que se refere o duplicado da petição inicial, que fica ao seu dispor na secretaria deste Juízo e 1.ª Secção.

Acção Sumária n.º 10 527 1.ª Secção.

Autora: Companhia de Seguros Império, E.P., com sede na Rua Garrett 56, Lisboa.

Réu: o supra indicado.

Lisboa, 14 de Março de 1986

O Juiz de Direito
Joaquim Nunes
O Escrivão de Direito
Gabriel de Andrade Amaro

D.L. 3/4/86 — 1.ª Pub.

Foi jornalista do "Página Um"

Réu não "arrependido" declara pertencer às FP-25 de Abril

Pela primeira vez desde que a 22 de Julho de 1985 teve início, em Monsanto, o julgamento do «caso FP», um réu não «arrependido» assumiu-se no Tribunal como militante das Forças Populares-25 de Abril. O facto ocorrido durante a 93.ª sessão do julgamento acabou por não constituir uma surpresa para os observadores que ainda permanecem em Monsanto. Com efeito, já há muito se murmurava nos bastidores que alguns dos réus do processo poderiam vir a assumir a sua militância nas FP-25 e Fernando Rodrigues da Silva, ontem chamado a depor, figurava na lista dos que reuniam as condições para tal.

Detido nos Olivais, em Lisboa, já após o início do julgamento e com processos pendentes noutros Tribunais por alegado envolvimento em acções reivindicadas pelas FP, Fernando Rodrigues da Silva, de 26 anos, foi militante do PRP, para onde entrou ainda em 1974, participou no congresso constitutivo da Organização Unitária de Trabalhadores (OUT) em 1978, foi jornalista do «Página Um», e acabaria, segundo disse, «por passar à clandestinidade» um ano depois, ao saber que tinha um mandado de captura contra si.

Foi na «clandestinidade» que, em Março de 1980, o convidaram a ingressar nas Forças Populares 25 de Abril, cujo surgimento público se daria um mês depois, com a distribuição «via petardo» de um manifesto. Durante a sessão de ontem, o réu considerou que a sua organização, foi vilipendiada pelo «arrependido» Macedo Correia, afirmou que as FP-25 nada tinham a ver com o Projecto Global de Otelo Saraiva de Carvalho, criticou outros co-réus pelo modo como puseram a nu, em Tribunal, a organização a que pertenciam e denunciou a «operação policial» que com o pretexto de ser contra as FP, acabou por «se virar contra um partido legal - a FUP».

Mas o que mais ressaltou durante o primeiro dia do seu interrogatório foi o quase «medir de forças» que ontem se esboçou entre o réu e o juiz-presidente, Adelino Salvado. Conforme comentou, no final, o próprio juiz, Fernando Rodrigues da Silva «começou a responder com toda a força», afirmando que com os seus esclarecimentos pretendia contribuir para o desmontar do que classificou de «provocação policial». No entanto, o réu ficou relativamente desarmado quando Adelino Salvado não aceitou, como adquirida a sua declaração de que pertencia às FP-25 de Abril.

«O senhor chega aqui e diz que é das FP-25, mas que credibilidade é que isso tem?» perguntou o juiz, após Fernando Rodrigues da Silva se ter negado a falar sobre as acções da organização em que participou, a sua estrutura e o tipo de armamento utilizado. O réu, depois de afirmar que «não estava muito preocupado em provar ao juiz se era ou não das FP», adiantou que não lhe «faria o jeito» de demonstrar, em Tribunal, o seu conhecimento sobre as armas da organização.

Adelino Salvado não gostou do comentário, acabando por dizer que «quem estava a fazer um jeito» era ele. Depois, mais calmo, explicou ao réu que se continuasse a esboçar ideias, sem factos lá dentro, o melhor era porem termo ao interrogatório. Fernando Rodrigues da Silva, que insistiu no carácter político do julgamento, acabou por aceder em fazer um reconhecimento visual das armas, uma vez que, disse, tal «poderia servir de prova» à sua afirmação de que é militante das FP-25 de Abril.

Acções

Mas se o réu cedeu neste ponto, manteve-se intransigente quanto à sua recusa em falar sobre a estrutura orgânica das FP e as acções em que teria participado. «Uma das normas da minha organização é a de não contar à Polícia ou ao Tribunal esse tipo de coisas», disse. «Posso, contudo, acrescentar, que um militante das FP, com o tempo de recrutamento que eu tenho, participou decerto em acções».

Instado pelo juiz-presidente, o réu explicou as razões que estão na base da actuação da sua organização. Sobre as «recuperações de fundos» (assaltos a bancos e tesourarias de empresas), Fernando Rodrigues da Silva disse que estas serviam para colmatar as necessidades de financiamento da organização e que o dinheiro daí resultante se destina também ao apoio às lutas de trabalhadores e lutas de libertação nacional de outros países. «Não aceitamos financiamentos externos porque sabemos que a dependência económica gera sempre uma dependência política», acrescentou.

Sobre os homicídios de Canha e Sá, administrador da Gelmar, e de Monteiro Pereira, da Fábrica de Louças de Sacavém, o réu disse que estas foram «acções exemplares» que se destinavam a intimidar outros administradores que, como os referidos, tivessem como missão «inviabilizar empresas e conduzir ao despedimento centenas de trabalhadores». O réu sublinhou, contudo, que antes das «acções exemplares» tinha já decorrido «toda uma longa luta que se esgotou na legalidade».

Arrependidos

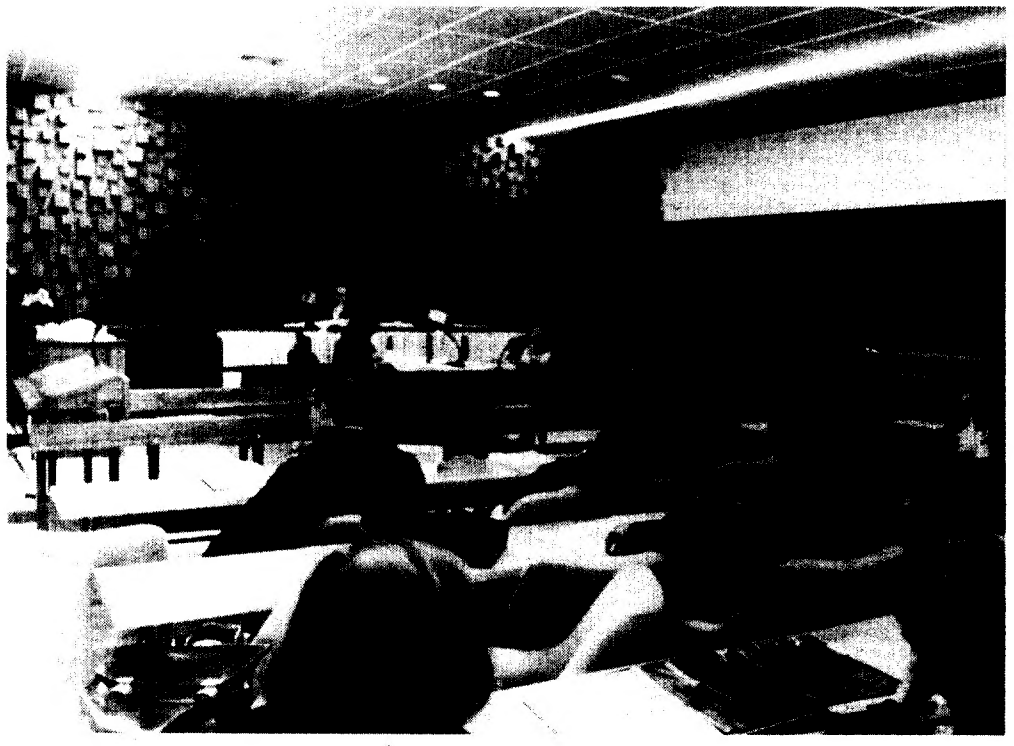
Mais tarde, o réu falaria também sobre o assassínio de José Manuel Barradas, um dos «arrependidos» do processo, afirmando que a «traição se paga com a morte». Fernando Rodrigues da Silva negou por outro lado, que o Barradas tivesse estado enquadrado nas FP. «Era amigo de alguns militantes da organização que se socorriam dele para acções pontuais».

No entanto, o réu admitiu que, devido às características da organização, não poderia declarar taxativamente que x ou y eram ou não militantes das FP. Sobre Macedo Correia, que afirmou ser um quadro da organização, o réu afirmou que tinha recolhido informações sobre ele que lhe permitiam afirmar que o «arrependido» tem «ligações com a Judiciária desde 1982, em troca da impunidade que a Polícia lhe terá dado em acções por ele praticadas no âmbito de uma quadrilha marginal».

Fernando Rodrigues da Silva disse ainda que conheceu Macedo Correia quando este foi correspondente, em Guimarães, do «Página Um», na mesma altura em que afirmou «ter estado a estudar em Inglaterra», e adiantou que, de facto, parte do material apreendido ao «arrependido» pertencia às FP-25, prometendo que ainda durante o julgamento se saberia o porquê de tal ocorrência.

De um modo mais geral, o réu, que nega o pseudónimo de Faia que lhe é atribuído na pronúncia, explicitou que a sua organização existe porque se «vive em Portugal uma situação de violência diária, uma democracia que lembra o escravismo e que permite a exploração sem olhar a meios». «Somos uma componente de luta ilegal para lutar contra a ilegalidade vigente. As FP-25 nunca apareceriam se a Constituição tivesse sido respeitada», disse.

CV



Anunciada redução de preços

Cooperativas leiteiras em situação dramática

As cooperativas leiteiras reunidas em Lisboa responsabilizaram o Governo pela retracção nas vendas de leite e produtos lácteos após o anúncio de que os respectivos preços iriam baixar.

Segundo a Federação Nacional das Cooperativas Leiteiras (FENALAC) registou-se uma quebra nas vendas, após o anúncio governamental de que o preço do leite iria baixar para quatro escudos, da ordem dos 40 por cento no leite UHT, num total de 14 mil litros contra metade em igual período de 1985.

Relativamente à manteiga encontram-se armazenadas mil toneladas contra 130 no mesmo período do ano transacto.

Esta quebra nas vendas representa um capital imobilizado no valor de cerca de 1400 mil contos com tendência para aumentar.

Perante a «dramática» situação económica das cooperativas, a FENALAC apresentou ao Governo várias propostas de entre as quais se destacam a efectivação imediata da baixa de preços do leite ao consumo e o pagamento dos prejuízos provocados pelo armazenamento.

A saída urgente de legislação sobre definição dos preços do leite ao consumidor e ao produtor, englobando os aumentos de custo de embalagem, subida da gordura de 2,5 para três por cento e os aumentos dos custos de transformação e comercialização, e o aumento do subsídio de refrigeração, foram outras propostas apresentadas, após a reunião, ao secretário de Estado da Alimentação.

As cooperativas federadas naquela organização representam 80 por cento do abastecimento de leite alimentar ao País.

Acidente sem vítimas em Albergaria

Colisão entre comboios paralisa Linha do Norte

Devido à colisão entre dois comboios, ocorrida pelas 4 e 30 desta madrugada, no troço entre Vermoil e Albergaria dos Doze, a cerca de 40 quilómetros de Coimbra, o trânsito continuava interrompido esta manhã nos dois sentidos da linha do Norte, estando a CP a colmatar a falha com autocarros que fazem o transbordo de passageiros entre aquelas duas estações.

Ambos os comboios envolvidos no acidente, que não provocou desastres pessoais, circulavam no sentido Porto-Lisboa, com destino ao Entrocamento, tendo a composição 20 066 avariado, pelo que a composição 20 092, que seguia em marcha moderada, foi nela embater.

Segundo referiu ao «DL» um porta-voz do Serviço de Relações Públicas da CP, a situação poderá ficar normalizada ao fim desta tarde, tendo o Sud-Express seguido pela linha da Beira.

Alta "em breve" para Eva Pinto

Eva Pinto, a primeira pessoa em Portugal a receber um coração novo «poderá ter alta em breve», segundo revela um comunicado do Hospital de Santa Cruz, em Carnaxide, onde se encontra internada. «A evolução do estado da paciente continua extremamente satisfatório», precisa o comunicado. Recorde-se que Eva Pinto, de 48 anos, recebeu, no dia 18 de Fevereiro deste ano, o coração de um homem que falecera em Coimbra, devido a um acidente de motorizada.

Marinheiro ferido a tiro nos Açores

No quartel do Comando Naval dos Açores, em Ponta Delgada, um marinheiro, de apelido Queirós e natural de Oeiras, ficou ontem à tarde gravemente ferido com um tiro de pistola na cabeça, pelo que teve de ser evacuado de urgência para Lisboa, num Boeing da TAP.

O Comando Naval dos Açores disse estar em curso um inquérito para averiguações ao incidente, embora, em princípio, se admita a hipótese de tentativa de suicídio.

Jovens estudantes do Porto

Vão fazer um bolo para entrar no "Guiness"

Uma comissão de jovens estudantes do Porto vai procurar confeccionar a maior torta do Mundo, a fim de ver a sua proeza incluida no «Guiness Book. Segundo revelou um elemento da comissão, o recorde actual cifra-se numa torta com 235 metros de comprimento, pretendendo-se agora aumentá-la para 280 metros, partidos em 9 mil fatias. A tentativa terá lugar nos próximos dias 12 e 13 do mês em curso, num centro comercial daquela cidade, estando o custo do bolo orçado em cerca de 400 contos.

Contestando o inquérito do Provedor de Justiça

Guardas prisionais desmentem "sevícias" em Vale de Judeus

Manuel Geraldo

O Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional, em declarações ao «DL», seguidas de comunicado distribuído ontem à noite, refuta acusações dirigidas contra alguns dos membros da classe, sobretudo da cadeia de Vale de Judeus, pelo provedor de Justiça, dr. Ângelo de Almeida Ribeiro, em conferência de Imprensa realizada na manhã do dia 12 do mês passado.

Pugnando pela dignificação profissional e funcional da classe a que pertencem, os guardas prisionais defendem paralelamente a necessidade de aperfeiçoamento profissional dos reclusos

Recorde-se que, nessa data, o dr. Almeida Ribeiro, a partir das queixas que lhe foram apresentadas por dois reclusos da cadeia de Vale de Judeus, em Alcoentre, que se afirmavam vítimas de espancamento por parte de guardas prisionais, mandou instaurar um inquérito cuja conclusão confirmava as acusações de José Rúbio e Énio Rodrigues, considerando-as, no entanto, como apenas uma «pequena amostragem» do que realmente acontecia naquele estabelecimento prisional.

No caso de José Rúbio, de 31 anos, a que o «DL» se referiu em primeira mão, com base no depoimento do seu pai, os guardas agressores «provocaram-lhe a cegueira», na sequência de um motim ocorrido em Vale de Judeus, em 22 de Setembro de 1985.

«No próprio dia e nos dias imediatamente a seguir ao motim –referiu o provedor de Justiça — e quando o mesmo estava completamente dominado, dezenas de presos, um a um, foram espancados, alguns selvaticamente, e mais de uma vez por dia ou em dias sucessivos, nas suas celas individuais, completamente indefesos, por grupos de guardas prisionais, em número de três ou seis».

Para o provedor de Justiça, que foi bastonário da Ordem dos Advogados, «tais agressões eram, em geral, praticadas com cassetes, murros e pontapés em todo o corpo, em alguns casos mesmo depois de as vítimas estarem prostadas no chão. Os guardas agressores, antes de iniciarem os espancamentos, tinham normalmente o cuidado de fechar a porta, a persiana e o postigo da cela e de tapar a boca ao recluso, para que os seus companheiros de prisão não pudessem ver os espancamentos nem ouvir os gritos das vítimas, num intento que, aliás, nem sempre conseguiram. Em regra, não deixavam que os espancados fossem, de seguida, ao médico ou à enfermaria, com a finalidade de não serem registados nas respectivas fichas clínicas os vestígios das agressões que haviam sofrido. Com o mesmo intuito, houve, pelo menos, tentativa de «boicote» por parte de algum pessoal da vigilância (guardas e respectivas chefias), a que técnicos de educação e de reinserção social contactassem com os reclusos espancados».

As acusações do dr. Almeida Ribeiro, que incidiam sobre o próprio director de Vale de Judeus, dr. Joaquim Gonçalves, concluíram que, mesmo já antes do motim de Setembro de 1985, «se verificavam espancamentos no estabelecimento em causa, embora com menor frequência, com alguns guardas a embriagarem-se durante o tempo de serviço, tornando-os assim mais agressivos, provocando frequentemente os presos no intuito de estes reagirem e, deste modo, arranjarem pretexto para os agredirem corporalmente».

«Salvos de celas a arder»

Confrontado com a posição do Provedor de Justiça, o Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional, cuja sede provisória funciona no edifício da Penitenciária de Lisboa, veio agora desmentir que «os guardas da cadeia de Vale de Judeus tenham proibidos aos reclusos acesso à assistência médica ou que tenham entrado de noite em celas para praticarem sevícias sobre os presos».

Para a estrutura sindical dos guardas prisionais, cujos principais dirigentes são Rogério Ribeiro e Ramiro Coutinho, ambos colocados no sector prisional da Polícia Judiciária de Lisboa, na Rua Gomes Freire, «o motim de 22 de Setembro de 1985, bem como a fuga em perspectiva, já estavam a ser planeados há algumas semanas, não tendo por isso na sua génese qualquer tipo de espancamentos sobre os reclusos».

O sindicato sublinha que o inquérito do Provedor de Justiça «não faz referência ao modo e condições em que decorreu o motim de 1985 e como este foi dominado» , afirmando que, na altura, «três guardas prisionais estiveram em perigo de vida, tento sido salvos por colegas que os libertaram de celas que estavam a arder e onde tinham sido encarcerados por reclusos amotinados».

Referindo-se concretamente ao caso «cegueira temporária do recluso José Rúbio», indicada como tendo sido provocada por espancamento de guardas prisionais, o sindicato defende que a mesma «ficou a dever-se realmente a espancamento, mas por parte de outros reclusos e devido ao roubo de um fio».

Para o sindicato, a situação prisional actual só pode ser alterada «se se tiver em conta a necessidade de formação e aperfeiçoamento profissional dos reclusos, com vista à sua reinserção social, e com a dignificação profissional e funcional dos guardas».

Voltando ainda ao inquérito do Provedor de Justiça, o sindicato diz lamentar que nele a imagem do guarda prisional não foi salvaguardada «tendo-se dado azo a desenvolvimentos fundados em preconceitos e à margem da realidade do estabelecimento prisional de Vale de Judeus», de que terão resultados, na sua perspectiva, os motins ali ocorridos novamente em 22 de Março já deste ano.

Recorde-se, a propósito, que na sequência dos motins de Março o director-geral dos Serviços Prisionais afirmou ao «DL» que os reclusos envolvidos na acção» tinham tentado apalpar-lhe o pulso», embora reconhecendo que as cadeias portuguesas em geral, e a de Alcoentre em particular, são verdadeiros «barris de pólvora». E como que para desactivar um pouco essa pólvora, o dr. Fernando Duarte actuou com mão pesada, distribuindo os 29 amotinados em prisões de alta segurança. Resta aguardar até quando irá ficar o rastilho controlado!...

Incêndio fez encerrar parcialmente Tribunal de S. João Novo do Porto

O Tribunal de S. João Novo, no Porto, está desde ontem encerrado parcialmente, por decisão colectiva dos seus juízes, que consideram não haver condições de trabalho depois do incêndio domingo no edifício — disseram, à ANOP, magistrados.

Os juízes Guimarães Dias e Emídio Teixeira, do primeiro Juízo Correcional daquele tribunal, disseram que «por impossibilidade material de se administrar justiça», deixará de haver, a partir de hoje, julgamentos, despachos de processos correntes e não será feita a distribuição de novos processos.

Mas, e apesar de não haver ainda um inventário do número exacto de processos que arderam, o Tribunal de S. João Novo assegurará os processos dos «réus presos», porque esses, disseram os dois juízes — «são sempre sagrados e terão sempre de ser julgados, nem que seja na rua».

A posição assumida pelos juízes quanto ao encerramento temporário do Tribunal de S. João Novo será hoje comunicada através de ofício ao ministro da Justiça.

«Vamos aguardar calmamente uma resposta do ministro da Justiça para que este caso se resolva urgentemente» disse o juiz Guimarães Dias, sublinhando que «esta paralisação não tem nada a ver com qualquer greve».

Cada um dos dez juízes dos cinco Tribunais Correccionais do Porto teve, em 1985, cerca de 1 300 novos processos.

Os dois tribunais criminais, com duas secções, tiveram um número menor, muito embora cada um dos processos seja mais volumoso.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

Caro amigo, certamente ficaste surpreendido quando, no tribunal, viste tanta gente a defender-te. Não contavas com isso e melhor do que ninguém saberás porquê.

Reparei nos olhos boquiabertos com que me fitaste, como terás reparado nos olhos boquiabertos com que te fitei.

Nunca julguei ver-te ali. Nem a mim próprio ali me julguei eu.

Nem tu julgaste ali ver-te a ti próprio. Estamos quites.

Malhas que o acaso tece. A propósito, já ouviste dizer que o acaso é marxista?

Mas pronto. Não paga a pena agora ficarmos para aqui a semear favas cozidas.

Francamente, devo dize-te que o meu primeiro impulso, quando soube do julgamento, foi abandonar-te à tua sorte. Tens cá um currículo, meu malandro! Mas depois olhei para a tua família. Tens parentes mais chegados, são da minha criação. Os teus irmãos, se os encontro na rua, atravesso o passeio para lhes falar.

Andámos um bocado às turras, mas enfim. Percorremos juntos momentos muito difíceis e as lágrimas comuns da alegria soldam talvez ainda mais do que as lágrimas da tristeza.

Vieram os teus primos, os teus tios, e olharam-me de maneira como se o teu destino no tribunal dependesse de mim.

E pronto, aqui estou. Estou. Todos os presentes são unânimes em declarar que o meu depoimento foi determinante para a tua vitória no tribunal.

Sem qualquer vaidade, com os pés bem assentes no granito do real, também acho que foi.

Mas, ó meu menino, a partir de agora vê lá como te portas, ouviste? Acabaram as carteiras no «metro», os assaltos aos mais indefesos, os palavrões, os insultos. Tens a última oportunidade para te tornares um homem de bem, depende agora exclusivamente de ti entrares para o Panteão ou para a Penitenciária.

Segue incluso algum dinheiro para ver se arranjas outros óculos, já que não podes arranjar outro nariz. Que diabo, depois de nos teres feito chorar — não nos queiras fazer rir.

Criado acolhimento a familiares de autopsiados no IMLL

O Instituto de Medicina Legal de Lisboa criou um serviço de acolhimento para familiares de pessoas autopsiadas, segundo um informador da instituição.

O especialista de Medicina Legal, José Costa Santos, disse à NP que este serviço tem como objectivo fundamental a recolha de informações relativas às circunstâncias da morte para marcha da autópsia em tempo útil.

«Uma equipa do IMLL constituída por um médico e uma enfermeira procede à recolha de informações, extremamente importante para completar os exames toxicológicos e a autópsia» — disse.

Este serviço, acrescentou, vai permitir uma recuperação de meios humanos e técnicos com repercussões no orçamento da instituição.

Aquele responsável referiu que a falta de informações da Polícia de Segurança Pública, Polícia Judiciária e Guarda Nacional Republicana por vezes não permite em tempo útil estabelecer o diagnóstico diferencial do acidente, suicídio ou homicídio.

Aquele médico referiu que a recolha de informações tem que ver com as circunstâncias em que o cadáver foi descoberto.

Este tipo de informação, disse, perde-se naturalmente entre a descoberta do cadáver e a entrada no Instituto de Medicina Legal.

O segredo das informações prestadas pelos familiares está salvaguardado pelos médicos, enfermeiros e pela instituição, sublinhou.

«Pensamos que com a recolha de informações em tempo útil nos será possível com maior rapidez chegar a uma conclusão válida» — acrescentou.

O médico do Instituto de Medicina Legal de Lisboa disse que esta recolha de informações deve ser entendida como uma medida de investigação — concluiu.

São ainda responsabilizadas por um divórcio

Duas falsas médicas julgadas em Oeiras

O Tribunal de Oeiras, presidido pela dr.ª Maria Barbosa, começou ontem a julgar duas mulheres, de 39 e 41 anos, acusadas de se intitularem médicas, e com tal darem «consultas», sem que para tal estivessem habilitadas. Durante a audiência foram ouvidos como testemunhas de acusação, o pai de uma criança alegadamente lesada, um agente da Polícia Judiciária e o marido de uma das presumíveis vítimas das falsas médicas.

O pai da criança disse que uma das rés ministrou ao seu filho «um líquido de tratamento caseiro com efeitos laxativos», quando ele tinha uma doença de intestinos. Quanto ao agente da Polícia Judiciária, relatou o desenrolar do processo a partir da detenção das rés e alguns pormenores sobre o aspecto interior da casa em que habitavam. No que se refere ao marido de uma das vítimas, ouvido por último, testemunhou o envolvimento pernicioso das duas rés na vida do casal, responsabilizando-as pelo divórcio.

A única testemunha de defesa presente ao tribunal afirmou que a sua sobrinha, solicitados os cuidados de uma das rés, melhorou com o tratamento à coluna por ela ministrado.

O julgamento prossegue na próxima terça-feira, a partir das 14 horas.

Mais duas adesões à Associação de Municípios

A Câmara Municipal de Vila Real de Santo António deliberou por maioria aderir à Associação Nacional de Municípios (ANMP), anunciou ontem a autarquia.

A proposta, apresentada pelo presidente do Município, fundamenta-se no facto de aquela associação ser «uma organização da exclusiva responsabilidade das autarquias, cujo objectivo é a constituição de um poder local forte e actuante».

Os vereadores da APU apresentaram declaração de voto, referindo não ter conhecimento prévio da ordem de trabalhos e, em particular, da própria proposta. Contudo, aquela força política disse estar de acordo com a adesão à ANMP «desde que sejam salvaguardados os princípios da autonomia e democraticidade do Poder Local».

A proposta de adesão à Associação Nacional de Municípios terá ainda de ser aprovada pela Assembleia Municipal, de maioria PS/PSD.

Também a Câmara de Angra do Heroísmo decidiu aderir à Associação Nacional de Municípios por considerar que esta organização «tem grande força nos planos nacional e regional».

Joaquim Ponte, presidente da edilidade, referiu que a decisão camarária parte ainda do pressuposto de que a Associação de Municípios é um importante interlocutor nas relações com o Governo, nomeadamente em matéria de dotações orçamentais para o Poder Local. Na opinião do presidente da Câmara de Angra do Heroísmo a Associação, além de permitir o acesso a apoios legislativos e jurídicos, facilita a troca de experiências na área da gestão autárquica.

S. R.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Secretaria de Estado do Ensino Superior

Direcção-Geral do Ensino Superior

INSTITUTO SUPERIOR DE ENGENHARIA DE COIMBRA

CONCURSO PÚBLICO INTERNACIONAL N.º ISEC-2/86, PARA FORNECIMENTO DE EQUIPAMENTO E MATERIAIS PARA FINS DIDÁCTICOS DESTINADOS AO INSTITUTO SUPERIOR DE ENGENHARIA DE COIMBRA

1 — ANÚNCIO

Faz-se público que vai realizar-se no Instituto Superior de Engenharia de Coimbra o Concurso Público Internacional n.º ISEC-2/86, ao abrigo do Empréstimo n.º 1793 PO concedido pelo BIRD, ao qual serão apenas admitidos fabricantes e/ou fornecedores de países membros do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento e da Suíça e com equipamentos produzidos e fornecidos por estes países, bem como concorrentes nacionais.

O referido concurso inclui vário equipamento e material para fins didácticos destinado aos Laboratórios de Química, Mecânica, Civil e Electrotecnia, bem como equipamento de Informática e Audiovisual.

As propostas ao referido concurso serão recebidas na Secretaria do Instituto Superior de Engenharia de Coimbra, Quinta da Nora, Coimbra, até às 16 horas locais, do dia 17 de Junho de 1986 e o acto público de abertura das propostas terá lugar às 9.30 horas, do dia 18 de Junho de 1986 na Sala do Conselho Directivo do Instituto Superior de Engenharia de Coimbra, e no mesmo endereço.

Para serem admitidos a concurso, os concorrentes terão de prestar uma caução provisória de Esc. 100.000$00.

Os processos do concurso encontram-se patentes no endereço acima, onde podem ser consultados de 2.ª a 6.ª feira, das 10 h às 12 h e das 14.30 h às 16.30 h.

Os processos estão também patentes na Direcção-Geral do Ensino Superior, Grupo de Equipamento, 7.º andar, Sala 178, Avenida 5 de Outubro, n.º 107, Lisboa.

Mediante o pagamento prévio da quantia de Esc. 2.000$00 os interessados poderão obter cópias do Caderno de Encargos e demais elementos do processo quando adquirido directamente na Secretaria do Instituto Superior de Engenharia de Coimbra ou US Dólares $30, quando remetido para o estrangeiro pelo correio, até 30 dias antes do prazo fixado para a entrega das propostas.

Todos os pedidos de informação devem ser remetidos a:

Instituto Superior de Engenharia de Coimbra
Quinta da Nora
3000 COIMBRA

Coimbra, 4 de Março de 1986.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO
(Eng.º José Manuel da Cunha Torres)

PRESENÇA COIMBRÃ

LOTARIA da PRIMAVERA

TALUDA
60.000 CONTOS
e ainda mais
25.215 PRÉMIOS
HABILITE-SE!
dia 4 anda a roda

Em entrevista à Angop

Presidente do SJ propõe encontro de jornalistas de expressão portuguesa

O presidente do Sindicato dos Jornalistas, José Pedro Castanheira, propôs um encontro de jornalistas dos sete países de língua oficial portuguesa, em entrevista divulgada pela agência angolana Angop.

Castanheira, agora regressado a Lisboa depois de ter assistido, em Luanda, ao Congresso da União de Jornalistas Angolanos (UJA), afirmou que se trata de um projecto antigo que «nunca foi materializado por razões de mera conjuntura a que os jornalistas estão completamente alheios».

A proposta foi apresentada no Congresso da UJA e os contactos já efectuados com Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe tiveram em geral uma «receptividade muito favorável».

Para José Pedro Castanheira, o encontro «será histórico no plano das relações entre todos os povos que utilizam o português».

Por outro lado, José Pedro Castanheira disse que o Sindicato dos Jornalistas não pode «limitar ou impedir» uma informação deturpada em Portugal sobre Angola, o que só poderá ser resolvido a nível do Estado português e por um maior conhecimento da realidade angolana pelos profissionais portugueses da Imprensa.

José Pedro Castanheira considerou que os problemas normais dos jornalistas em qualquer parte do mundo se tornam mais prementes em Angola, «devido aos problemas específicos no plano da informação» e ao facto de os jornalistas angolanos os discutirem agora pela primeira vez.

"Sim" do CCS ao novo director do "DN"

O Conselho de Comunicação Social deu parecer favorável «por maioria» à nomeação de Dinis de Abreu para director do «Diário de Notícias» — e de Helena Marques e Mário Betencourt Resendes para sub-director daquele matutino.

Quanto à exoneração de Mário Mesquita, «por motivos de ordem pessoal e por opção profissional», de director do mesmo jornal, o CCS deu parecer «unânime» à mesma.

Aquele organismo informou que «os jornalistas nomeados reiteraram perante o CCS a sua vinculação ao estatuto editorial do «Diário de Notícias», à Lei de Imprensa e à Lei 23/83 de 6 de Setembro designadamente em termos de independência perante o Governo, a Administração e os demais poderes públicos e de defesa da liberdade de expressão e confronto das diversas correntes de opinião, o pluralismo ideológico, o rigor e a objectividade de informação.»

STAL SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

SOLIDARIEDADE PARA COM OS SINDICALISTAS DA P.S.P.

A Comissão Executiva do STAL — Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local, ao tomar conhecimento da atitude prepotente, repressiva e de perseguição atroz do Governo de Cavaco Silva aos profissionais da PSP que lutam pela criação do seu Sindicato, nomeadamente ao «DESTERRAR» da cidade do Porto para Faro o Agente JOÃO CUNHA, com a acusação de ter sugerido a criação do Sindicato, vem publicamente manifestar o seu mais vivo repúdio por esta onda de repressão e perseguição a agentes sindicalistas.

Atitudes desta natureza devem ser banidas, de uma vez para sempre, do Portugal de Abril.

No próximo dia 2 de Abril comemora-se o 10.º Aniversário da Constituição da República Portuguesa, que contém designadamente:

ART.º 1.º

«Portugal é uma República soberana, baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular e empenhada na sua transformação numa sociedade sem classes».

Manifestamos a nossa total solidariedade para com o agente JOÃO CUNHA e todos aqueles que aspiram e lutam pela legalização da sua Organização de Classe.»

— FIM À REPRESSÃO!
— UNIDOS VENCEREMOS!

Santarém, 27 de Março de 1986

A DIRECÇÃO NACIONAL
(assinatura ilegível)

As razões de um Congresso em Braga

Não há diferenças entre as populações urbanas e rurais europeias

A escolha de Portugal e particularmente de Braga, capital de um Noroeste marcadamente camponês, para realização dum Congresso Europeu de Sociologia Rural, não terá sido um mero acidente. Na verdade, parte dos países europeus, especialmente os do Norte, podem explicar, e vieram fazê-lo aqui, que não há praticamente diferença entRe as suas populações urbanas e rurais, excepto quanto ao número de habitantes.

Em Portugal, fósseis sistemas rurais persistem, apesar de alguma visível modificação. A emigração dos anos sessenta para a Europa industrial acreditou-se que viria representar um poderoso factor de modernização, acentua a comunicação de Michel Toimard, da Univeraidade de Toulouse.

Comenta, porém, que «os primeiros estudos efectuados em Portugal levam a acinzentar grandemente este optimismo inicial. Os emigrantes mostram-se apenas dispostos a investir em estruturas já existentes, as economias de que dispõem conferem-lhes um estatuto de actores passivos, mas não repreesentam um papel de pioneiros e de empreendedores».

Lembraria ainda o mesmo orador que «as aspirações à estabilidade social e moral dos emigantes, como a vontade manifesta de jogar com as diferenças de desenvolvimento das duas sociedades nas quais se movem, parecem contraditórias com os processos de modernização introduzidos no meio rural originário pela eclosão da democracia portuguesa e de um poder local eleito democraticamente».

«Cadernos do Noroeste»: uma nova iniciativa

Uma nova publicação, «Cadernos do Noroeste», acabe de ser editada pela Universidade do Minho.

Coincidindo com a realização do XIII Congresso Europeu de Sociologia Rural, saiu ontem o primeiro número desta nova colecção, tendo como director Lima de Carvalho, da Universidade do Minho.

«Minho — Terras e Gentes» é o título deste caderno, uma edição especial que conta com a colaboração de vários sociólogos e etnólogos portugueses e estrangeiros. «Continuidade e Mudança: o Minho em Perspectiva Histórico-Sociológica», de Rui Feijó (Universidade do Porto) e Arriscado Nunes (Universidade do Minho) abre este primeiro caderno; «Agro-Sistemas» é um artigo de Eugénio de Castro Caldas (Universidade Técnica) e Ernesto de Figueiredo (Universidade do Minho); «Economia e Organização do Espaço Rural», de Álvaro Domingues (Universidade do Porto), «Perspectivas de Evolução da Estrutura Fundiária», de Américo Mendes (Comissão Coordenadora da Região Norte) e «Estratégias para a Reestruturação do Sector dos Vinhos Verdes», de Américo Mendes (CCRN), são outros artigos deste número de estreia dos «Cadernos do Noroeste».

O segundo dia de trabalhos

Estruturas de parentesco em Chãos iguais às de índios brasileiros

As estruturas de parentesco em Chãos, uma aldeia da Beira-Baixa, que só têm paralelo com as existentes entre os índios Apinayé, do Brasil, e com as das ilhas gregas de Kassos e Karpathos, e um estudo sobre as razões do conservadorismo dos camponeses do Norte de Portugal, foram alguns dos temas em discussão no segundo dia de trabalhos do Congresso de Sociologia Rural.

Em Chãos, aldeia da Beira-Baixa, as estruturas de parentesco são tão originais que só têm paralelo com as existentes entre os índios Apinayé, do Brasil, e as das ilhas gregas de Kassos e Karpathos. Armindo dos Santos, da Escola de Ciências Sociais de Paris, apresentou um estudo sobre este caso.

«Um sistema de parentesco original na Europa: o caso de uma aldeia do centro nordeste de Portugal» é o título da sua comunicação. Se o sistema de parentesco português observado na Vila de Chão pode ser caracterizado de forma clássica como sendo do tipo esquimó (do mesmo tipo que os outros sistemas europeus naquilo que todos eles têm de comum: terminologia dos primos, parentescos bilaterais, etc.), algumas das suas particularidades não correspondem à tipologia esquimó.

Na realidade, segundo o investigador, este sistema apresenta estruturas de parentesco muito originais e mesmo raras, se se excluírem um número reduzido de casos conhecidos: o dos índios Apinayé do Brasil e o das ilhas gregas de Kassos e Karpathos.

Fundado sobre um sistema de terminologia bilateral, o sistema estudado em Chãos actua pela filiação bi-linear (filiação dupla), segundo uma variante profundamente original. Ou seja, refere o sociólogo, pela existência de linhas femininas e masculinas distintas, de tendência matrilinear, que por sua vez previligiam as linhas dos avôs. Isto também no que respeita à transmissão do nome e dos bens.

Esta regra de filiação, associada à residência matriacal dominante que impede a dispersão espacial dos homens, tende a favorecer a constituição de grupos residenciais fundados sobre as linhas matriciais. Tudo isto resulta num controlo muito marcado pelas mulheres, com estratégias de herança que as favorecem. Esta estrutura de parentesco muito dinâmica ainda hoje coexiste com normas administrativas diferentes e é objecto de uma dualidade de uso entre identidade local e oficial.

O conservadorismo dos camponeses do Norte

O tradicional apoio dado pelos camponeses do Norte de Portugal aos blocos conservadores nos séc. XIX e XX é o tema da tese de doutoramento de Manuel Ferreira da Silva, do Instituto de Sociologia da Universidade de Amesterdão.

Segundo Ferreira da Silva, os camponeses são adversos ao risco e esforçam-se ao máximo por sobreviver enquanto camponeses e obter uma segurança mínima de existência, conquistando ou conservando as suas pequenas parcelas de terreno próprio ou arrendado e eventualmente as terras comunais, os baldios.

Além disso, segundo aquele investigador, os camponeses do Norte de Portugal aproveitam-se de todas as oportunidades possíveis e palpáveis para reforçar as suas posições enquanto camponeses.

No trabalho de campo que ainda está a efectuar, o sociólogo procura aprofundar ainda mais as razões de uma persistente atitude de «passividade» e «resignação» dos camponeses do Norte, que favoreceu e se tornou mesmo a principal força de apoio e de reserva do bloco conservador da sociedade portuguesa nos séc. XIX e XX.

Transmissão de propriedade em Fontelas

O modo de transmissão da propriedade em Fontelas, comunidade rural de Trás-os-Montes, é particularmente interessante, condicionado pelas seguintes características: casamento realizado muito tarde, uma alta frequência de grupos domésticos alargados e matriciais, e uma taxa de ilegítimos extraordinariamente alta.

Brian Juan O'Neill, do Instituto Superior de Ciências de Trabalho e Empresa, compara o caso de Fontelas ao de Pul Eliya, uma aldeia das montanhas do Ceilão, tornada célebre por um estudo efectuado em 1961 por Edmund Leach.

Em Fontelas, grupos de residentes controlam os recursos hídricos para irrigação de parcelas de terreno particularmente ricas, as cortinhas. No Verão, um complexo sistema de rotação permite a divisão das águas, na chamada «roda».

Entre os grupos sociais mais ricos onde a terra constitui a principal fonte de produção, é escolhido um herdeiro, que virá a ficar com a pequena propriedade, enquanto os co-herdeiros são lentamente forçados a permanecerem solteiros, a casarem fora da região, a emigrar, ou a cair na escala social.

Nas famílias mais pobres, o principal recurso é reprodutivo: os filhos e não a terra constituem a verdadeira riqueza.

Algarvios duvidam da qualidade do turismo para este ano

O vice-presidente da Associação das Indústrias de Hotelaria e Similares do Algarve (AISHA) disse que o sector encara com «algum cepticismo» o nível de qualidade do turismo esperado este ano na região.

Mário de Jesus sublinhou existirem «boas perspectivas» quanto ao fluxo turístico no Algarve, mas «sérias preocupações» quanto ao actual poder de compra dos principais mercados turísticos, nomeadamente a Grã-Bretanha.

«A rentabilidade que o turismo poderá dar este ano na região algarvia está ameaçada, devido à descida da libra e do dólar americano e canadiano e relação à data em que foram feitos os contratos com os estabelecimentos hoteleiros» — acentuou.

Para aquele responsável hoteleiro, a situação poderá vir ainda a recuperar se se concretizarem as medidas económicas previstas de desvalorização deslizante do escudo.

Relativamente à ocupação hoteleira registada no período da Páscoa no Algarve, época de grande afluxo turístico, nomeadamente de espanhóis, Mário de Jesus adiantou que ela foi «sensivelmente idêntica» à do ano passado.

A ocupação por quartos nos estabelecimentos hoteleiros na região no período compreendido entre 28 e 30 de Março foi de 80,65 por cento (80,91 por cento em 1985), enquanto por camas a ocupação verificada foi de 78,65 por cento (76 por cento em 1985).

Mais de dois milhões de passageiros no Aeroporto de Faro

O movimento do Aeroporto de Faro deverá ultrapassar este ano, pela primeira vez, a barreira dos dois milhões de passageiros, correspondendo a um aumento de mais de treze por cento em relação ao registado em 1985.

O Aeroporto de Faro, que é o segundo a nível nacional em termos de tráfego, deverá igualmente este ano registar um acréscimo de 11 por cento no número de aviões que passará de 14 711 para 16 340.

O sector da carga é aquele que, segundo as previsões da empresa pública dos Aeroportos e Navegação Aérea, irá registar no ano em curso a maior taxa de crescimento (15 por cento), prevendo-se que a carga movimentada atinja 1240 toneladas.

Em 1985 o aeroporto que serve a região algarvia foi aquele que maiores índices de crescimento verificou a nível dos três mais importantes do País (Lisboa, Porto e Faro).

No movimento de passageiros, o seu crescimento em relação a 1984 foi de 22,4 por cento, enquanto que no do Porto esse valor foi de 3,8 e no de Lisboa cerca de 3,2 por cento.

"Sem qualquer significado especial"

Espanhóis adiaram à última hora discussão de pescas no Guadiana

«Não tem qualquer significado especial o pedido de adiamento feito pelas autoridades espanholas ao Governo português quanto ao recomeço das negociações relativas ao acordo fronteiriço de pescas para a zona do Guadiana», disse esta manhã ao «Diário de Lisboa» o subdirector-geral de Pescas, Eurico Monteiro.

O pedido das autoridades de Madrid foi feito «à última hora», já ontem de manhã, acrescentou o subdirector-geral de Pescas que, instantes antes, havia anunciado ao «DL» que a reunião se realizaria, como tudo indicava, durante todo o dia de hoje, na capitania do porto de Ayamonte, conforme havia sido acordado entre os secretários de Estado das Pescas de Portugal (Borges Godinho) e de Espanha (Miguel Oliveira), no encontro de ambos, em 5 de Março, em Lisboa.

Eurico Monteiro frisou ao «DL» que os contactos mantidos na passada terça-feira de manhã com o conselheiro de Pescas da Embaixada de Espanha em Lisboa não faziam prever a hipótese de adiamento das conversações. No entanto, ontem de manhã, Portugal havia aceitado as razões invocadas pela delegação espanhola. «Foi a própria directora-geral das Pescas de Espanha (Pilar Garcia) que telefonou a pedir o adiamento, uma vez que apenas na segunda-feira havia regressado das férias da Páscoa que em Espanha são mais prolongadas que em Portugal», frisou Eurico Monteiro.

A reunião foi, pois, cancelada a pedido de Madrid, não tendo por ora, data marcada. O encontro destina-se a estabelecer o acordo fronteiriço de pescas entre Vila Real de Santo António e Ayamonte, o único que não faz ainda parte do acordo bilateral de pescas negociado entre os dois países no âmbito da adesão à CEE. Uma nova data deverá ser combinada entre as duas partes para ultrapassar o «conflito», havendo da parte de ambas as delegações vontade em que isso aconteça na próxima reunião.

Sem acordo, os pescadores de Ayamonte, Isla Cristina e Umbria não podem actuar nas águas nacionais portuguesas, nem os algarvios nas águas espanholas daquela área. Por resolver estão ainda as áreas a utilizar por cada país na região fronteiriça de Vila Real de Santo António e de Ayamonte, bem como a obtenção de algumas licenças por ambas as partes.

Os portugueses estão interessados na obtenção de licenças para a pesca de alcatruzes (capturas de polvo) e de tresmalhos (redes de emalhar de 3 panos). A parte espanhola pretende licenças para capturar o lagueirão com ganchorras em águas portuguesas, pretensão que não é bem aceite pelos pescadores portugueses em virtude desta espécie se encontrar muito próxima das praias.

Pescas investem 5 milhões de contos

O sector português das pescas deverá investir este ano cerca de cinco milhões de contos nos portos do continente. Os principais projectos de investimento no sector serão co-financiados pelas comunidades europeias através do Fundo de Orientação e Garantia Agrícola (FEOGA).

O secretário de Estado das Pescas afirmou ontem na posse do novo director da Escola Profissional de Pesca de Lisboa (EPPL) que tal volume de investimentos nunca foi feito, antes, em Portugal, estando neste momento a ser recolhidos os projectos acima referidos (a financiar pelo EPOGA) junto dos empresários dos vários portos a contemplar.

O secretário de Estado considera que o aumento do investimento e o esperado desenvolvimento do volume e da qualidade dos produtos de pesca em Portugal têm de ser acompanhados de uma melhoria da formação profissional dos profissionais do sector. «De há uns anos a esta parte a formação profissional tem sido completamente descurada e aí reside uma das debilidades graves do sector, um travão à dinamização do seu progresso», disse Jorge Godinho.

«No que respeita à comercialização — vincou aquele governante — e transformação dos produtos de pesca, foram já presentes à comunidade um primeiro conjunto de projectos totalizando cerca de 1,8 milhões de contos e está já em preparação o segundo conjunto de projectos, a ser apresentado já em 30 de Abril próximo».

Em 13 mil só 324 foram "à escola"

Número de pescadores formados é "preocupantemente baixo"

O número de profissionais formados pela Escola Profissional de Pesca de Lisboa, desde a sua criação em 1977, «é preocupantemente baixo» — considerou ontem o secretário de Estado das Pescas ao conferir posse ao novo director da Escola.

Numa população de mais de 40 mil profissionais inscritos, dos quais 13 mil operando em embarcações de pesca de nível industrial, apenas cerca de 120 receberam formação na categoria de marinheiros pescadores e 200 nas várias categorias de mestrança, sendo apenas quatro o número de mestres de alto pescador, escalão máximo na profissão — afirmou Jorge Godinho na cerimónia de posse, considerando tais valores como preocupantes.

Para o secretário de Estado, o desenvolvimento da formação profissional «é condição indispensável à operação eficiente das estruturas produtivas e à plena integração socio-profissional dos pescadores e outros trabalhadores das indústrias do sector na CEE.»

Jorge Godinho lamentou o facto de a formação neste sector ter sido desde há vários anos descurada, declarando que aí reside uma das debilidades graves do sector e um travão à dinamização do seu progresso.

«Uma estimativa grosseira aponta para a necessidade que teríamos em dispor a título imediato de mais de cinco mil profissionais na categoria de marinheiro pescador e cerca de 700 profissionais no conjunto das categorias de mestrança» — disse.

A alteração desta situação é uma das prioridades da Secretaria de Estado, pelo que irá ser implementado a breve trecho o plano de formação profissional descentralizado, que (através de centros de formação profissionais) a abrir ao longo da costa portuguesa, irá proporcionar a formação dos jovens nos primeiros escalões das categorias profissionais — referiu aquele responsável das pescas.

Álvaro Ribeiro Pereira, o novo director da EPPL que ontem tomou posse, tem 49 anos, é formado em engenharia técnica electromecânica e em electrotecnia e desempenhou funções na marinha mercante e na EDP, além de ser docente na Escola de Mestrança e Marinhagem nas disciplinas de automoção, controlo e desenho de máquinas.

A Escola Profissional de Pesca, criada em 1977, tem como atribuições preparar profissionais para as indústrias ligadas ao aproveitamento dos recursos vivos aquáticos, habilitando-os para o exercício da pesca, conservação e transformação do pescado.

A Escola ministra actualmente os cursos de marinheiro pescador, de contramestre pescador, de meste costeiro pescador e mestre do alto pescador, os quais correspondem aos diferentes níveis da carreira profissional de pescador.

A frequência dos cursos está aberta não apenas a portugueses, mas também a alunos estrangeiros designadamente provenientes de países africanos de expressão oficial portuguesa, que ao abrigo de acordos estabelecidos com o Governo português, se deslocam a Lisboa para frequentar a escola de pesca.

24 HORAS

Parlamento francês

A eleição de Chaban-Delmas, amigo do presidente socialista e do primeiro-ministro de direita, para a presidência da Assembleia Nacional poderá facilitar a coabitação que a França vai conhecer nos próximos anos — comentam os observadores. No entanto, a eleição do veterano combatente da resistência só foi conseguida em segunda votação, depois de, no primeiro escrutínio, ter ficado a três votos da maioria absoluta. À segunda volta, Jean Jacques Chaban-Delmas obteve 271 dos 547 votos expressos, numa tumultuosa sessão de abertura do Parlamento francês, com a Frente Nacional, de extrema-direita, a pôr em causa a substituição de deputados chamados a exercer funções governativas. Chaban-Delmas, antigo primeiro-ministro e por duas vezes presidente do Parlamento, é amigo de François Mitterrand e muito próximo de Jacques Chirac, primeiro-ministro, podendo portanto — segundo observadores — desempenhar um importante papel de charneira nas relações que se adivinham difíceis entre o líder do PS e o líder do RPR.

Congresso do PC Búlgaro

DECORRE desde ontem em Sófia o XIII Congresso do Partido Comunista da Bulgária, que conta com a participação de 2662 delegados e a presença de 131 representações de partidos estrangeiros. No discurso de abertura, o chefe de Estado e líder do PCB, Todor Jivkov, referiu medidas que vão desde os incentivos salariais até uma maior autonomia nas empresas com vista a «acelerar o desenvolvimento económico búlgaro». Estas medidas têm a ver com a autogestão praticada na Jugoslávia e com certas reformas introduzidas na Hungria há alguns anos. A Bulgária, com quase nove milhões de habitantes e um nível de industrialização que lhe valeu a designação de «Japão da Europa de Leste», tem sido afectada nos últimos anos por uma importante crise económica.

Assassínio no Chile

O líder de um partido político pró-governamental chileno foi assassinado a tiro num dia de distúrbios em Santiago do Chile e mais três cidades — informaram testemunhas. Simon Yevenez, de 42 anos, líder comunitário da União Democrática Independente (UDI), foi assassinado por um homem fardado que disparou a partir da porta do seu estabelecimento, num bairro pobre do Sul de Santiago do Chile — disse a viúva, Juana Flores. O assassínio de Yevenez surgiu no final de um dia de distúrbios em que pelo menos 50 pessoas foram detidas em todo o Chile. Sete outras pessoas, incluindo três polícias, ficaram feridas.

Desmobilização na China

UM quarto do Exército chinês, composto por cerca de quatro milhões de soldados, vai ser desmobilizado até final deste ano, como está previsto, informou o jornal «China Daily». Han Huaizht, vice-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, anunciou que, depois de o Exército popular de libertação ficar com menos um milhão de homens, os esforços vão ser dirigidos para o treino de oficiais, considerada tarefa primordial para a reestruturação e actualização da máquina militar chinesa. O líder chinês Deng Xiaoping ordenou, no ano passado, a redução daquele que é o maior Exército do mundo, estipulando o prazo de dois anos para a saída de um milhão de homens, metade dos quais oficiais.

Ofensiva angolana

O Governo angolano planeia lançar nas próximas semanas uma nova ofensiva contra os rebeldes e Washington já forneceu mísseis à UNITA para ajudar a repelir essa ofensiva — disse a rádio estatal sul-africana. A Rádio África do Sul, em comentário que reflecte as opiniões do governo de Pretória, disse que os Estados Unidos forneceram mísseis «Stinger» aos rebeldes da UNITA para permitir a este grupo repelir o ataque. O «Washington Post», por outro lado, noticiou a 30 de Março que o Governo do presidente Ronald Reagan tinha começado a fornecer secretamente aqueles mísseis à UNITA, mas Washington não confirmou a notícia.

Quatro mortos na explosão do avião da TWA

Grupo pró-líbio reivindica mas Kadhafy nega envolvimento

Três gregos e um norte-americano morreram e nove outras pessoas ficaram feridas quando um engenho explodiu a bordo de um jacto da TWA que voava entre Roma e Atenas, devendo seguir depois para o Cairo. Um grupo pró-líbio até agora desconhecido, as Células Árabes Revolucionárias — Células Revolucionárias Al Kassam, reivindicou o atentado, afirmando tratar-se do primeiro de uma série para vingar a «agressão imperialista norte-americana».

Kadhafhy desmentiu repetidamente o envolvimento líbio no atentado, apesar de anteriormente ter ameaçado atacar alvos norte-americanos, em retaliação pelos cofrontos entre os dois países registados a semana passada no golfo de Sidra.

«Como poderíamos nós fazer uma coisa dessas? Não conheco ninguém que poderia fazer isso. Os passageiros num voo destes seriam de várias nacionalidades, não apenas norte-americanos. Qualquer pessoa poderia ir naquele avião, até o meu filho mais pequeno» — argumentou Kadhafy.

Kadahfy disse que se a administração Reagan responsabilizar a Líbia por este atentado e utilizar o incidente como desculpa para enviar de novo a Sexta Esquadra para as costas líbias «isso significaria que a América fez esta encenação para criar uma justificação para atacar o país.»

Escusou-se, no entanto, a repetir as ameaças anteriormente formuladas de que haveria retaliações contra alvos norte-americanos devido aos confrontos no golfo de Sidra.

Reacção cautelosa

A administração Reagan decidiu abrir um inquérito ao atentado mas não acredita que a Líbia esteja por detrás do incidente, segundo uma fonte que pediu o anonimato.

Os agentes do FBI em Atenas receberam instruções da Casa Branca no sentido de apurarem as circunstâncias em que a bomba explodiu no Boeing 727 da TWA.

«Não pensamos que a explosão da bomba esteja ligada às ameaças líbias de retaliação, não é o estilo deles» — disse a fonte da administração Reagan, que falou na condição de não ser identificada.

O mesmo informador, citado pela agência Reuter, referi que aadministração Reagan pensa que o atentado tenha sido obra de um pequeno grupo de franco-atiradores e que poderiam decorrer semanas até ser possível obter pistas concretas.

As reacções norte-americanas ao incidente foram cautelosas tendos os porta-vozes da Casa Branca e do Departamento de Estado evitado referir-se à explosão como um acto terrorista.

Larry Speakes, porta-voz da Casa Branca, sublinhou esse aspecto, afirmando que a administração Reagan não possuía informações que lhe permitissem classificar o acto de terrorista.

Entretanto o presidente da Associação Internacional de Pilotos apelou em Nova Iorque a um boicote dos pilotos aos países «terroristas», citando a Líbia, Irão e Síria. Em entrevista a uma cadeia de televisão dos EUA, Tom Ashwood disse: «Deixaremos de voar para esses países e não deixaremos transportar pessoas que tenha saído desses países.»

De referir ainda que hoje os principais aeroportos londrinos foram postos em alerta máximo para impedir uma hipotética repetição do atentado terrorista.

As autoridadess chegaram a fazer um balanço de quatro mortos e um desaparecido, mas as operações de busca da quinta presumível vítima foram interrompidas quando se compreendeu que houvera um engano e que o homem dado como viajando a bordo do avião morrera há alguns meses.

Os mortos foram identificados como Alberto Stino, um norte-americano de origem colombiana, Dimitra Stylianopoulou, uma mulher grega de 52 anos, a filha Maria, de 25, e um bebé de três meses que se crê fosse sua neta.

Documentos de identificação de Andreas Stylianopoulous, marido de Dimitra, foram encontrados na mala desta, o que levou as autoridades a pensar que o homem estaria a bordo, quando na realidade morrera há meses.

Os corpos das vítimas foram encontrados, mutilados, na aldeia de Statheika, a quatro quilómetros de Argos, no Sul da Grécia.

A explosão deu-se quando o jacto sobrevoava a região.

Os mortos foram autenticamente «sugados» do avião através de um buraco causado pela explosão na parte da frente, do lado direito, do avião.

Entre os feridos contam-se seis norte-americanos e dois egípcios.

Funcionários do Aeroporto de Atenas afirmaram que a bomba deflagrou quando o aparelho voava a uma altitude de dez mil pés, sobre a parte Sul da Grécia.

Fontes policiais declararam que o capitão Dennis Taylor, de 56 anos, veterano da guerra do Vietname, foi capaz de fazer aterrar o Boeing 727 em segurança no Aeroporto de Atenas apesar do enorme buraco na fuselagem.

A agência Ana afirmou que o Boeing teria sofrido destruição total no caso de voar a uma altitude de vinte mil pés quando a explosão se deu.

O avião transportava 114 passageiros e sete tripulantes e começava a descer para Atenas quando se deu a explosão. Atenas era uma escala na viagem entre Roma e o Cairo.

A maioria dos passageiros iniciara a viagem em Nova Iorque e mudara de avião no Aeroporto Leonardo da Vinci, em Roma.

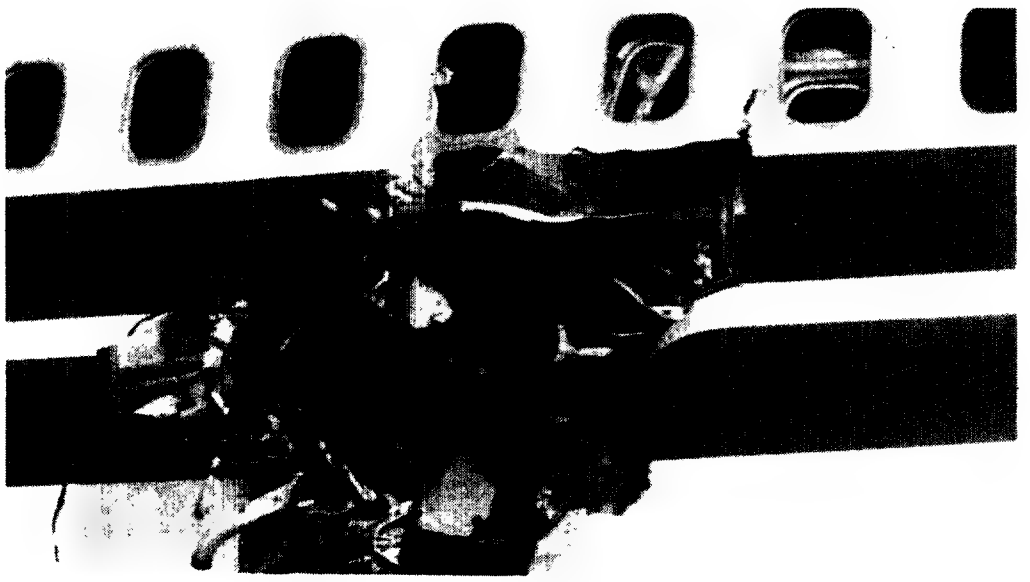
Em Itália, funcionários desse aeroporto afirmaram que foi feita uma inspecção completa ao avião, aos passageiros e à bagagem de mão destes, antes de ao Boeing 727 ter sido dada ordem para seguir viagem.

O senado italiano exigiu entretanto mais informações sobre o caso do ministro do Interior, Oscar Luigi Scalfaro, pretendendo saber nomeadamente por que motivo é permitido à TWA ter guardas privados de segurança no aeroporto.

O senador Luigi Franza, presidente do Comité de Defesa, ligou o atentado ao confronto entre forças norte-americanas e líbias, a semana passada, no golfo de Sidra.

Segundo fontes palestinianas em Beirute, o grupo que reivindicou o atentado poderá estar ligado ao grupi de Abu Nidal que, em ocasiões anteriores, já tem também utilizado a designação de Células Revolucionárias Árabes.

Entretanto chegou hoje a Atenas uma equipa de peritos da TWA para ajudar a determinar se a bomba se encontrava no porão de carga ou era transportada por algum passageiro.



Aspecto do rombo provocado pela explosão na fuselagem do avião da TWA

Kadhafy desmente

Muammar Kadhafy desmentiu quarta-feira qualquer envolvimento líbio na explosão registada a bordo do avião da TWA e preveniu contra o aproveitamento do ocorrido como desculpa para um ataque ao seu país.

«Trata-se de um acto de terrorismo contra um alvo civil e eu sou totalmente contra essa prática, rejeito-a» afirmou o líder líbio numa entrevista à agência norte-americana UPI.

Comércio com a RFA favorável pelo segundo ano consecutivo

Pela segunda vez consecutiva a balança comercial entre Portugal e a Alemanha Federal foi favorável ao nosso país, acusando um saldo positivo de 30,8 milhões de marcos em 1985 (cerca de dois milhões de contos), logo, mais 12,3 milhões do que o alcançado em 1984.

Esta conclusão retira-se do relatório anual da Câmara do Comércio e Indústria Luso-Alemã ontem divulgado, e em que se sublinha que a RFA está a reforçar a sua posição de maior parceiro comercial de Portugal. Este reforço deduz-se do facto de até final de Setembro do ano passado os fornecimentos alemães a Portugal terem aumentedo 21,2 por cento, isto é, de 1,6 para 1,9 milhões de marcos.

A Câmara do Comércio realiza hoje a sua Assemble a Geral Anual, e tem programado para o dia 11, em Lisboa, o habitual almoço-convívio dos seus industriais e comerciantes mais determinantes nos fluxos de bens e serviços trocados entre os dois países. Aguarda-se a participação nesse convívio do vice-ministro federal para a Investigação e Tecnologia, Albert Probst, que vem a Portugal exactamente para apoiar a intensificação das trocas «comerciais e industriais em domínios cada vez mais avançados.

Portugal, em 1985, importou da RSA bens das indústrias da alimentação e semimanufacturados de ferro. A importação de máquinas passou de 13,9 por cento para 14,1 por cento, ou seja de 229 milhões de marcos para 272 milhões o que prova a retoma da actividade de investimentos.

No entanto es relações ainda se encontram longe das de anos anteriores em que 18 a 20 por cento dos fornecimentos da RFA eram constituídos por máquinas.

Por sua vez, as exportações prosseguiram o aumento iniciado em 1982 e os sectores mais representativos continuaram a consolidar a sua posição o que permitiu até final de Setembro um acréscimo de 20,3 por cento, isto é, de 1,6 mil milhões de marcos para 2,0 mil milhões.

Os artigos de malha e outro vestuário de algodão atingiram uma participação de 18,3 por cento, os produtos têxteis terão, até, atingido, no total, mais de 30 por cento.

Em produtos electrotécnicos recaíram 20 por cento das importações e no calçado e couro, 7,3 por cento, percentagens que, em 1983, era apenas de 5,4.

No relatório anual da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã faz-se, ainda, referência ao facto de ser diminuta a participação dos investimentos alemães, em Portugal.

Em 1985 o volume de investimentos foi de quatro por cento encontrando-se, assim, a RFA na sétima posição. Mas há investimentos alemães feitos através de terceiros países. Nos últimos dois anos, estabeleceram-se seis fábricas de calçado alemãs, que, contudo, conforme mostra a experiência, iniciaram a actividade com um montante de investimento baixo e que só se expandirão, pouco a pouco, com o arranque da produção, tal como fazem as três fábricas de calçado mais antigas, que hoje têm mais de três mil trabalhadores.

Em 1985, as autorizações de investimento foram 53 por cento superiores às do ano anterior, tendo atingido 42,4 milhões de contos (cerca de 700 milhões de marcos).

Trata-se, em especial, de projectos industriais. A indústria do papel, extractivas e a química, respectivamente, com 20,9 e 10 por cento do capital foram os sectores beneficiados. De destacar, por outro lado, a participação de 21 por cento dos bancos como consequência da abertura do sector a investimentos privados.

Seis meses de salários em atraso na Cooperativa Agrícola do Mira

A Cooperativa Agrícola do Mira deve mais de 23 mil contos aos trabalhadores, o que corresponde a seis meses de salários em atraso — informou o dirigente sindical Hipólito Santos.

Aquele sindicalista, que pertence à direcção do Sindicato das Indústrias Alimentares, referiu que «a situação dos trabalhadores é insustentável» e que há casos de trabalhdores «em situações desesperantes».

Hipólito Santos salientou que a cooperativa tem actualmente uma divida de um milhão de contos à banca e que laboram na empresa cerca de 170 trabalhadores.

Um informador da direcção da Cooperativa confirmou a existência daquela dívida aos trabalhadores, mas não confirmou nem desmentiu o valor da dívida global da cooperativa à banca.

Salientou, ainda, que a recuperação da empresa está dependente da concretização de um projecto de viabilização que está a ser estudado pela banca desde 1981 «sem que tenham sido dadas respostas concretas até agora».

Entretanto , o informador da direcção da Cooperativa contactado pela Anop referiu que a dívida para com os trabalhadores tem vindo a ser amortizada com o pagamento de alguns vales.

A Cooperativa Agrícola do Mira está situada no Concelho de Odemira, no distrito de Beja, e é a estrutura económica mais importante da região, da qual dependem mais de mil e quinhentos pequenos e médios agricultores, para além de 170 trabalhadores.

Pedida a revogação do despacho sobre contribuições das empresas com salários em atraso

A União dos Sindicatos de Coimbra pediu a revogação do despacho que isenta as empresas com salários em atraso da entrega das folhas de contribuições para a Segurança Social.

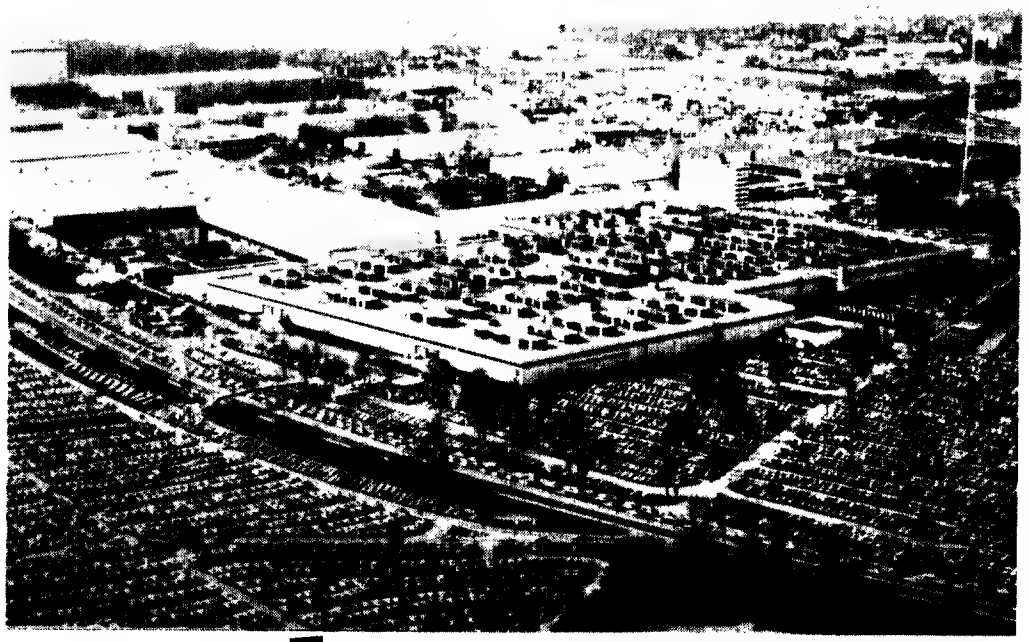
Para a União dos Sindicatos de Coimbra, o despacho conjunto das Secretarias de Estado da Segurança Social e do Emprego «viola despudoradamente os direitos da Segurança Social dos trabalhadores com salários em atraso».

«Esta medida, se for aplicada, priva aqueles a quem já é negado o direito elementar ao salário de, passados três meses sem entrega de descontos, receberem o subsídio de doença e, ao fim de um ano, do abono de família e outras prestações, e diminui os montantes das reformas» — considera aquela estrutura sindical.

Referindo que o despacho em causa «viola frontalmente a lei da Segurança Social e a Constituição», a União dos Sindicatos de Coimbra afirma, ainda, que «a escandalosa e inqualificável medida imposta pelo Governo merece o mais profundo repúdio, impondo-se, desde já, a revogação de tal despacho».

Dois pavilhões na feira de Hannover

A indústria portuguesa volta este ano a estar representada na Feira de Hannover, a Feira das Feiras da Alemanha Federal, que principia no dia 9 e termina a 16 de Abril. A presença da indústria portuguesa ganha vulto na mostra mundial da iluminação doméstica (candeeiros e lâmpadas) em que está representado por dois pavilhões. A Feira de Hannover (foto) reune cinco mil e quinhentos expositores de todo o Mundo e prevê-se seja este ano visitada por 600 especialistas do comércio e indústria de cem países.



Até ao dia 8

Barcos do Barreiro vão parar durante as horas de ponta

Os barcos da CP que efectuam carreiras entre o Barreiro e Lisboa vão paralisar de hoje a 8 de Abril, inclusive durante as horas de ponta — informa a empresa dos caminhos-de-ferro. O período de paralisação terá efeito das cinco às sete horas e das 17 às 19 de cada dia.

A população utente destes serviços manifestou indignação contra esta greve junto dos serviços da empresa no Barreiro, devido ao transtorno que isto lhe vai causar por se tratarem precisamente das horas de entrada e saída dos empregos.

Banco de Investimento concedeu créditos de 5,3 milhões em 85

O Banco Português de Investimento, o primeiro banco privado após a nacionalização do sector, teve um lucro superior a 200 mil contos em 1985, segundo o relatório e contas agora distribuído.

O crédito aprovado em 85 foi de 5,3 milhões de contos o que representa um crescimento da ordem dos 60 por cento.

A distribuição sectorial e regional que caracteriza as operações de crédito aprovadas não se alterou relativamente a 84, sublinhando-se que a indústria transformadora continuou a caber a maior parte do valor global.

Greve dos TIR foi prolongada até à revisão do contrato

Os trabalhadores dos Transportes Internacionais Rodoviários (TIR) do terminal de Alverca decidiram prolongar a greve que desencadearam no dia 31 até à revisão do contrato colectivo de trabalho do sector.

Um elemento da Federação Sindical dos Trabalhadores Rodoviários (FESTRU) indicou também que a associação patronal do sector (ANTRAM) cancelou ontem uma reunião que deveria ter prosseguido a negociação do acordo salarial. Há dois anos que a associação não negoceia qualquer acordo para o sector com os sindicatos integrados na Federação.

Segundo a Federação, a associação patronal pretende conceder apenas 16 por cento de aumentos e quer alterar a definição de funções dos motoristas, perante reivindicações que apontam para aumentos da ordem dos 21 por cento.

A greve no sector foi desencadeada em 31 de Março e abrangeu de início também os trabalhadores dos transportes do circuito nacional. Desde segunda-feira, sete centenas de camiões ficaram por descarregar. No terminal de Alverca estão parados 200 camiões e outros tantos nos seus acessos.

A greve, que deveria ter terminado em 1 de Abril, foi prolongada devido ao impasse nas negociações e abrange agora só o sector dos transportes internacionais.

Uma fonte da associação patronal disse que as negociações estavam a decorrer normalmente e que na véspera da última reunião que se deveria ter efectuado surgiu de surpresa o pré-aviso de greve.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51$00	57$00
ALEMANHA FED. (marco)	63$90	65$10
ÁUSTRIA (xelim)	9$05	9$25
BÉLGICA (franco)	2$977	3$177
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	108$60	110$10
(notas de 5 a 1000)	109$10	111$60
DINAMARCA (coroa)	17$30	17$70
ESPANHA (peseta)	$992	1$112
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	151$60	155$10
(notas de 5 a 1000)	152$10	155$60
FINLÂNDIA (marka)	28$80	29$40
FRANÇA (franco)	20$80	21$50
HOLANDA (florim)	56$70	57$80
IRLANDA (libra)	194$55	198$55
ITÁLIA (lira)	$086	$096
JAPÃO (iene)	$819	$854
NORUEGA (coroa)	20$70	21$25
REINO UNIDO (libra)	223$35	227$85
SUÉCIA (coroa)	20$45	20$95
SUÍÇA (franco)	76$75	78$25
VENEZUELA (bolívar)	6$75	7$75

Observações:

1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Já apresentado na Assembleia

Criar empregos em Setúbal pretende projecto do PS

O PS apresentou na Assembleia um novo projecto de lei que visa criar incentivos à criação e desenvolvimento de empresas no distrito de Setúbal com vista à criação de novos empregos na região.

Na sua elaboração, os proponentes tiveram em conta a experiência estrangeira em zonas também industriis e degradadas do Reino Unido e da Espanha.

O diploma prevê a criação de incentivos fiscais e infra-estruturas para empresas que criem novos empregos nos concelhos de Setúbal, Almada, Barreiro e Seixal.

Inclui isenção de contribuições dos empresários e trabalhadores para a Segurança Social durante três anos e redução de 50 por cento das mesmas contribuições durante os três anos seguintes, «ficando todavia os trabalhadores ao abrigo de todos os benefícios como se descontassem nos termos legais».

Inclui também dispensa de processos burocráticos, assistência técnica gratuita para a elaboração de projectos de investimento, para a organização da administração da empresa e no que respeita à consulta e conselho económico.

«Nunca houve em Portugal um projecto deste género e com esta amplitude» — disse António Barreto, um dos subscritores, ao apresentar o diploma aos jornalistas.

No preâmbulo, o projecto fala dos «terríveis efeitos» que as transformações dos últimos 15 anos tiveram no distrito, sobretudo no que se refere ao desemprego e diminuição dos rendimentos das famílias.

Considera, depois, não ser praticável o deslocamento maciço de populações «excedentárias» para outras regiões ou mesmo o seu regresso à agricultura.

«Em conclusão, as populações residentes na área, apesar de serem de recente implantação, têm já tradições e encontram-se relativamente enraizadas: a maioria é já de, pelo menos, segunda geração» — explica ainda o texto.

«A situação é tal que a região de Setúbal, e especialmente alguns concelhos, necessita de medidas excepcionais, tanto parcelares como globais.»

«Deve mesmo esperar-se que em breve esta região possa vir a ser considerada «área de cooperação integrada», de acordo com a metodologia seguida na CEE» — acrescenta o projecto.

«Seria também recomendável que o Governo, de futuro, elabore legislação sobre o que poderiam ser «áreas prioritárias de re-industialização» — acrescenta o diploma.

O regime criado por esta lei «pretende-se experimental» apenas, deverá vigorar durante seis anos, mas «poderá servir de exemplo ou de antecedente para intervenções similares noutras regiões».

PREVINCÊNDIO-SOCIEDADE DE SEGURANÇA, PREVENÇÃO E PUBLICAÇÕES DE SINISTROS, LIMITADA

Certifico que por escritura de 18/3/1986 lavrada de folhas 29 verso a folhas 31 do livro número 138-G do 20 º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Lic. Carlos Maria Chagas, foi constituida uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regerá pelo pacto constante dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação de PREVINCÊNDIO-SOCIEDADE DE SEGURANÇA, PREVENÇÃO E PUBLICAÇÕES DE SINISTROS, LIMITADA, vai ter a sua sede na Rua Dois, letras L C , no Bairro da Serafina, freguesia de Campolide, concelho de Lisboa, e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

Segundo — O objecto da sociedade é a comercialização de material de incêndio, de protecção e segurança contra sinistros, prestação de serviços de prevenção, protecção segurança e extinção de sinistros e de publicações relativas a tais finalidades.

Terceiro — O capital social é de trezentos mil escudos, está integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios: Manuel Joaquim Antunes, uma quota de cento e cinquenta mil escudos e José Fernandes Lopes Dias, uma quota de cento e cinquenta mil escudos.

Quarto — A cessão de quotas entre sócios e destes a seus filhos, cônjugue e irmãos é livre; relativamente a terceiros depende do consentimento expresso do sócio não cedente, que terá direito de preferência na alienação da quota.

Quinto — A sociedade é representada activa e passivamente, quer em juízo, quer fora dele, por dois gerentes, ficando desde já nomeados gerentes com dispensa de caução, ambos os sócios.

Parágrafo Primeiro — Para obngar a sociedade em todos os actos que importem a alienação ou oneração de bens pertencentes ao activo imobilizado da sociedade é necessário a assinatura de ambos os gerentes ou de representantes seus, obrigando-se a sociedade nos demais actos por uma só assinatura.

Parágrafo Segundo — Quer a sociedade, quer os gerentes podem constituir mandatários

Parágrfo Terceiro — Os gerentes nãõo podem obrigar a sociedade em fianças, abonações ou contratos estranhos aos fins sociais.

Sexto — Os sócios podem negociar com a sociedade bem como exercer actividade similar à constante do objecto social.

Sétimo — As quotas que sejam penhoradas ou arrestadas poderão ser amortizadas pela sociedade pelo valor que lhe tiver sido atribuído no último balanço aprovado.

Oitavo — A sociedade dissolver-se-á nos casos consignados na Lei, ficando desde já os sócios gerentes nomeados liquidatários.

Nono — As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com, pelo menos, oito dias de antecedência, desde que a lei não exija outras formalidades.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial que vai conforme o original no qual nada há em contrário ou além do que se certifica.

Lisboa, aos 20 de Março de 1986.

A Ajudante
(JOAQUINA RITA GIÃO DE RODRIGUES FALCATO)

«DL» — 3/4/86 — 1.ª Pub.

Misto de acções e obrigações

Empresas e bancos do sector público vão emitir títulos de participação

A Portucel manifestou ao Governo a intenção de proceder ao lançamento de uma emissão de quatro milhões de contos em títulos de participação este ano, informou o gestor Mário Baptista.

Este é «o instrumento mais adequado, no actual panorama financeiro, para a Portucel financiar os seus planos de expansão, que atingem 50 milhões de contos de investimentos em três anos», defendeu Mário Baptista, do conselho de gerência da empresa, em declarações à ANOP.

Os títulos de participação têm como característica funcionarem parte como obrigação, garantindo um rendimento fixo, e parte como acção, donde resulta um rendimento variável, em função dos resultados da empresa ou de outro indicador escolhido para o efeito.

Além disso, os títulos apenas são reembolsáveis a dez anos, o que permite às empresas financiarem-se a curto prazo, repercutindo o seu pagamento no longo prazo.

Anexos do Orçamento de Estado entregues pelo Governo na Comissão Parlamentar de Economia, Finanças e Plano indicam que cinco empresas públicas solicitaram autorização para proceder à emissão de títulos de participação, além da Portucel. São elas a Tabaqueira, que pretende uma emissão de quatro milhões de contos, o Metropolitano (três milhões), a EPAL (dois milhões) e a EDP (15 milhões de contos).

Uma fonte do Metropolitano disse que a emissão de três milhões de contos servirá para proceder a investimentos no cumprimento do programa de expansão da rede subterrânea.

O secretário de Estado do Tesouro, Tavares Moreira, revelou que a autorização para o lançamento destas emissões não visa diminuir artificialmente o défice do Orçamento de Estado para 1986, porque «as indemnizações compensatórias para as empresas públicas de transporte são suficientes».

Segundo aquele membro do Executivo, a emissão de títulos possibilita às empresas públicas o seu financiamento a curto prazo com vantagens, pois «a taxa fixa a pagar nos primeiros anos é muito baixa, enquanto a remuneração variável depende do volume de negócios».

Tavares Moreira justificou a possibilidade de algumas destas empresas, que não têm obtido bons resultados nos últimos anos, serem autorizadas a emitir títulos de participação, com o facto de disporem de «uma boa situação patrimonial», como é o caso do Metropolitano de Lisboa.

Em entrevista recente à ANOP, o secretário de Estado afirmara que só seriam autorizadas a proceder a emissão destes títulos, instituições que dessem garantias aos investidores, até para que fosse possível enraizar no mercado financeiro nacional este instrumento, que é muito recente. Ele considerou suficiente o actual número de pedidos de emissões, considerando que apenas faltam nove meses para o final do ano.

Além das empresas públicas atrás referidas, solicitaram autorização para proceder a emissão de títulos de participação, no montante de três milhões de contos cada, quatro bancos nacionalizados: Português do Atlântico, Pinto& Sotto Mayor, Espírito Santo e Totta & Açores.

Rendimentos dos agricultores europeus baixaram 13,5 por cento em 1985

O poder de compra dos agricultores baixou 13,5 por cento em média na Comunidade, em 1985 relativamente ao ano anterior — revelam dados do Comité das Organizações Profissionais e Agrícolas da CEE (COPA).

Em estudo divulgado pela NP, aquela organização considera que as duas principais razões da baixa dos rendimentos dos agricultores se devem a uma baixa do volume da produção no sector dos produtos vegetais e animal, assim como a uma depressão dos preços no produtor, na maioria dos sectores.

No seu conjunto, o volume total da produção decresceu 1,7 por cento em 1985, tendo sido a queda mais importante registada no sector dos cereais, em oposição à boa colheita de 1984.

Para o COPA, organização que representa e defende os interesses dos agricultores no seio das instituições comunitárias e que tem como objectivo assegurar aos agricultores uma progressão dos rendimentos e condições de vida e de trabalho comparáveis às outras actividades profissionais, as más condições metereológicas tiveram papel importante no sector dos cereais mas também no dos frutos, legumes e vinho onde a produção registou também um decréscimo em 1985.

No sector da carne ovina e do leite, a quebra foi igualmente sensível. Mas deveu-se sobretudo à redução do número de cabeças de gado bovino no decurso dos dois últimos anos.

De acordo com as estimativas, os preços no produtor sofreram uma depressão em praticamente todos os sectores, ao aumentarem apenas 0,8 por cento em média, em relação à taxa de inflação geral que se elevou a pouco mais de cinco por cento.

Esta situação deverá ser atribuída a uma série de factores de que aquela organização destaca a boa colheita em 1984, a persistência dos problemas de equilíbrio de mercado e as medidas restritivas tomadas a nível comunitário tanto em matéria de preços como da gestão do mercado.

O único factor positivo em 1985 foi a tendência dos custos agrícolas que aumentaram apenas 2,4 por cento — considera o estudo.

Este bom comportamento dos custos deve-se sobretudo à quebra dos preços dos alimentos para o gado, por seu turno reflexo dos preços deprimidos dos cereais e da queda do dólar — observa aquela organização que agrupa representantes dos produtores agrícolas dos países membros.

Mas os resultados médios da Comunidade escondem diferenças significativas entre os doze Estados membros, resultantes não apenas das diferenças de estruturas de produção e de custos mas também das más condições climatéricas que afectaram os países do Norte da Europa em 1985.

Face aos resultados dos últimos anos e tendo em conta o impacto que o clima pode ter nos rendimentos agrícolas, a COPA prevê a manutenção da tendência para a baixa dos rendimentos.

No decorrer do último decénio (de 1973 a 1985) o poder de compra dos agricultores diminuiu perto de 24 por cento no total, em média na Comunidade — referem os dados estatísticos.

Se se considerar o ano de 1985, e em comparação com 1973/74/75, o rendimento dos agricultores é, actualmente, 30 por cento inferior aos rendimentos obtidos nos anos 70. Em contrapartida, as remunerações, médias no conjunto da economia aumentaram perto de 19 por cento no mesmo período.

Para aquela organização, onde se encontra representada desde Janeiro, a Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP), a quebra dos rendimentos deve-se mormente a uma deterioração dos termos de troca dos agricultores, os preços dos «inputs» agrícolas tendo aumentado muito mais rapidamente que os preços no produtor, assim como a um abrandamento do êxodo da mão-de-obra agrícola, reflexo da deterioração da situação económica geral.

Os dados referidos não têm em conta os dois países ibéricos que aderiram à Comunidade no início do ano.

Sindicato dos Quadros Técnicos desconfia do Secretariado Executivo da UGT

A direcção do Sindicato dos Quadros Técnicos de Estado manifestou «total desconfiança e Censura em relação à actuação do Secretariado Executivo da UGT», em carta dirigida ao Secretário-Geral da UGT, Torres Couto.

O documento salienta que o Sindicato dos Técnicos de Estado (STE) «orgulha-se de ter sido um dos fundadores da União Geral de Trabalhadores enquanto cúpula coordenadora, dinamizadora e representativa de um projecto sindical democrático».

A carta, subscrita pela direcção do STE, manifesta preocupação com a «utilização da central (sindical) para se tentar esvaziar alguns sindicatos e criar outros».

«Como suporte dessa política, a UGT tem vindo a sustentar financeiramente algumas estruturas sindicais enquanto em relação a outras não é concedido qualquer apoio, nem sequer para acções de formação» — afirma a Direcção

«A estes — acrescenta — exigido somente que paguem as quotas e, quando chega a hora da reunião dos órgãos representativos, nomeadamente o Conselho Geral e o Congresso, o maior número de delegados é dos sindicatos criados «administrativamente» e de raiz pela UGT e por esta financeiramente suportados, principalmente pela via dos apoios internacionais que para eles canalizam, dado que lhes duplicam ou triplicam, ficticiamente, o número de sócios».

Romance das profissões

Mena de Brito: da patinagem artística à pintura

Neves de Sousa

Menina e moça, desfilava sobre patins: aluna da campeã Maria Judite, «**tinha de ser benfiquista**». Praticava ginástica, gostava de hóquei; hoje, faz karaté e tem um ano de «dança-jazz» na Casa do Pessoal da Misericórdia de Lisboa. Mas, não é famosa no campo desportivo: o nome ganhou asas nas artes plásticas.

Mena de Brito é lisboeta. Melhor: Maria Filomena Lourenço Mendes de Brito nasceu a 26 de Agosto de 1955, nesta capital do reino. Família com raízes artísticas: o bisavô (João Vitória) nunca frequentou qualquer conservatório mas criava instrumentos musicais e elementos didácticos sobre música, a avó (Isabel Vitória) foi pianista. A mãe (funcionária na Misericórdia de Lisboa) e o pai (escriturário no Automóvel Clube de Portugal) encaminharam a filha para o Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho: a professora Marta Teles deu à futura pintora o primeiro incentivo dentro do campo das artes plásticas. Apanha-se depois Mena de Brito já na Escola Superior de Belas-Artes. «**Desenhava coisas realistas e também um pouco dentro do inventivo. Mas, sobretudo, era paisagista.**» Mena iria transitar para o surrealismo e, em 1974, na Bertrand, com Vasco Granja, preenche um painel sobre Banda Desenhada. «**Bual e Moita Macedo aparecem nessa minha fase** (diz a pintora) **ajudando muito esta aluna que ainda hoje quero ser.**»

Assume ar circunspecto:

— **Tenho tido várias etapas artísticas e entendo que isso tem sido útil. Desenhava e coloria, sem influência de poetas do fantástico (Chagal, Dali) mas muito cedo comecei a ligação ao imaginário, fruto (quem sabe?) de uma certa convulsão interior.**

A pequena distância, Mena de Brito dá a sugestão de um vulcão em descargas. Do expressionismo ao futurismo: um passo dado quase em vertigem, em insatisfação. A desmistificação de imagens e espaços. E, subitamente, a influência-mor: o aprendizado graúdo com Eleutério Sanches:

— **O gosto pelo figurativo, o trabalho da pujança das formas.**

Mena fala de Vieira da Silva: «**Tremenda. Valor mundial que me escuso de enaltecer mais: extremamente qualificada, com um trabalho pictórico que a torna minha pintora preferida.**» Júlio Pomar: «**o desenrolar da sua pintura também desfilou por várias fases, com influência maior antes da sua ida para França: mas é um pintor que também me marca, como acontece com Thomas de Melo, Mário Rita, Luis Durdil, Lurdes Leite, Artur Bual, D'Assunção. Os que estão na gama da minha preferência**».

Trabalha em casa e pinta só à noite: entre as 22 e as duas. Às nove da manhã, já está em São Roque: é funcionária no Museu da Misericórdia de Lisboa. Uma filha (Diana, 13 anos, vocacionada para a dança, fez «ballet» com Telma Teixeira). Uma vida «**sempre a trabalhar: cinco anos no Centro de Saúde Dr. José Domingos Barreiro, no Poço do Bispo. Mas também sempre a pintar: e com um enorme desgosto quando vendia aquilo que pintava**».

«**Foi o período** (conta) **da reserva: levarem-me um quadro era como se me arrancassem um pouco da alma. Uma peça saía do meu campo de geração: ficav quase doente. Agora, fotografo todos os trabalhos não quero ficar dependente das obras que criei mas quero recordar cada semente que lancei.**»

●

Dez exposições no activo: mais de 300 trabalhos assinados. Agora, vai expor 23, no Penta Hotel, entre 7 de Maio e 7 de Junho. Depois, ficará no Centro de Dança de Armando Jorge, na Avenida João Crisóstomo, em Lisboa. «**Tenho uma natural ambição: progredir. No Museu de São Roque são seis anos de aprendizagem: fabulosamente aliciante, em especial no aspecto da investigação**».

Mena de Brito voa: fala de Vivaldi («**quando pintor**»), Ricardo Wagner («**que bela é a «Tanhauser»**»). «**Inressa-me muito tudo o que signifique expressão, criação de espaços**». E a vida, como vai?

— **Profissionalmente estou melhor: de há dois anos para cá, saí de uma situação difícil. Porém, nunca deixei de fazer o meu trabalho de pintar. Cor favorita? O vermelho. Tem vida, dá sensação de sangue, de sol, de fogo. E, no entanto, detesto o sofrimento**».

Sorri:

— **Veja: nunca vi uma corrida de touros, não gosto de sangue a correr.**

Outra vez a artista: «**a quem começa, aconselho a tentar defender-se com um trabalho paralelo. Entre outros riscos, não cai na dependência do gosto, por falta de autenticidade na obra que executa. No contexto em que vivemos, aqui, em Portugal, ninguém deve desistir: é forçoso continuar sempre autêntico.**

Fala-se de associação de pintores. Mena de Brito: «**no Porto, têm surgido tentativas de ligação da classe. Em Lisboa, ainda estamos pensando na ideia. Implica a defesa de espaços para exposições, a conquista de apoios, uma verdadeira crítica de artes plásticas. Todavia há muitos interesses em choque: ideológicos como de juízo meramente artístico.**

«Só pinto das 22 às duas da madrugada»

Com 1 e 55 de altura, «**equilibrada em termos emocionais**» (embora o não pareça) tem viajado «**um nadinha, só pela Europa**». Considera o lápis lazuli pedra excepcional: «**faz lembrar o mar**». Nunca experimentou uma incursão pelo campo teatral e, como espectadora, a primeira vez que viu revista aconteceu no extinto Ádoque. No cinema, gosta de Leluch e Spielberg. Entre os seus eleitos, mora também a música de Lena d'Água e muito («**tudo, acrescente**») **de Leo Ferré.**

●

Mena de Brito está de parabéns: a antiga patinadora benfiquista acabou a licenciatura em artes plásticas (pintura) e há um mês que ensina, no Núcleo de Arte «Gapei». Aqui para nós: qual é o tema da exposição que vem aí?

— **Especialidade temporada dança. Sempre fui apaixonada pela expressão corporal**

Vai ter um atelier próprio: nos Anjos. Graças ao Núcleo: ao lado de Mena de Brito estão Mário Salgado e Augusto Paiágua. «**Queremos** (inclusive) **fazer a defesa dos interesses e valores do próprio crítico. E dar um salto em frente: o pulo** (talvez) **decisivo**».

Gasta cinco contos por mês em material: ganha 42 mil escudos mensais no Museu de São Roque. Trabalha duas ou três telas simultaneamente: «gosto de tocar vários instrumentos e por todos me apaixono rapidamente» — conclui Mena de Brito. Não esqueçam: mulher que para sempre ficou presa aos arabescos que desenhava sobre patins e hoje, em ritual diferente, continua criando arte.

Bobby Charlton em Lisboa aponta favoritos mexicanos

Eusébio e Charlton foram as «estrelas» da reunião

Em Conferência de Imprensa que decorreu no Hotel Altis, as «Viagens Melia» e a «Mundimex» apresentaram o programa referente ao «mundial» de futebol «México 86», com a presença de Bobby Charlton e Eusébio.O «ex-internacional» inglês disse que «**o primeiro jogo no mundial de futebol é sempre muito importante**».Charlton, «estrela» da selecção inglesa que venceu o «mundial» de 1966 (onde Portugal foi 3.º, depois de ter perdido nas meias-finais, com a Inglaterra), referia-se ao jogo do grupo «F» no próximo «mundial» do México e que vai opor Portugal e Inglaterra. Para o antigo avançado inglês, a Inglaterra está a jogar bem e acredita na sua vitória nesse encontro, em Monterrey.

Eusébio, seu antigo adversário em Inglaterra, estava ao lado e disse que Portugal poderá vencer, apesar da dificuldade do jogo. Segundo afirmou Eusébio, a equipa que vencer, o 1.º encontro fica com grandes hipóteses de passar à 2.ª fase, apesar de poderem ser apuradas três equipas no grupo de quatro (Inglaterra, Portugal, Polónia e Marrocos).

Bobby Charlton está em Lisboa para o lançamento de um progrma de viagens em grupo para o méxico. O ex-internacional inglês é o presidente da empresa que comercializa o «mundial» de futebol do México e Eusébio será o «relações públicas» dos grupos que, de Portugal, se desloquem ao campeonato.

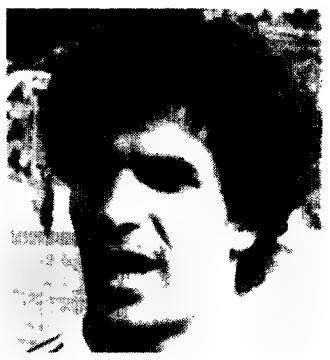
Para o «carrasco» de Portugal no célebre jogo das meias-finais, do «mundial» de 1966, disputado no Estádio de Wembley, a União Soviética, o Brasil, a França e a Inglaterra são os seus favoritos para o México. Charlton é do ponto de vista que entre o futebol do seu tempo e o actual só existem diferenças de estilo baseadas em esquemas tácticos, «**agora mais cautelosos**», em detrimento dos talentos individuais e do risco ofensivo de então: «As pessoas gostam de um futebol de ataque, de aventura, do risco que se se corre, de golos e agora é tudo muito mais táctico» — acrescentou a antiga «vedeta».

Bobby Charlton foi o autor dos dois golos que ditaram o afastamento de Portugal da final do «mundial» de 1966, e sobre esse facto lamentou «**ter estado na origem da derrota das esperanças do povo português**». Eusébio, que Charlton considerou «**um dos melhores jogadores** do Mundo ainda vivos» afirmou que Portugal tem hipótese de vencer a Inglaterra no México, «**mas qualquer uma das equipas pode passar à fase seguinte**».

Eusébio faz também parte da empresa turística «Mundimex», que tenciona levar ao México três mil pessoas dos cinco continentes, das quais 360 deverão ser portuguesas. segue

Na Conferência de Imprensa foram projectados filmes do «Mundial-66». Estiveram presentes os técnicos Mortimore, Toni e Peres Bandeira, Vicente e Simões (ex-Magriços), «internacionais que estão na corrida para o México (Carlos Manuel, Álvaro e Pietra), o dirigente benfiquista Júlio Borges e diversos agentes de viagens interessados na proposta apresentada.

Confirmado: na próxima época o treinador do Braga será Humberto Coelho, que deixa excelente obra no Salgueiros, logo na 1.ª temporada no rol dos treinadores



Bela notícia: o portista João Pinto já treina e está quase completamente apto a dar o concurso à turma dos «dragões» e à selecção nacional. Parabéns!

Futebol em vários tons

Calendário muda

A partir da próxima jornada, já não são permitidas antecipações dos jogos do nacional da 1.ª divisão, mas nos escalões secundários (que estão mais atrasados) é ainda possível, por acordo entre os clubes, realizar jogos ao sábado. Assim, o comunicado da FPF relativamente a alterações refere-se à antecipação para sábado de vários jogos da 2.ª divisão: Moreirense-Paços de Ferreira (Zona Norte) e Nacional-Olhanense (Zona Sul), ambos às 16 horas. Da 3.ª divisão: Marialvas-Gouveia e Guarda-Oliveira do Bairro (Série C); Cacém-Santa Clara (Série E), Quimigal-União Sport (Série F), todos às 16 horas.

Braga pretende

Bobó e Cerqueira (Guimarães) são desejados pelo Braga.

Hoje há reservas

O jogo de reservas, entre o Estrela da Amadora e o Sporting, a contar para a 12.ª jornada do «Torneio Extraordinário da AFL», realiza-se hoje, pelas 16 horas, no campo J. Pimenta, na Reboleira (Amadora).

Cá está ele, o zairense que treina na Luz: chama-se Tueba e era avançado-centro no clube de Kinshasa. Tal como ontem informámos, veio empresariado por Mokuna, que há três dezenas de anos defendeu as cores do Sporting e era apelidado de «fura-redes»

UEFA: todos venceram em casa

Com a nota sensacional do estrondoso baquear de turmas espanholas (Barcelona, em especial) efectuaram-se ontem jogos das meias-finais das diversas competições europeias, a nível de clubes. Eis os desfechos desta 1.ª «mão»:

● Taça dos Campeões: Gotemburgo, 3-Barcelona, 0 e Anderlecht, 1-Steaua de Bucareste, 0.

Os golos dos campeões suecos foram apontados por Torbjorn Nilsson (aos 23 e 43 minutos) e por Tommy Holmgren (aos 58), este aproveitando um erro da defensiva dos catalães.

Gotemburgo: Wernesson; Roland Nilsson, Hysen, Larsson e Fredriksson; Andersson (Mordt, aos 78 minutos), Petersson, Tord Holmgren (Johansson, aos 84) e Tommy Holmgren; Ekstrom e Torbjorn Nilsson.

Barcelona: Urruti; Gerardo, Migueli, Alexanco e Júlio Alberto; Victor, Carrasco (Pedraza, aos 53), Schuster e Esteban; Amarilla e Marcos.

O Anderlecht foi vaiado ao intervalo por uma multidão que teve de aguardar quase 15 minutos pelo início do jogo. O tento do campeão belga foi apontado por Scifo, aos 75 minutos.

Anderlecht: Dirk Vekeman; Luca Peruzovic, Stephane Demol, Hendrix Andersen, Frank Vercauteren (Georg Grun); Rene Vandereycken, Per Frimann e Erwin Vandenbergh; Morten Olsen, Juan Lozano e Enzo Scifo.

Steaua: Helmut Ducadam; Stefane Iovan, Ilie Barbulescu, Adrian Bumbescu e Tudorel Stoica; Miodrag Belodedici, Marius Locatuse, Mihai Majaru; Victor Piturca, Garilia Balint e Ladislau Boloni.

● Taça dos Vencedores de Taças: Dinamo de Kiev, 3-Dukla de Praga, 0 (jogo bem arbitrado por Rosa Santos) e Atlético de Madrid, 1-Bayer Uerdingen, 0.

Em Kiev, os três golos foram apontados no 1.º tempo, dois por Oleg Blokhine e um por Aleksander Zavarov. O encontro, presenciado por cerca de cem mil espectadores, foi dirigido pelo árbitro português Rosa Santos, auxiliado por Alder Dante e José Guedes, e as equipas alinharam:

Dínamo: Tchanov; Bessonov, Baltatcha, Kuznetsov e Demianenko; Rats, Iakovenko, Iaremtchuk, Zavarov; Belanov e Blokhine.

Dukla: Kostelnik; Bazant, Novak, Siala e Rada; Pelc, Vizek, Lausman, Koreicik, Kriz e Lugovy.

Transferência próxima: Vizek troca o Dukla pelos franceses do Havre.

Um golo de Julio Prieto a 12 minutos do final deu a vitória ao Atlético de Madrid sobre o Bayer Uerdingen.

Atlético de Madrid: Fillol; Tomas, Clemente, Arteche e Ruiz; Prieto, Cabrera e Quique Ramos; Da Silva, Landaburu e Marina.

Bayer Uerdingen: Vollack; Daemgen, Reschild, W. Funkel e Herget; Klinger, Bonner, Edvaldsson e Gudmondsson (Woehrlin, aos 65 minutos); F. Funkel e Feilzer.

● Taça UEFA: Colónia, 4-Waregen, 0 e Inter de Milão, 3-Real Madrid, 1. Os jogos da 2.ª «mão» efectuam-se no próximo dia 16.

Os tentos do Colónia foram apontados por Lehnhoff (41 minutos), Allofs (aos 50 e aos 66, este de grande penalidade) e por Geilenkirchen (aos 78 minutos).

Colónia: Schumacher; Van De Korput, Steiner, Prestin, Hoenerbach e Geils; Bein (Gilechen, 75), Hassler e Janssen; Lehnhoff (Geilenkirchen 69) e Aloffs.

Waregen: De Coninck; Millecamps, Decraye, Dekenne (Olmos, 49) e De Sloover; Mauroo, Denorme (Mutombo, 75), Van Baekel e Goertz; Desmet e Veyet.

Os golos do Inter foram apontados por Tardeli (aos 1 e 53 minutos) e por Salguero (na própria baliza, aos 88). Valdano marcou o tento do Real Madrid, aos 87 minutos.

Inter: Zenga; Bergomi, Mandorlini, Baresi e Ferri; Cucchi, Fannlla, Tardelli e Altobelli; Brady (Minaudo aos 85 minutos) e Rummenigge.

Real Madrid: Ochotorena; Chendo, Camacho, Gordillo e Salguero; Juanito (Martin Vasquez, aos 62), Gallego, Michel, Sanchez; Valdano e Butragueno.

Rosa Mota novamente de abalada: mais 15 dias em provas nos EUA. O dólar continua imperando

Modalidades

Aurora Cunha: 2.º lugar

Aurora Cunha classificou-se em 2.º lugar na prova de estrada, com a distância de 8300 metros, realizada em Stavanger (Noruega). A prova feminina foi ganha pela norueguesa Ingrid Kristiensen no tempo de 25.55 minutos, enquanto Aurora Cubha fez 26.35 e a 3.ª classificada (Carol Bradford, da Inglaterra) conseguiu 27.15.

Acácio da Silva em 3.º na Volta ao Etna

O ciclista português Acácio da Silva classificou-se em 3.º lugar na 2.º edição da «clássica Volta ao Etna», ganha pelo italiano Francesco Moser. Moser percorreu os 181 quilómetros da prova em 4 horas 38 minutos, a 39.065 quilómetros / hora.

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
HOJE AS 21.30 H TEL 726 08 18
CALIGULA DE ALBERT CAMUS • ENCENAÇÃO DE JOÃO MOTA
MAIORES 12
VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS
PATROCINIO DA F. GULBENKIAN 3.º/4.º e 5.ª feira PREÇO ÚNICO 150$00
PRAÇA DE ESPANHA • APOIOS F. GULBENKIAN E RADIO COMERCIAL/SUB SEC

Vitória de Setúbal: Vasco Verdes assume interinamente a presidência

Vasco Verdes, vice-presidente do Vitória de Setúbal, já assumiu a presidência do clube, durante uma reunião em que esteve ausente Silvério Jones, presidente demissionário. Os estatutos do Vitória estabelecem que em caso de resignação do presidente, o cargo será assumido por um dos vice-presidentes, até que os associados decidam (em assembleia) a solução mais adequada. Sabe-se que **poderá estar agora aberto o caminho para outras soluções, que podem passar pela entrada de Fernando de Oliveira para presidente, se essa for a decisão da assembleia.**

Silvério Jones (tal como ontem informámos) demitiu-se na 3.ª feira por considerar não ter condições para continuar a presidir aos destinos do Vitória de Setúbal, depois de ter visto recusada uma sua proposta durante uma reunião para debater a construção da nova sala de bingo do clube. Ao renunciar, Silvério Jones solicitou aos restantes dirigentes para continuarem em funções, o que todos fizeram à excepção do vogal José Duarte, que se demitiu por entender que devia fazer parte da comissão nomeada para a sala de bingo. Colaboradores do presidente demissionário disseram que Silvério Jones declinou prestar declarações à Comunicação Social nos próximos dias, **para não afectar o clube.**

As propostas que chocaram

Na reunião de 3.ª-feira (como o «DL» noticiou) foi aprovada uma proposta do vice-presidente Josué Monteiro para a construção de nova sala de bingo, ao abrigo da qual foi constituída uma comissão de que fazem parte o antigo vice-presidente sadino (Fernando de Oliveira), e os dirigentes Vasco Verdes, Júlio Margarido, Rui Salas e José Monteiro. A comissão, que será completada por mais dois elementos a designar por Fernando de Oliveira, entrou imediatamente em funções e tomará a seu cargo o financiamento e gestão da nova sala de bingo do Vitória, responsabilizando-se também pela construção do edifício e interiores, incluindo equipamento, mobiliário e parte eléctrica, em que aquela vai funcionar.

Segundo o documento aprovado, a **comissão compromete-se ao pagamento mensal à direcção de 3000 contos até 31 de Dezembro deste ano, 3.600 contos até ao último dia de 1987 e 4.200 contos até a total liquidação dos encargos com a obra, altura em que passará a direcção do Vitória a gerir e a arrecadar todas as receitas.**

Em Setúbal diz-se que a proposta de Silvério Jones (ligada ao presidente do Sporting Farense) empresário Fernando Barata, e a financeiros espanhóis) era menos favorável, pois obrigava a que o clube só pudesse usufruir da sala de bingo muito mais tarde do que o estabelecido no documento aprovado.

Fernando Pedrosa às ordens

Entretanto, o antigo presidente vitoriano Fernando Pedrosa declarou estar à disposição do clube sadino para o que for julgado útil. Fernando Pedrosa mostrou-se **preocupado, tal como todos os vitorianos, com a crise aberta na direcção do Vitória com a demissão do seu presidente (Silvério Jones) devido a divergências surgidas com a construção de uma nova sala de bingo do clube. Como vitoriano, acho que os sócios têm que se manter firmes à volta da equipa. Por mim, estou à disposição para aquilo em que a minha colaboração for útil.** — disse Fernando Pedrosa.

O antigo presidente acrescentou que **cabe ao presidente da assembleia geral encontrar soluções para o preenchimento do lugar que Silvério Jones deixou vago, podendo até realizar eleições antecipadas.**

Sobre a atitude tomada por Silvério Jones, Fernando Pedrosa considerou que **só razões muito importantes** poderão ter levado este a abandonar a presidência do Vitória de Setúbal.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 13.º JUÍZO CÍVEL
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do presente anúncio

Execução sumária n.º 452 2.ª secção

Exequentes — a Companhia de Seguros Império, E P.

Executado — A. Campos Projectos Construção Civil, com sede em Lantemil, Bougado, Santo Tirso.

Lisboa, 18 de Março de 1986

O Juiz de Direito
Jaime Manuel Belém Santana Guapo
Pel'o Escrivão de Direito
Carolina I.L. Almeida Pinto

D.L. 3/4/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 17.º JUÍZO
ANÚNCIO

Proc.º 1432/B

Faz saber que no dia 16 do próximo mês de Abril, pelas 10 horas, à porta deste Tribunal, nos autos de execução de sentença, registados sob o n.º 1432/B, em que é exequente a Companhia de Seguros Império, E.P., e executada Costa Calado — Empreiteiros Ld.ª, com sede na Rua Quirino da Fonseca, 29-5.º esq.º em Lisboa, hão-de ser postos em praça, pela 1.ª vez, para serem arrematados ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no processo, diversas secretárias metálicas de escritório e uma máquina de escrever, penhorados à executada.

Lisboa, 20 de Março de 1986

O Juiz de Direito
António Correia Abranches Martins
O Esc. Adjunto
Arminda Moura Gil

D.L. 3/4/86 — 1.ª Pub.

Guimarães: Pimenta Machado demite-se

Pimenta Machado, presidente do Vitória de Guimarães, afirma ter renunciado ao cargo por a câmara vimaranense não ter atendido às reivindicações da direcção do clube, no sentido de melhorar as instalações do Estádio Municipal. Pimenta Machado foi acompanhado na sua atitude pelos restantes membros da direcção que se solidarizaram com o presidente da colectividade vimaranense.

O dirigente do Vitória Sport Clube apresentou o pedido de demissão ao presidente da assembleia geral António Xavier, que dirige também os destinos da Câmara Municipal de Guimarães.

Pimenta Machado reuniu-se ontem à tarde com António Xavier a quem forneceu pormenores que lhe permitam assumir a gestão do clube nesta fase transitória, tendo em vista minorar eventuais prejuízos que possam ocorrer neste período.

A não satisfação das pretensões apresentadas pela direcção do Vitória (nomeadamente electrificação do Estádio Municipal e a construção de um campo de treinos por parte da Câmara Municipal estão na origem da demissão do presidente Pimenta Machado. **Há mais de cinco anos que aguardo que a edilidade cumpra com as suas promessas e colabore também para o engrandecimento do maior clube da cidade — disse Pimenta Machado. O presidente do clube vimaranense acrescenta que já tinha dito em assembleias gerais recentes, nomeadamente em 19 de Março, que me demitiria se a Câmara não desse resposta às solicitações apresentadas** num determinado prazo. **Hoje expirado esse tempo e apesar de já ter reunido por diversas vezes, a Câmara não deu resposta às nossas soilicitações por issso demito-me —** garante Pimenta Maachado.

Com a decisão ficaram canceladas algumas iniciativas de Pimenta Machado, que, no Brasil e em África procurava reforços para o «plantel» do Vitória de Guimarães que permitissem ao clube vimaranense lutar na próxima época pelo título. Pimenta Machado afirma que, nessa base, já tinha recolhido o apoio da massa associativa, do comércio e da indústria vimaranense. **Não se preenchem pois** (disse) **as três condições que considerei mínimas e necessárias para tentar realizar o meu projecto que é o de levar o Vitória a lutar por posições superiores ao tradicional 4.º lugar que dá acesso à Europa. Nessa base, obtive o apoio dos sócios, do comércio e da indústria e só a Câmara não compreendeu a direcção do Vitória, faltando às promessas que assumiu durante a manifestação de sócios, ocorrida em 6 de Fevereiro.**

Entretanto, sabe-se que os dirigentes camarários vão abordar, na reunião da próxima 2.ª feira, duas propostas: uma do CDS e outra do PSD, sobre o Estádio Municipal. O documento do CDS propõe que a Camara troque com o Vitória de Guimarães o estádio por uns terrenos que o clube detem na zona das piscinas, enquanto a proposta do PSD visa constituir o direito de superfície do Estádio Municipal em favor da colectividade vimaranense para que este se possa candidatar a um subsídio estatal e fazer os melhoramentos e obras que julgar convenientes.

Chalana: "desmente-se formalmente que esteja perdido para o futebol"

Assim, de chofre, a notícia dada ontem no «Telejornal» colheu de surpresa milhões: Chalana estaria perdido para o futebol activo. Sem mais, nem menos.

Ora bem: vamos por partes. ÀS 18 e 55, o telex 195 da «NP» dizia o seguinte:

«Fernando Chalana está perdido para o futebol de alto nível, esta a conclusão principal dos exames médicos a que o jogador português foi submetido em Bordéus, disse hoje à NP uma fonte médica. Contudo o porta-voz do Girondinos de Bordéus (Alain Menard) contactado pela agência Notícias de Portugal afirmou apenas: **não comento.**

Chalana foi submetido a dois dias de exames médicos em Bordéus, logo que regressou de férias do Natal e do fim do ano, em Portugal, tendo o clube nessa altura prometido tornar públicos os resultados dos testes **dentro de 48 horas**, mas nunca o chegou a efectuar.

«O Bordéus terá imposto a si próprio um segredo absoluto sobre tudo o que diz respeito a Chalana, referiu a mesma fonte. Os resultados dos testes médicos efectuados a Chalana estão **no segredo dos deuses** e, até agora, todos os esforços desenvolvidos pelos jornalistas desportivos para obter os resultados têm esbarrado com o **silêncio de ouro** dos dirigentes do Bordéus.

«O Girondinos (de Bordéus) tem na sua equipa quatro jogadores estrangeiros, quando o regulamento só lhe permite três, e alinhar um máximo de dois no mesmo desafio. Tal facto tem levado a cimentar a ideia de que Chalana, devido à sua longa ausência dos relvados, não estaria **pela certa** na turma francesa na próxima época. Em França, os contratos de jogadores profissionais contêm uma cláusula de seguros, que permite compensar o clube e o futebolista, em caso de lesão deste último. Contudo, tais compensações são pagas, habitualmente, dois ou três anos depois.

«Uma fonte do clube francês onde milita Chalana sublinhou à «NP» a possibilidade do Bordéus tentar obter uma prorrogação do cumprimento do contrato durante a próxima época, utilizando como argumento o facto de que necessita das quantias em causa para poder contratar outro jogador para o lugar do futebolista português.

«Fernando Chalana, que é esperado amanhã em Paris, escolheu para o representar o advogado François Nativi».

Depois deste telex da «NP», pouco menos que alarmante, Anabela (esposa de Chalana) sai a terreiro, vigorosamente. E diz:

— No Bordéus, sabem bem que o Fernando não estava lesionado quando se transferiu para França. E há meio ano que não recebe um franco do clube.

Anabela Chalana desbobina:

— No princípio de Março, o Bordéus queria que o Fernando assinasse um papel, autorizando o veredicto dos médicos do clube, o que faz pensar que queriam dá-lo como «inapto» para o futebol e, consequentemente, receberam do seguro uma boa maquia. O Fernando não assinou nada. Quanto ao dr. Natavi, falado no telex da «NP», nem sequer está em Paris: encontra-se na Córsega. O nosso advogado está agregado ao consulado português em Bordéus.

A seguir:

— Até já inventaram que o Fernando tem um cancro! O que têm arranjado para prejudicar a carreira dele...

Em contacto com o Bordéus, o DL» foi informado de que **ninguém, sequer por sombras, disse que Chalana está perdido para o futebol.** E, quanto ao dr. Camacho Vieira, médico da selecção nacional e do Belenenses, que tem tratado de Chalana no nosso país, a opinião é bem esclarecedora:

— Quando terminou o campeonato europeu, Chalana estava em óptimas condições físicas. A ter acontecido qualquer lesão, ela teria lugar depois do regresso do «europeu».

Por outras palavras: desmente-se, pelo menos até prova em contrário, que Fernando Chalana esteja perdido para o futebol. O que acontece? Apenas e só uma clivagem grande entre o atleta e o Bordéus, com a consequente afecção psicológica que inibe o «pequeno genial» de voltar (já) em pleno aos relvados onde ainda pode recolher muitas glórias.

Neves de Sousa

Israel: suborno no futebol?

A Polícia israelita está a investigar um eventual caso de suborno de futebolistas no campeonato nacional, que granjeou aos autores um lucro de 400 mil dólares (cerca de 60 mil contos) nas Apostas Mútuas Desportivas.

Sport-society

Ivan Lendl por cá

No Restaurante do Miraflores Clube (a Algés), pelas 18 horas, a Escola de Ténis João Lagos promove hoje uma conferência de Imprensa para divulgação da próxima visita ao nosso país do tenista Ivan Lendl (n.º 1 do «ranking» mundial).

«Sr. Canecão»

Com desfiles de diversas personalidades do campo desportivo e artístico é hoje inaugurada, na lisboeta Avenida de Roma, 90 D, uma churrasqueira, cervejaria e marisqueira com o nome de «Sr. Canecão», propriedade de José Luís Gordo (marido da intérprete fadista Maria da Fé e compositor premiado), Carlos Laurentino e Urbano Alminhas. No cartaz de realizações: reuniões periódicas de jornalistas com «astros» dos estádios e dos palcos.

«O desporto e os trabalhadores»

O Departamento de Acção Cultural e Desportiva da USL /CGTP-IN organiza, a 5 do corrente, no Auditório do CESL (Rua Almirante Barroso, 3 — Lisboa) um «Encontro da Cultura, do desporto e dos trabalhadores». A reunião decorrerá em sessão plenária a partir das 9 e 30, prolongando-se até às 19 horas.

Totoloto

O provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e os dirigentes do TOTOLOTO reúnem-se com a Comunicação Social, num almoço que terá lugar pelas 13 horas de amanhã, no Hotel Meridien. Motivo: o 1.º aniversário da exploração do concurso que chegou, viu e venceu.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 14/86 DE 6 DE ABRIL DE 1986

Penalti: 111 111 11X 2212; O Algarve; X11 1X1 1X1 212X; Jornal de Amarante; X11 111 11X 2212; A Arte de Bem Madrugar; 211 111 X1X 221X; Jornal da Beira: 211 111 1X2 2X22; Correio de Coimbra: 211 111 X12 2222; Correio do Vouga: 211 111 111 2112; A Defesa: 211 X11 X11 X212; Defesa de Espinho: 21X 1X1 21X 1211; Diário de Viseu: 211 111 11X X22X; Folha do Domingo; 211 1X1 1X1 2X22; Ecos de Cacia: 211 111 X12 2X22; O Emigrante: X11 111 X21 X2X1; Jornal de Felgueiras: 211 111 11X 2XX1; Gazeta das Caldas: 211 111 11X X222; Gazeta de Felgueiras: 211 111 X12 X2XX; Rádio Totobola: X11 111 112 2222; Linhas de Elvas: 2X1 121 X1X 2111; Litoral: 111 X11 112 2X1X; Maria da Fonte: X11 111 11X X2X1; O Mensageiro: 211 1XX 1XX 2XX1; No Estúdio e no Estádio: 212 1XX 111 X222; Notícias de Felgueiras: 211 111 11X XXXX; Notícias de Gouveia: 1X1 121 11X X11X; Notícias de Guimarães: 2X1 1X1 1X2 2222; Notícias de Viseu: XX1 1X1 X12 X12X; Reconquista: 21X 111 111 2121; Clube da Manhã: 121 X2X 11X 2222; Manhã, Manhã: 21X 11X 112 2XX2; RDP/Secção Desportiva; 211 1X1 1X2 2212; Tempo de Desporto: 211 1XX 112 2XXX; Boomerangue: XX1 111 X2X 212X; o diário: 211 XX1 112 2X22; Diário de Lisboa: 21X X1X 1XX XXXX; Dribling: 221 112 122 22X2; Eu Sei Tudo: 211 111 111 2222; Jornal do Fundão; 2X1 1X1 X11 XX22; Rádio Altitude: 211 111 112 XX1X; Programa da Manhã: 211 111 1X1 222X; Canal Mais: 2X1 111 1XX 21X2; Fotogramas: 211 111 X11 X122; Palvra Puxa Palavra: 211 111 111 2X22; Fora de Jogo: XX1 111 X11 2X2X; Grande Sábado: 211 X11 1XX 2XXX; Sintonia Desportiva: XX1 1X1 X21 2122; Bola ao Centro: 2X2 XX1 1XX 2XX2; Diário do Desporto: 2X1 111 X12 2XX1; Bola Branca: 211 1X1 112 X2XX; RR/Desporto: 211 X11 1X2 X211; Rádio Sports: 211 111 1X2 2222; Jornal de Santo Tirso: 211 1X1 1X1 2222; Jornal de Sintra: 211 X11 X12 22XX; Voz do Ave: 211 1X1 112 X2X2; A Voz do Domingo: 211 111 111 2111; Voz de Lamego: 211 111 11X 22X2; Rádio Guarda: 11XX X22 X11 1X11; Fim-de-Semana Desportivo: X11 X11 11X 2X2X; Panorama Desportivo: 211 111 X1X X2X1; Horizonte: 211 111 1XX 2121; Pôr do Sol: 211 1X1 XXX 2X22; Comércio de Leixões: 21X X11 1XX 2222; De Tudo um Pouco: 211 1X1 111 X12X; Jornal de Gaia: 211 111 11X XX12; Jornal da Graça: 211 111 112 12X1; Jornal de Notícias: 211 1X1 11X 22XX; O Primeiro de Janeiro: 211 1X1 111 X2X1; Quadrante Norte; 211 111 X12 1X22; Repórter do Dia: 211 111 11X 2X21; Resenha Desportiva: X11 111 11X X2X2; Alvo Desportivo: 211 X11 122 21X2; Rádio Alvo: X11 111 X1X X11X; Alvo: 211 1X1 1XX 2221; Alvo Suplemento: X11 111 1X1 2XX2; A Voz dos Ridículos: X11 111 11X 1X11; Rádio Placard: X11 111 11X XX22; Estúdio 64: 111 111 1XX 2X12; O Jogo: 211 111 X1X 22XX.

assim vai o

totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Belenenses-Benfica	6	15	56	1	2	9
2. Porto-Guimarães	64	11	2	10	1	1
3. Chaves-Aves	69	6	2	10	1	1
4. Braga-Penafiel	64	13	0	10	2	1
5. Académica-Salgueiros	52	21	4	8	3	1
6. Boavista-Setúbal	69	6	2	10	1	1
7. Marítimo-Portimonense	55	21	1	8	3	1
8. Rio Ave-Varzim	52	20	5	8	3	1
9. Lourosa-Vizela	20	34	23	3	5	4
10. Almeirim-Elvas	5	24	48	1	4	7
11. Mangualde-Feirense	15	28	34	2	4	6
12. Torralta-U. Madeira	18	26	33	3	4	5
13. Silves-Estoril	18	22	37	3	3	6

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «chave» lógica será:
211 111 11X 2222

O regresso de Lola Falana

Em 1983, a bem chamada «tigresa» esteve às portas da morte. Foi submetida a uma intervenção cirúrgica e aparentemente saiu-se bem daquela «aventura». Mas, passado um mês, começou a sentir-se mal. Foi internada de urgência no mesmo hospital onde tinha sido operada e aí detectaram-lhe uma série de complicações que a conduziriam quase até à morte. «Posso dizer que morri... senti essa sensação estranha que aqueles que confessam ter regressado do lado de lá dizem ter sentido. Foi terrível. Custou-me muito superar aquela época que, infelizmente, não está assim tão longe», disse a artista.

Mas, como ela própria afirma, nasceu com muita sorte. Conseguiu superar toda a sua doença e hoje continua a ser aquela estrela que nunca deixará de brilhar. Há alguns meses que Lola Falana é a actriz principal de uma telenovela intitulada «Capitol» a qual, certamente, será vista nos 5 continentes. «Sinto-me muito feliz. Graças a este trabalho pude reencontrar o meu bom humor e olhar para a vida com mais optimismo.»

O produtor de «Capitol», disse de Lola Falana: «Não acredito que outra actriz pudesse interpretar a personagem principal desta novela. Lola é, e continuará a ser, única.»

«Graças a este trabalho posso estar mais tempo em casa. Necessitava disso, já que foram muitos os anos que passei a 'voar' de um país para o outro, sempre a trabalhar com essa tensão que tem qualquer artista responsável.»

Apenas aceita algumas galas aos fins-de-semana e dentro dos EUA. «Não podia deixar de cantar e de dançar, porque são coisas de que necessito para continuar a viver.»

«Nunca me considerei uma mulher objecto»

Ainda que seja partidária de uma mulher respeitada e considerada, ao mesmo nível do homem, sobretudo no que respeita ao trabalho, Lola Falana gosta de ser feminina e de atrair os homens. «Tenho os meus próprios critérios sobre o que é ser 'feminina'. Não sou contra nada nem ninguém, mas nesse aspecto tenho convicções próprias e nunca me dei mal com elas.»

Quanto a ter sido usada a nível artístico e como mulher, afirma: «Nunca me considerei uma mulher objecto. Tudo o que fiz a nível profissional foi aceite por mim. Nunca me encostaram uma pistola à cabeça para que aceitasse um trabalho.»

Lola Falana esteve ligada durante muito tempo, a uma das firmas mais importantes dos EUA, a Fabergé, para a qual anunciava um perfume chamado «Tigresa».

Nas páginas dos jornais mais lidos do país, nos cartazes, na TV e até na rádio a actriz, deixando escapar a sensualidade da sua voz, fez valer os seus encantos femininos para promover o dito perfume, obedecendo às ordens dos mais importantes desenhadores publicitários. «É verdade que cheguei a ter fama de 'tigresa' devido a esse anúncio mas não há nada tão longe da verdade. Ganhei muitíssimo dinheiro anunciando-o e o meu rosto e o meu nome estiveram na ribalta: para um artista que vive da sua profissão nada é mais rendível do que estar sempre presente. Não me arrependo de o ter feito. E mais, voltaria a anunciar qualquer outro perfume se voltasse a ter oportunidade.»

Lola é uma mulher segura de si mesma. Não lhe foi fácil alcançar a fama. E ainda que tenha sido Sammy Davis Jr. que a descobriu em 1963, é a própria artista que afirma: «Tive de lutar muito para alcançar o posto que tenho. Sammy apoiou-me, mas tinha de mostrar o meu talento.»

Actriz desde os 14 anos

Lola Falana actua desde os 14 anos, mas diz-nos: «Não fui artista no verdadeiro sentido da palavra até que Sammy apareceu na minha vida.»

Aquela amizade converteu-se numa das mais belas histórias de amor vividas em Hollywood.

Quando Sammy Davis a descobriu, Lola Falana trabalhava como corista em Atlantic City e, graças ao cantor, tornou-se numa das estrelas mais cotadas de Las Vegas.

«Hoje sinto-me mais relaxada. Posso permitir-me escolher o trabalho e não tenho tantas necessidades económicas. É lógico, depois de tantos anos trabalhando incansavelmente.»

Numa dada ocasião, afirmou: «Tenho pouca sorte no amor. Gosto muito dos homens, mas não fui completamente feliz.»

O seu casamento com o cantor Feliciano Tavaras foi um rotundo fracasso. «Creio que o excesso de trabalho que ambos tínhamos, teve grande parte da culpa.»

E depois de passar pela doença que quase a «roubava» do nosso convívio, assegurou: «A doença serviu-me para me aperceber de que o amor, a diversão e o descanso têm uma importância enorme, que às vezes não queremos dar-lhe.»

O papel de Winnie Mandela

Na telenovela «Capitol», Lola Falana tem vindo a demonstrar até que ponto é uma estupenda actriz dramática.

«Muitos queriam ver-me sempre como a vedeta frívola, mas estão muito enganados. Estudei muito e considero-me uma actriz com capacidades para desempenhar qualquer tipo de trabalho.»

E como em Hollywood andam sempre à «caça» de novos e sensacionais temas para o cinema, está a trabalhar-se num dos projectos mais «suculentos» dos últimos tempos: levar ao cinema a vida do «líder» negro, Nelson Mandela. E, como para isso teriam de contar com a mulher que tanta importância tem na sua vida, Winnie Mandela o produtor John Conboy, o mesmo que a contratou para «Capitol», pensa que Lola seria a pessoa mais indicada para interpretar a esposa «revolucionária» que tanto tem dado que falar nos últimos tempos.

«Gostaria muito de interpretar a sr.ª Mandela. Não sou uma mulher política, mas acho que, como actriz, seria a minha maior experiência.»

Existe já um pressuposto elevadíssimo para converter em realidade esse projecto do referido produtor. E, quando a própria Lola Falana soube que seria Sidney Poitier a interpretar a figura do famoso líder negro, exclamou: «Sidney é um génio. Ninguém melhor do que ele para interpretar uma personagem tão popular.»

Roberto Cazorla
EFE/DL em exclusivo para Portugal

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
SALA GARRETT
2.º MÊS
DE 3.ª a SÁBADO, ÀS 21.30 H
DOMINGO, ÀS 16 H
D. JOÃO
de MOLIÈRE
encenação: Jean-Marie Villègier
assistência de Carlos Pimenta
cenários e figurinos: Patrice Cauchetier
assistência de Philippe Arlaud (cenários)
e de Nathalie Prats (figurinos)
luminotecnia: Philippe Arlaud
Com:
Ruy de Matos • António Rama • Carlos Daniel • São José Lapa • Lúcia Maria • Manuel Coelho • Henriqueta Maya • António Banha • Luís Pinhão • Igor Sampaio • João de Carvalho • Paulo D'Araújo • Nuno Franco • Mário Pereira • Ruy de Carvalho
com a colaboração l'Association Française d'Action Artistique
(Ministério Francês das Relações Exteriores)
ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª-FEIRA TEL. 322210
SALA EXPERIMENTAL
ATÉ 20 DE ABRIL
«E O GODOT SEMPRE CHEGOU!»
de Alexandre Pastor
Encenação e direcção: Armando Cortez
Com: Hermínia Tojal, Álvaro Faria, Carlos Martins, Andrade e Silva e Carla Cristina
(Co-produção com «Repertório» e «Pequeno Teatro»)
De 3.ª a sábado, às 21,45 — Domingo, às 16,30 H

TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA APRESENTA NO
TEATRO
VASCO SANTANA
ENTRECAMPOS
FEIRA POPULAR
CESÁRIO QUÊ?
TEXTO E ENCENAÇO DE:
LUZIA MARIA MARTINS
CENOGRAFIA DE: FERNANDO FILIPE: ACTORES POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA: FERNANDA MONTEMOR•CARLOS SANTOS•CLARA JOANA• HELENA FÉLIX•LUÍSA ORTIGOSO•FERNANDA COIMBRA•JOÉ BRÁS•VÍTOR HUGO• MANUEL MENDONÇA•PEDRO PAIVA
Terça a sábado às 21.30
Domingo às 16

ANDAR
VENDE-SE
EM VILA CHÃ
BARREIRO
2. assoalhadas
óptimo estado
Das 8 às 12 h
Tel. 36 62 71 (Dias úteis)

Festival Internacional de Cinema de Santarém: regresso foi marcado para depois de amanhã

Suspenso durante quatro anos, entre a décima e a décima primeira edição, o Festival Internacional de Cinema de Santarém vai ter, neste mês de Abril, a sua décima segunda edição.

«Tentar reconduzir o Festival Internacional de Cinema de Santarém ao lugar a que tem direito no âmbito de certames cinematográficos no nosso país, pelo que foi e pelo que desejamos que venha a ser» é, nas palavras de Graça Morgadinho, vereadora do pelouro da Cultura do município escalabitano, o propósito da comissão promotora do festival, a que preside.

O Festival de Santarém não é só o mais antigo, mas também o mais ecléctico de quantos se fazem em Portugal. Este certame, que decorre de 5 a 13 de Abril, divide-se em três secções, que são, de facto, outros tantos festivais, já que engloba a grande metragem (tema livre, a concurso), curta metragem (XII Festival do Filme Agrícola e do Meio Ambiente) e a II Mostra Livre de Vídeo.

Enquanto a curta metragem tem tema obrigatório, para concurso, a mostra de vídeo é livre, aberta a quaisquer participantes e a todas as temáticas.

No decurso do certame serão exibidas 19 longas metragens como «O Barão de Altamira», «Ana», «Contactos», «Ninguém Duas Vezes», «Um Adeus Português», «O Trigo e o Joio», «A Abelha na Chuva», «Trás-os-Montes», «Cerro Maior», «Veredas» e «Saudades para D. Genciana».

Serão ainda exibidas películas estrangeiras vindas da Alemanha Federal, Argentina, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Cuba, Finlândia, França, Índia, Jugoslávia e Roménia.

Já no campo das curtas metragens, procuram os organizadores possibilitar uma visão panorâmica da agricultura e do meio ambiente, no intuito de contribuir para um melhor conhecimento e estudo dos problemas agrários e ambientais, além de se fomentar uma melhor qualidade de vida do ruralato, mediante comparação a nível internacional.

«O festival pretende, assim, ser útil ao cinema e à lavoura, procurando variados sectores da agricultura e da ecologia e nele estão enquadrados todos os filmes que podem trazer informações úteis relacionadas com a agricultura moderna, aspectos socioeconómicos.

«São ainda abordadas questões ligadas à alimentação, à fome e à poluição», disse Graça Morgadinho, presidente da comissão de Cultura, Desporto e Tempos Livres da Câmara Municipal de Santarém, a quem cabe a promoção do certame.

Nesta secção do festival (curta metragem) haverá dois sectores distintos: o dos filmes sobre a agricultura e o das películas sobre o meio ambiente, ambos de importância pelo conhecimento do que se passa lá fora naqueles ramos de actividade.

«Numa altura em que Portugal passou a ser membro de pleno direito da Comunidade Económica Europeia e em que os portugueses, na sua grande maioria, não sabem muito bem o que é, será extremamente importante poder entrar em contacto, através do cinema de países de técnicas evoluídas, com as possibilidades que a tecnologia abriu à nova agricultura» — salienta a organização do festival.

Paralelamente, ainda integrados no festival, decorrerão os ciclos do «Ruralismo do Cinema Português», do «Cinema de Animação» (especialmente dedicado às crianças) e do «Cinema Musical».

Finalmente, no campo do vídeo e em simultâneo com a passagem dos filmes, haverá uma mostra de material e vídeo e de informática, a que aderiram alguns dos mais conhecidos fabricantes mundiais que operam no nosso país.

Uma exposição de pintura e escultura do mestre Martins Correia e uma outra de cartazes — «Os últimos dez anos do cinema português» — completam a face culturl do certame.

O festival decorrerá, em simultâneo, no Teatro Rosa Damasceno e nas salas do Museu Distrital de Santarém, durante nove dias.

Entretanto, será aproveitada a ocasião para prestar uma homenagem póstuma ao crítico e realizador Fernando Duarte, que foi o grande dinamizador do certame cinematográfico escalabitano.

Coincidindo com a abertura deste festival, começa também no dia 5, prolongando-se por três fins-de-semana, o Concurso Gastronómico da Açorda do Sável, um prato tipicamente ribatejano, cuja entrega de prémios se fará a 4 de Maio, no mesmo dia em que se inaugura o Festival da Flor.

Concertos à hora do almoço

A Gulbenkian vai iniciar, a partir de 3 de Abril, a terceira série dos «Concertos à Hora do Almoço» constituída por nove espectáculos.

Os concertos, com entrada gratuita, dão oportunidade ao público de almoçar ouvindo música, uma vez que no local, a sala polivalente do Centro de Arte Moderna, pode ser adquirido um almoço volante.

Os intérpretes são na generalidade jovens que, segundo garante a Gulbenkian «têm vindo a desenvolver uma carreira profissional prometedora, assegurando assim o bom nível dos concertos».

O romanesco febril de um cinema apaixonante (na foto: Juliette Brinoche e Lambert Wilson em **«Encontro»**)

"Encontro" de André Techiné

Jorge Leitão Ramos

Paixões abruptas, violências, espasmos, um cinema a agarrar o romanesco perdido, um filme em excesso: «Encontro» de Téchiné, o cinema francês existe...

O que faz de **«Encontro»** um filme tão exasperado, tão turbulento, tão envolvente quanto opaco, tão tenso e tão urgente?

Não é a sua história, certamente, mas a sensação de que o filme sabe que toda a paixão é elíptica, deixa na sombra a causalidade e acontece como uma representação única, inadiável e irrepetível. E essa sensação nasce do despojamento narrativo que **«Encontro»** escolhe: não há cenas de ligação, daquelas que só surgem para garantir legibilidade. Todas as cenas são momentos fortes, motores e daí que o filme avance vertiginosamente até desembocar no medo. Muito depressa muito depressa, mas para onde?

«Encontro» é a história de Nina a aprender que tudo na vida tem um preço, a história do seu encontro com Quentin que julga que a vida é o preço a fazer. Digamos que são duas trajectórias contrárias, uma vital, outra mortífera, uma que não sabe, outra que já soube, uma virginal, outra corruptora, uma que quer dirigir-se da vida para o palco, outra que fez do palco uma pulsão suicida.

É um filme cru e negro, de um arrebatamento onde se cruzam a sombra de um romanesco que o cinema cada vez tem menos e um olhar quase didático (de aprendizagem se trata, não?) sobre essa forma de fingimento verdadeiro que é o cerne do trabalho do actor (e que faz a perdição de Quentin, ao equivaler a cena da vida à cena do teatro, ao tornar indistinta a paixão e o seu simulacro — e é essa a lição do «live show», a de que o simulacro é apenas a degradação de uma verdade quando junta uma parcela, mínima que seja, de verdade ao jogo do fingimento).

Releio agora o que para trás deixo escrito e constato que o texto está a sair labiríntico. O que posso fazer se o texto do filme assim apela?

«Encontro» é isso: uma linearidade narrativa que não nos contenta, que nos força a embrenharmo-nos em corredores laterais. Aí o sentimos latejar. De angústia, quase sempre, essa engústia que precede a entrada em cena, qualquer que seja o palco. É que se Nina se entrega em contactos de acaso, é por inocência, depois descobrirá que as coisas não são assim tão simples. É que se Quentin a exige, é por perversidade, por ter esquecido que é preciso não viver em vertigem para que vida haja. É que se Scrutzler é o personagem revelador por excelência, é por saber que o amor é uma encenação extremada e que há cartazes proíbidos. É que se Paulo se tortura tanto, é por temer embrenhar-se na noite dos sentidos e preferir a contabilidade mesquinha dos que nem arriscam nem ganham, nem perdem, sobrevivem.

Téchiné joga uma partida de cinema num gesto ousado e sem retiradas seguras. Faz um filme febril e deixa-o ali, a latejar perplexidades, no écran à nossa frente. É raro ver-se um voo assim, sem rede, abraçando actores (tocante Juliett Binoche, embriagador Wilson, segurísimo Stanczak, sólido Trintignant) e trazendo de regresso ao cinema um fôlego romanesco incomum (amores e fantasmas, sexo e teatro, o horizonte é largo e a transfiguração bastante).

«Encontro» merecia que o público tivesse disponibilidade para se deixar atravessar. Se calhar não tem, dommage...

FICHA:

Título original: Rendez-vous.
Realização: André Téchiné (França-1985).
Argumento: A. Téchiné e Olivier Assayas.
Fotografia: Renato Berta.
Cenários: Jean-Pierre Kohut Svelko.
Música: Philippe Sarde.
Produção: Alain Terzian.
Interpretação: Juliette Binoche **(Nina),** Lambert Wilson **(Quentin),** Wadeck Stanczak **(Paulo),** Jean-Louis Trintignant **(Scrutzler),** etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes.
Cinemas: Las Vegas-2 e Quarteto-2.
Classificação: Para maiores de 16 anos.
Duração: 87 minutos.

"Old Flame" de Juice Newton

«Old Flame» é o mais recente álbum da cantora Juice Newton. Produzido por Richard Landis, com a ajuda de Otha Young, o disco insere-se numa linha pop-country, destacando-se pela emoção com que Juice usa a voz, especialmente no tema «You make me want to make you mine», de David Loggins.

Californiana, Juice nasceu numa base naval, tendo-se mudado depois, com os pais, para a Florida e a seguir para a Virgínia. Acabado o liceu principiou a cantar profissionalmente em bares, música folk, acompanhada da sua guitarra. Não sabia música, mas «quando não sabia de cor uma certa música, inventava».

Quando Juice transferiu residência novamente para a Califórnia começaram a apelidar a sua música de country. Entrava em diversos espectáculos dos clubes nocturnos, como cantora a solo e depois como cantora de um quarteto, «Juice Newton & Silver Spur», em que o estilo era já o country-rock, tão em voga através dos Eagles.

Sobre o possível rótulo da sua música, Juice diz: «Há quem diga que a minha música é country-rock ou Nashville rock, mas eu sinto que é um género de música muito parecida à dos Fleetwood Mac. Penso que a minha música é simplesmente folk-rock.»

Um ano depois de se ter novamente mudado para Los Angeles, em 1973, Juice conseguiu o seu primeiro contrato com uma gravadora e todos os seus «singles» obtiveram lugares cimeiros nos tops. «Nessa altura gravei material velho e desconhecido, para além de composições de minha autoria, desde rock ao rhytham'n'blues». «Sweet Smile» de Karen Carpenter foi o seu primeiro grande sucesso de country, que a projectou.

O actor e o fogo

Carlos Porto

ERÓSTRATO, de Pedro Barbosa. Encenação: **Júlio Cardoso.** Cenografia: **José Rodrigues.** Interpretação: **Orlando Costa.** Intervenção: **António Delduque, Fernando Ribeiro, Isabel Dávila, José Amaral e Josefina Ungaro.** «Seiva Trupe». **Estreia: Espaço Barredo (Ribeira), 25-3-1986.**

Efésio, que viveu no século IV a.C., Eróstrato foi acusado de ter incendiado o grande templo de Éfeso (uma das sete maravilhas do Mundo) na noite em que nasceu Alexandre o Grande. Foi condenado ao suplício e o seu nome interdito. Foi esta personagem histórica que Pedro Barbosa escolheu para ilustrar a sua tese sobre o teatro e o relacionamento com o público que desenvolveu no seu livro «Teoria do Teatro Moderno (Axiomas e Teoremas)». Com «Eróstra», Pedro Barbosa obteve um dos prémios do concurso de originais da Seiva Trupe.

A primeira razão — e talvez a maior deste espectáculo — consiste no facto de um novo autor dramático nacional poder ver a sua peça em cena: facto infelizmente demasiado raro para não ser saudado. Esperemos que o acontecimento se repita com a frequência necessária para que estes comentários prévios se tornem redundantes.

Uma outra razão do espectáculo consiste no facto de com ele reaparecer um dos bons actores da geração do teatro independente — Orlando Costa — há anos já sem palco.

A terceira razão consiste no facto da Seiva Trupe, com Júlio Cardoso (encenedor) e José Rodrigues (cenógrafo) terem descoberto e tratado o espaço ideal para o texto — espaço único e irrepetível como é este um espectáculo único e irrepetível.

Pedro Barbosa no seu texto coloca com grande sinceridade o problema do actor e do seu relacionamento com a personagem e com o espectador. Trata-se de demonstrar que o teatro não pode deixar de levantar tensões muito fortes entre aqueles que actuam e aqueles para quem actuam, que dessas tensões nasce a verdade do espectáculo que é a sua radicalização que pode (deve?) ir até às últimas consequências. Ponto de vista que esteve em voga nos anos 60, com o Living, o happening, Grotowsky, por exemplo, e que Ertaud teorizou, e que passou por cá em especial em espectáculos como «Macbeth que se passa na tua cabeça?», encenação de Juan Carlos Oviedo pelo CITAC («DL» — 17.5.1970), «Melim 4» encenação de Adolfo Gutkin, pelo Cénico de Direito («DL» — 27.4.1970) e «Insulto ao Público», de Peter Handke, encenação de Fernando Gusmão, pelo Grupo 4 («DL» — 1-11-1972), o último dos quais, de resto, Pedro Berbosa considera paradigmático.

Claro que esta proposta chega demasiado tarde para ter algum impacte, não por já não ser moda mas apenas porque representa uma opção insuficientemente consistente para ser credível. E então num momento em que o naturalismo regressa em força...

Se o projecto surge pois um tanto serôdio, o tratamento que o dramaturgo lhe deu não o tornou mais convencente pelo menos a uma leitura do texto. No entanto, é no corpo do actor que o texto teatral se torna realidade: axioma aqui uma vez mais verificado. Seja embora no próprio texto que acabamos por descobrir virtualidades que explicam os resultados obtidos, virtualidades que o espectáculo despoleta e que absolvem a peça de Pedro Barbosa de alguns dos lugares-comuns que quase a destroem.

O facto do autor de «Eróstrato» não ter grande confiança no seu projecto (isto é, na capacidade da personagem ser capaz de entrar em confronto directo com o público) parece óbvio já que recorreu ao truque de utilizar figurantes colocados entre os espectadores aos quais compete fazer a simulação desse confronto, ou seja estabelecer o diálogo actor-público, o que confere ao espectáculo um tom de simulacro incompatível com a sinceridade absoluta que se reivindica. Se esse truque começa por funcionar logo se revela o que é, o que aliás se deve, em parte, ao próprio texto, que destrói a indispensável espontaneidade das personagens. Quanto aos contactos directos entre a personagem e os espectadores, estes autênticos, não passam de contactos superficiais e banais, ao nível do ilusionista de salão, como dificilmente poderia deixar de ser.

A encenação de Júlio Cardoso limpou o texto de algumas excrescências, embora pudesse ter ido mais longe nessa limpeza, e sobretudo procurou levantar o espectáculo na sua realidade primeira: o intérprete. Foi potanto nesse confronto primordial entre texto e actor e entre ambos e o seu próprio trabalho que Júlio Cardoso sublinhou a força teatral da peça que é inegável. De certo modo como a encenação, também o trabalho de José Rodrigues se distingue para sua invisibilidade. De facto, a cenografia deste espetáculo, aproveitando um velho espaço em recuperação, permitiu a criação da atmosfera claustrofóbica que o texto exige ao mesmo tempo que recusa o recurso ao signo. Um andaime, uma escada, um suporte de velha madeira para as velas — estes elementos fazem parte de um mundo real como que a leitura corre ta de Júlio Cardoso. Uma outra leitura possível acentuaria os aspectos de teatralidade do texto que para tornar visível a sua destruição, o que a peça também admite.

E porém em Orlando Costa que «Eróstrato» se torna a verdade teatral que me parece ser. Por ele esquecemos o itinerário esteriotipado que texto e espectáculo percorrem: ao assumir a sua dupla personagem (a de Eróstrato e a dele próprio, Orlando Costa), o actor torna versímil o que no texto parecia inconvincente: a duplicidade dessa máscara. É por ele, com ele, nele que reconhecemos a possibilidade do teatro como forma de entendimento da humana condição. É com ele que o texto explode, que a energia que o teatro exige se torna uma forma de comunicação. Pela composição, pelos gestos, pela voz e pelos seus matizes, pela maneira como a sua personagem é ao mesmo tempo um e o outro sem perder de vista a situação real que é a sua (um actor a representar), pela credibilidade do seu contacto com o público, por tudo isto, não se pode deixar de considerar esta interpretação de Orlando Costa um trabalho magnífico, uma das melhores criações de actor em Portugal nestes últimos anos. Num efeito discutível, a peça termina com a personagem em situação crítica, de braços abertos em cruz sobre o andaime a que subira sem coragem de disparar sobre os espectadores. Se no contexto este final parece um tanto forçado, embora relativamente coerente, parece ter a ver com a própria situação do teatro em Portugal, e nela especialmente com o actor, diariamente sacrificado. A aceitação do martírio é que não conduz a lado nenhum.

São cinco os figurantes (António Delduque, Fernando Ribeiro, Isabel Dávila, José Amaral e Josefina Ungaro) — se começam por ser aceitáveis acabam por se revelar tal qual são: meros joguetes do autor. Como é óbvio, a culpa não é deles, até por serem inconvincentes as réplicas que lhes cabem. A cena final com um casal de jovens discretamente nus faz parte dessas imagens banalizadas em que o texto infelizmente abunda.

Com estas ou outras reservas, «Eróstrato» é um espectáculo que deve ser visto, é um espectáculo importante. Quanto mais não seja como homenagem ao Actor (Orlando Costa) que neste caso se escreve com maiúscula.

Orlando Costa em «Eróstrato»

TEIROLTURAL

O coreógrafo Louis Falco, durante um ensaio com o Ballet Gulbenkian

Bailado

• A partir de hoje e até 12 de Abril, o **Ballet Gulbenkian** efectuará no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, uma série de dez espectáculos com um novo programa que assinala o encerramento da presente temporada da Companhia em Lisboa. Vários são os motivos de especial interesse deste programa, desde a estreia de obras dos coreógrafos Louis Falco, Vasco Wellenkamp e Olga Roriz, até à colaboração de outros artistas que, no domínio da criação plástica e musical, agora trabalham pela primeira vez com o Ballet Gulbenkian: caso da figurinista São e do compositor António Emiliano. De Louis Falco — um dos maiores nomes da «modern dance» norte-americana, conhecido também através do cinema, especialmente da sua coreografia para o filme «Fame», de Alan Parker — veremos agora uma nova versão do bailado «Escargot», que constituiu um dos grandes êxitos da Louis Falco Dance Company. Esta nova versão, criada expressamente para o Ballet Gulbenkian, terá um belíssimo cenário da autoria do pintor nova-iorquino Jack Brusca. Quanto a Vasco Wellenkamp, coreógrafo-residente da companhia, dar-nos-á a conhecer a sua obra mais recente: **Antigas Vozes de Crianças,** com música de George Crumb baseada em poemas de Garcia Lorca. O programa é completado pela estreia de «Espaço Vazio», uma coreografia de Olga Roriz e a reposição de «Crepúsculo», do coreógrafo holandês Hans van Manen.

Música

• Durante este mês a Gulbenkian promove nove **concertos à hora do almoço**, ou seja, pelas 13 horas. Os concertos têm lugar na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna daquela fundação e a entrada é gratuita. Entre os intérpretes encontram-se Paulo Santiago, piano, José Mesquita Lopes e Paulo Amorim, guitarras, Lia Altavilla, soprano e Carla Seixas, piano, Paulo Gaio Lima, violoncelo e Carla Seixas, piano, Choral Phydellius e maestro José Robert; António Wagner Diniz, barítono e José Bon de Sousa, piano; Manuel Jerónimo, clarinete e Luís Machado Pinto, piano; Manuela de Sá, soprano; Ivona Matuszewska, flauta e António Saiote, clarinete, Emídio Teixeira, piano, Alexandre Branco Weffort, flauta, Cândida Matos, piano, José Machado, violino, João Paulo Santos, piano, Ensemble Português de Clarinetes, constituído por Jaime Carriço, Jorge Trindade, Francisco Ribeiro e António Saiote.

Teatro

• **«Jogos de Loucos»,** de Michel Viala, continua em cena no Teatro de Bolso do TAS — Teatro Animação de Setúbal, por aquela companhia. A peça, que sobe ao palco de quinta a sábado pelas 21.30 horas e aos domingos também às 16.30, tem encenação de Domingos Semedo e a interpretação está a cargo de Carlos Rodrigues, João Manuel, Maria Simões, Filomena Gonçalves, Fernando Luís, Isabel Ganilho, Pompeu Josés e Rui Paul.

• Também de quinta a sábado, pelas 21.30 e aos domingos às 17 horas, o Teatro Ibérico apresenta nas suas instalações, na Igreja Barroca do antigo Convento de Xabregas, em Xabregas, a sua última produção, a peça de Federico Garcia Lorca, **«Bodas de Sangue».**

Exposições

• Quadros seleccionados de 18 artistas amadores da zona Centro vão figurar numa exposição colectiva de artes plásticas que se inaugurou na Casa de Cultura de Cantanhede — informou a Câmara Municipal.

A mostra de pintura é organizada pela edilidade local e pelo Movimento Artístico de Coimbra (MAC) e ficará aberta ao público até 11 de Abril.

CINEMAS

Uma cena do novo filme de ERIC ROHMER, «NOITES DE LUA CHEIA».
Com PASCAL OGIER e VIRGINIE THEVENET.
Em exibição no Estádio 444 e Quarteto.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Alfa 2

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 3

AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
T. 763319

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Amoreiras 2

TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45 h

Amoreiras 3

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.45 e 24 h

Apolo 70

JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Ávila
— T. 539930

ESPIÕES COMO NÓS
(comédia)
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

LOUCURAS AMERICANAS
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio
— T. 372358

TARADAS DO SEXO
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

ESPIÕES COMO NÓS
(comédia)
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824

ROCKY IV
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
PROJECTO BRAINSTORM
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cine Camões
T. 324194

O ESQUADRÃO DA VINGANÇA
(int. men. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

D.A.R.L.Y
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
GUERREIROS DE AÇO
(não acons. men. 18 anos)
24.00 h

Cinemateca

UMA RAPARIGA EM CADA PORTO/1928
21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha

O REGRESSO DA GRANDE AVENTURA
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

COMANDO
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

O SOL DA MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
EXORCISTA II
(não acons. men. 18 anos)
23.45

Condes
— T. 322523

A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134

O SOL AOS QUADRADINHOS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255

DEBAIXO DO JOGO
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078

NOITES DE LUA CHEIA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1

TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 3

FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 h

Forum Picoas
— T. 541037

ERAM OS DEUSES ASTRONAUTAS
(maiores 13 anos)
19.00 e 21.30 h

Gemini
— T. 734009

AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30

Hollywood
— T. 802859

Sala 1

A JÓIA DO NILO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45h

Sala 2

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Império
— T. 555134

ESPIÕES COMO NÓS
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1

A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

ENCONTRO
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas
— T. 574362

AGNES DE DEUS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

COMANDO EM FÚRIA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e e 21.30 h

Olímpia
T. 325309

A CASTA MATULONA
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico

Pathé
— 821933

GENTE GIRA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h
A MALDIÇÃO DA MANSÃO SOMBRIA
(maiores 18 anos)
24.00 h

Politeama
T. 326305

DESTACADAMENTE EM MISSÃO ESPECIAL
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1

NOITES DE LUA CHEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
OUTLAND, ATMOSFERA ZERO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2

O ENCONTRO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
AMERICAN GIGOLLO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3

HISTÓRIA DE PIERA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O SENTIDO DA VIDA
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4

RUMBLE FISH — JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.00, 18.00, 19.45, 21.30 e 23.30 h

N'Gola
— T. 573407

PEDRO, O GRANDE
II Parte — OS FEITOS GLORIOSOS
(maiores 12 anos)
14.30, 18.30 e 21.30 h

Restelo
T. 610375

O ÚLTIMO GUERREIRO DO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex
— T. 864756

A TESTEMUNHA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma
T. 889192

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Roxy
T. 548560

JOÃO BRONCAS E A LICEAL
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

7.ª Arte
— T. 730715

D.A.R.L.Y.
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

UMA NOITE INESQUECÍVEL
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

ESPIÃO COMO NÓS
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

ACADEMIA DE POLÍCIA 2 – 1.ª Missão
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480

O BEIJO DA MULHER ARANHA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

JULIE
(n/acons. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio — «A paixão de Swann», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
AMADORA — Cineteatro Ideal — «O beijo da mulher aranha», às 15.30 e 21.15 h (maiores 16 anos)
AMADORA — Babilónia — «O Sol aos quadradinhos», às 15.15, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
AMADORA – LIDO — «A Paixão de Swann», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «O mistério de um rapto», às 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos)
CINETEATRO CHABY — (Descanso)
ESTÚDIO DOIS EME — «Taran e o caldeirão mágico», às 21.30 h (para todos)

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «Rocky IV», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)
ALGÉS — CINEMA 2000 — «O quebra-ossos», às 15.30 e 21.30 h (não acons. men. 13 anos)
OEIRAS — ALTO DA BARRA — SALA 1 — «Os gansos selvagens contra-atacam», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
SALA 2 — «A floresta esmeralda», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CASCAIS – MIRAMAR/ SALA 1 — «A jóia do Nilo», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
SALA 2 — «A paixão de Swann», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CARCAVELOS – ATLÂNTIDA CINE — «Regresso ao futuro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)
OXFORD — «Rocky IV», às 16.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Arredores

ALMADA — Academia — «Juventude violenta», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)
ALMADA — Incrível — «Os eleitos», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)
CINE ESTÚDIO ALMADA — «Regresso ao futuro», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 6 anos)
CAPARICA — OCEANO – Sala 1 – «Ultra-secreto», às 15.45 e 21,30 h (maiores 12 anos). Sala 2 – «O segredo da caverna fantasma», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CRUZ DE PAU – LORD – «Missão Hong-Kong», às 16.00 e 21.45 h (int. 13 anos)
BARREIRO – CINE-ESTUDIO BARREIRENSE – «A caça», às 21.15 h (int. men. 18 anos)
FORTE DA CASA – FOCA CINE – «O jacaré», às 15.30 e 21.30 h (int. men. 13 anos)
LINDA-A-VELHA – CINE-TROPICAL «O último dragão», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
MOSCAVIDE – STOP – «Jogos de mulheres», às 15.30 e 21.30 h (int. men. 18 anos). Pornográfico
ODIVELAS – CINE-ODIVEL — «Os goonies», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALFAMA: Costa, Rua Escolas Gerais 88A (T. 863940) **ALTO SANTO AMARO-RIO SECO: Dilena,** Rua Aliança Operária 49 AB (T. 636620); **ALVALADE: Sanex,** Av. da Igreja 31 C (T. 897505); **ARCO CEGO: Providência,** Rua D. Filipa Vilhena 9C (T. 770324); **ARROIOS-CHILE: Brasil,** Rua Alves Torgo 29-33 (T. 546843); **BENFICA-PORTAS BENFICA: Benfica** Est. Benfica 678 E, (T. 702532); **CAMPO D'OURIQUE: Almeida,** Rua Silva Carvalho 136 (T. 681726); **LUMIAR-QTA. MOURAS: Matos Viegas,** Av. Rainha D. Amélia 34B (T. 794174); **MARQUÊS POMBAL: Branco,** Av. Duque Loulé 61-65 (T. 545048); **PENHA FRANÇA: Carrondo,** Rua Padre Sena Freitas 10A: (T. 842518); **PICHELEIRA: Marluz,** Cc. Picheleira 140 BC, Rua Prof. Mira Fernandes MAF (T. 880703); **SANTOS: Marcos Nascimento,** Cc. Marquês Abrantes 36A (T. 664238); **BRANDOA-AMADORA: Correia,** Urb. Alfornel-Cel G-Lt. 137 -loja B (Poente) (T. 990122); **CODIVEL-ODIVELAS: Nabais Vicente,** Rua A lt. 19A loja-urb, Codivel (T. 9816803); **PONTINHA: Leitão Ribeiro,** Rua A do Falcão 3A (T. 993912).

REFORÇO — ANJOS (AO CINEMA ROXY): Guerra, Rua Andrade 32-36: (T. 845513); **AV. ROMA (B. S. MIGUEL): São Miguel,** Pç. Francisco Morais 1 (T. 771469); **BAIXA: Cortez,** Rua São Nicolau 93 (T. 325378); **ENC. RESTELO-ESC. P. VICENTE: Belém,** Rua Tristão Vaz 10-A: (T. 612248); **ENCARNAÇÃO: Zira,** Pç. das Casas Novas Lt. 66 (T. 311216); **ESTADOS UNIDOS: Gasparinho,** Rua dos Navegantes 10 (T. 661734); **LUZ-2.ª CIRCULAR: J. Ribeiro,** Est. da Luz 199A (T. 720969); **MADRE DEUS: Madre de Deus,** Rua da Margem 15B (T. 382470); **PRÍNCIPE REAL-SÃO BENTO: Confiança,** Pç. das Flores 59-60 (T. 670401); **SÃO SEBASTIÃO: Sagres,** Av. Luís Bivar 69-71 (T. 547213); **BURACA-AMADORA: Vaz Martins,** Rua António Ferro 6A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova,** Rua Açores 11A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos,** Tv. Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Central, R. Olivença, 11-B (T. 2750504) Permanente; **COVA DA PIEDADE**: Cerqueira Afonso, L. 5 DE Outubro, 62 (T. 2750121) Permanente; **MONTE CAPARICA: Guerreiro,** Lote 31-IJ (T. 2950727) Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218) Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. Álamos, 2-A (T. 2296464) Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido Reis, 13 (T. 2233471) Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016) Até às 19 horas; **BARREIRO: Central**, Av. Alfredo Silva, 48 (T. 2073207) Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, Est. Nacional, 178-B (T. 2040302) Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841) Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Fonseca**, R. Ribatejo, 2-A (T. 2211131) Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 38 (T. 213560) Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008) Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. dr. Teófilo Braga (T. 239025) Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. Bela Rosa, 8 (T. 2040250) Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos Costa, 10 (T. 234137) Até às 19 horas; **SETÚBAL: Tavares da Silva**, R. Gaivotas, 68 (T. 29316) Permanente; **Isabel**, L. Batalha Viso, Lote 86 (T. 21677) Permanente; **Lisboa**, R. dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248) Até às 22 horas.

Linha de Sintra — AMADORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 4930019) Até às 22 horas; **Carlos**, Até às 22 horas; **DAMAIA: Nova**, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530) Permanente; **QUELUZ: André**, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043) Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069) Até às 19 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693) Permanente; **MEM MARTINS: Química**, Est. Mem Martins, 285 (T. 9210012) Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275) Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, Calç. Rinchoa, 38 (T. 926006) Até às 22 horas; **COLARES: Abreja**, (Tel. 9290088); **S. PEDRO DE SINTRA: Valentim**, (T. 9230456) Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. Moscavide, 22-A (T. 258518) Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151) Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. República, 86 (T. 9830027) Até às 22 horas.

Cascais — ALGÉS: H. Amaral, R. X, Lote 146 — Algés Cima (T. 2104556) Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30 C (T. 4191235) Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, Lote A - r/c (T. 2441616) Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B.º Padre P. Correia, 4 — (T. 2690363) Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015) Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. M.ª Conceição, Lote B (T. 2470777). Permanente; **S. DOMINGUES RANA: Godinho Silveira**, R. A. Albuquerque, Lote B-L/2 (T. 2470361) Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, Estrada Nacional (T. 2850635) Até às 22 horas; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485) Até às 22 horas; **PAÇOS ARCOS: Pargana**, Av. eng.º Bonneville Franco (T. 2435147) Permanente; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho — B.º Caixas Previdência (T. 2472948) Permanente; **SASSOEIROS: Amaral**, Quinta das Encostas (T. 2461312) Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, Lote 7-B-Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, Rua A (T. 2476326) Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Viv.ª Maria Carlos Anjos (T. 2682313) Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087) Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde Monte Real, B.º Caixas (T. 282407) Permanente.

Porto — DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS — SÁ DA BANDEIRA, R. Sá da Bandeira, 236; **CANAVARRO**, R. da Restauração, 53; **ANTERO DE QUENTAL**, R. Antero de Quental, 520; **VAZ TEIXEIRA**, R. do Heroísmo, 56; **PRELADA**, R. Central de Francos, 316.

DE DIA E TODA A NOITE — VASQUES, R. das Condominhas, 794; **BARREIROS**, R. de Serpa Pinto, 8-10; **CONTUMIL**, R. de Contumil, 540; **ALIANÇA**, R. da Conceição, 2; **BARROS**, R. do Loureiro, 104.

TEATROS

Casa da Comédia

R. Francisco de Borja, 24 — Tel. 60 72 99

Da 3.ª a sábado, às 21.45; aos domingos, às 16.00

«QUASE POR ACASO UMA MULHER», de Dario Fo. Encenação de Castro Guedes. Interpretado por António Cruz, Elisa de Guisett, Fernanda Alves, Júlia Correia, Juvenal Garcês e Rogério de Sousa.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30.

«E o GODOT SEMPRE CHEGOU, de Alexander Pastor. Encenação de Armando Cortez. Intérpretes: Hermínia Tojal, Álvaro Faria, Carlos Martins, Andrade e Silva e Carla Cristina.

Setubal — Teatro de Bolso

Rua Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 26078

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.30

«JOGO DE LOUCOS», de Michel Viala. Encenação: Domingos Semedo. **TAS**.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46
Sala Garrett

De terça a sábado, às 21.30; sábados, às 16.00

«D. JOÃO», de Molière. Encenação de Jean-Marie Villégier. Interpretado por António Rama, Barroso Lopes, Carlos Daniel, Carlos Pimenta, Henriqueta Maya, Ignor Sampaio, Lúcia Maria, Mário Pereira, Ruy de Carvalho, São José Lapa, António Banha, etc.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos só às 16.00

«BEM-VINDO SR. SLOANE», de Joe Orton. Encenação de Carlos Fernando. Cenografia de Dalton Salen Asseff. Intérpretes: António Montez, Carlos Fernando, Filipe Domingues e Maria José.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«PAI», de Augusto Strindberg. Encenação de Anne Consiguy e Luís Miguel Cintra. Interpretado por Luís Miguel Cintra, Manuela de Freitas, Sandra Paula, Ruy Furtado, Luís Lima Barreto, Glicínia Quartin, Francisco Costa e Gilberto Gonçalves.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 382531

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«BODAS DE SANGUE», de Lorca. Encenação de Blanco Gil.

Instituto Franco-portugues

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 43 89

Todas as noites, às 21.30

«UNE PUCELLE POR UN GORILLE», de Fernando Arrabal, pelos alunos do Liceu Francês.

Grupo de Teatro Mutum

R. Poiais de S. Bento, 75
(Casa dos Tabuenses) Tel. 60 18 66

De 4.ª-feira a sábado, às 21.45

TUTANKAMON E A SUA RAINHA, de Adolfo Gutkin. Encenação de Adolfo Gutkin e cenografia de Ana Vieira. Intérpretes: Silvina Pereira e Carlos Paula Vasconcelos.

Teatro da Trindade

R. da Trindade — Tel. 32 32 00
De quarta a sábado, às 21.30

«UM HOMEM É UM HOMEM — DAMIÃO DE GÓIS». Texto e encenação: Hélder Costa. Interpretação: João Maria Pinto, Jorge Sequerra, José Gomes, Maria do Céu Guerra, Maria João, etc.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00
Sábados e domingos às 16.00

«AS VIAGENS DO FERRO-VELHO», de Álvaro Faria. Grupo Pequeno Teatro.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular
— Tel. 76 86 90
Teatro Estúdio de Lisboa
De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«CESÁRIO QUÊ?». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Intérpretes: Fernanda Montemor, Cerlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigoso, Fernanda Coimbra, José Brás, Vítor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala 2

6.ªs, às 21.30; sábados, às 15.00 e 21.30; domingos, às 15.00

«NÓS DE UM SEGREDO», de João Brites, pelo Grupo «O Bando». Encenação de João Brites.

Sala Nova

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00

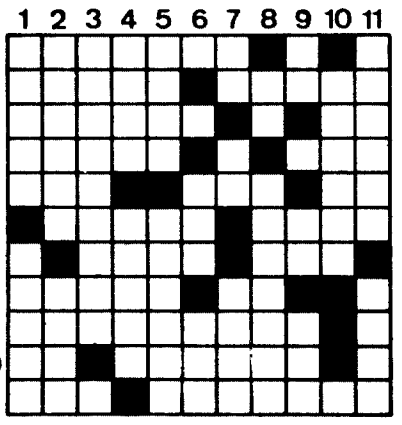
«CALÍGULA», de Albert Camus. Encenação de João Mota. Intpérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 695

HORIZONTAIS:

1 Prender com amarra. Artigo definido.
2 Molhai com baba. Sai do solo.
2 Dividir em toros. Arsénio (s.q.).
4 Falhas. Acreditei.
5 Irmã da mãe (inv.). Mil e quatro em romano. Antes de Cristo.
6 Danço o samba. Metal precioso de cor amarela.
7 Zombará. Despida.
8 Nome de planeta. Átomo.
9 Concluíram.
10 Escarnece. Latada.
11 Sufixo que designa abundância. Pedaço de pano com que se conserta uma parte do vestuário.



VERTICAIS:

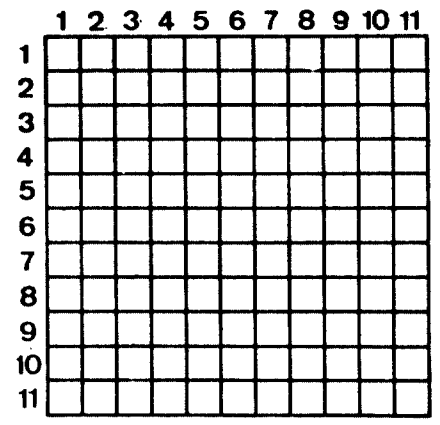
1 Arruine. Asno.
2 Assassinais. Monarcas.
3 Fracassaram.
4 Invulgar. Escavar.
5 Esteiros. Rebentar.
6 Nome de letra. Triture. Estime.
7 Rubídio (s.q.). Cento e um em romano. Lavram.
8 Rénio (s.q). Desejo.
9 Contracção da preposição de com artigo. Género de palmeiras do Brasil. Ilha inglesa da Irlanda.
10 Pesara para abater a tara.
11 Relativo a oásis. Senhorio.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 534

HORIZONTAIS:

1 Esposa de Marajá. Igual.
2 Cidade da Alemanha. Compro.
3 Cidade do Egipto. Monarcas.
4 Vasos pouco fundos e de boca larga.
5 Continuávamos.
6 Do nariz ou a ele referente. Sadias.
7 Nascimento de um astro. O lado do vento.
8 Bébado (Bras. e gir.). Furados.
9 Pertences. Gemera. Segundo.
10 Melodiosas. Autores.
11 Guardaras segredo. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.



VERTICAIS:

1 Alcunha do cidadão italiano (Bras.).
2 Artilharia antiaérea. Larva do escaravelho.
3 Cidade de Espanha. O mais.
4 Raer. Tanto. Nome de mulher.
5 Tomas notas de. Mais mal.
6 Orçara.
7 Prefixo de negação. Óxido de cálcio. Amanhã (ant.).
8 Estavam. Nome de algumas tribos indígenas do Brasil.
9 Prisioneiros.
10 Acrescentando uma vogal é linha de soldados, exército em ordem de combate (ant.). Grosseiras.
11 Nome de flor. Pessoas muito parecidas com outras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 694**

HORIZONTAIS:

1 Trava. Apara.
2 Eira. Quem.
3 Raiz. Cano.
4 Rs. Avelados.
5 Sr. Amava.
6 Seara. Si.
7 Mel. Isar. Dá.
8 Imola. Cocar.
9 ANTES. Dr
10 Trama. Na. EU.
11 Aula. Gasosa.

VERTICAIS:

1 Terra. MINTA.
2 Rias. Sem. Ru.
3 Ari. Selo. Al.
4 Vazara. Lama.
5 Riana.
6 QUE. AS.
7 Au. La. Acena.
8 Pecam. Rosas.
9 Amadas.
10 NOVIDADES.
11 Arosa. Arrua.

PROVÉRBIO: Antes eu minta que as novidades.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 533**

HORIZONTAIS:

1 Jamaica. CCC.
2 Atormentara.
3 Nora. Lírios.
4 Ilo. Temera.
5 Na. Sapo.
6 Arco. Tia. SE.
7 Rues. Nas.
8 Am. Pr. Coro.
9 Tolo. Cp. Tal.
10 Usa. Cassa.
11 Saloios.

VERTICAIS:

1 Janina. Atum.
2 Atolaremos.
3 Moro. Lãs.
4 Ara. Corpo.
5 Im. Ur. Cl.
6 Celeste. Cão.
7 Animais. Psi.
8 Trepa. Só.
9 Cairo. Notas.
10 Croa. Sara.
11 Cãs. Resolve.

Radio

ANTENA UM

16.00: A gaita dos sete foles; **17.15:** Musicomania; **19.00:** Informação e música; **20.00:** Música portuguesa; **20.15:** No estúdio e no estádio — (informação desportiva — 2.ª edição); **20.30:** A viver também se aprende; **21.00:** Movimento; **21.30:** Imaginário; **23.30:** Último jornal. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

16.00: Música do século XX; **16.32:** Obras de Rameau; **16.45:** Arias de óperas de Tschaikowsky, Puccini e Levy; **17.00:** Integrais — sinfonias de Haydn; **17.27:** Um trio de Beethoven, executdo por artistas célebres; **18.00:** Cenas da floresta op. 82 de Schumann; **18.40:** Os grandes intérpretes — 3 sonetos de Petrarca n.º 47, n.º 104 e n.º 123 de Liszt — sinfonia «Romeu e Julieta» de Berlioz; **20.15:** Transmissão directa do Teatro Nacional de S. Carlos da ópera em 2 actos «Fidelio» de Beethoven. Intervalo: cenas infantis op. 15 de Robert Schumann. Complemento: excertos de obras de Bach e Haendel; **23.30:** Os grandes intérpretes — prelúdios de Debussy — fantasia bética de Falla; **23.55:** Música sinfónica — Uma Noite no Monte Calvo de Mussorgsky. Concerto n.º 1 em mi bemol maior para trompa e orquestra de Strauss; **01.00:** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **17.00:** A feira mágica; **19.15:** Som de retorno; **20.00:** Conta-corrente; **21.00:** Discos pedidos; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** Tempo de desportos; **23.00:** Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; **16.00:** O som da frente; **17.00:** Rock em stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Em órbita; **20.00:** Nova geração; **21.00:** Jazz; **22.00:** As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.00:** Quiosque; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.30:** Quando o telefone toca; **20.00:** Conversa de amigos; **21.00:** Encontro; **22.00:** Clube de coleccionadores; **22.30:** Diário do desporto; **23.00:** Uma casa portuguesa (Porto); **23.55:** Meditando.

FM-Estéreo

13.00: Cem mais; **19.30:** Transmissão do Terço; **20.00:** Serra de estrelas; **22.00:** Oceano pacífico; **23.55:** Boa noite.

TELEVISÃO

RTP/1

12.00 — Abertura
12.02 — Sumário
12.05 — Espaço 12/13
12.45 — Jornal da Tarde
13.00 — Palácios Portugueses

«Palácio da Brejoeira». Programa dedicado ao Palácio da Brejoeira imponente edifício do Alto Minho, cuja monumentalidade tem carácter de excepção na arquitectura civil portuguesa.

Este programa vai recordar um pouco da vida faustosa que aqui se viveu no século passado e mostrar como sobrevive, na actualidade, este palácio.

Realização de Marcos Loureiro.

18.02 — Sumário
18.07 — Tempo dos Mais Novos

«A Floresta Portuguesa», O Urso Teddy

18.45 — País, País
19.15 — Desporto
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Telenovela
«Corpo a Corpo»

Episódio 18.º (resumo). Eloá conta a Rogério tudo sobre o Homem Misterioso. Rogério diz que acha que o Homem Misterioso quer usar Eloá para aplicar um golpe na Fraga Dantas e que a própria viúva de Alceu é quem deve dar parte à Polícia da suspeita de assassinato. A família de Rangel descobre que não tem dinheiro suficiente para o enterro do pai. Olavo oferece-se para pagar os custos do funeral de Rangel, mas Ivan já tinha ido à casa de Olga pedir para pagar o enterro do futuro sogro. Sónia sabendo que Ivan tinha ido, vai também a casa de Olga. Ivan e Sónia brigam.

21.15 — Europa
21.45 — México/86

4.º Programa. Retrospectiva dos campeonatos do mundo de futebol.

22.15 — As Aventuras de Sherlock Holmes

7.º Episódio. Sherlock Holmes descobre como é que o famoso diamante «Blue Carbuncle» foi parar ao papo de um ganso, na madrugada do dia de Natal.

Intérpretes: Jeremy Brett, David Burke, Rosalie Williams, Rosalind Knight, Frank Middlemass, Ken Campbell, Frank Mills; Realização de David Carson.

23.10 — 24 Horas
23.35 — Remate

RTP 2

16.52 — Basquetebol

Final da Taça dos Clubes Campeões Europeus: transmissão directa de Budapeste, via Eurovisão.

19.32 — Notícias
19.37 — Desenhos Animados

«Recruta Balley»

Mais um episódio da série Sherlock Holmes

20.00 — Conheça melhor

Bruges, na Bélgica, é indiscutivelmente uma das cidades europeias que melhor guarda as tradições de um passado glorioso que remonta ao século XII.

Os seus edifícios, palácios e igrejas e as suas casas estão perfeitamente preservados.

A pintura flamenca famosa no final da idade média tem em Bruges grandes nomes: Yan Van Eyck, Menling e Gerard David.

Produção de Felix Machado.

20.30 — A Família Vialhe

«A Família Vialhe» em estreia no canal 2

1.º episódio. Uma série francesa de seis episódios baseada na obra de Claude Michelet que pretende contar a história de uma aldeia de França de 1900, através, da história de uma família nela residente, a família Vialhe. Saint-Libéral, a pequena aldeia, é então uma terra que parece parada.

1899. Véspera de Natal. Dois miúdos, Pierre Edward Vialhe e Léon Dupench colocam armadilhas nos campos próximos da pequena aldeia de Saint-Libéral. Dias depois, a mãe de Léon dá à luz a pequena Mathilde.

É o primeiro de Janeiro de 1900.

21.30 — Notícias
21.35 — Da... Música

«Encontros». Jorge Moyano interpreta Schumann.

Entrevista conduzida por Carlos Pontes Leça.

23.30 — Últimas Notícias

AMANHÃ

RTP 1

12.02 — Sumário
12.05 — Espaço 12/13
13.00 — Palácios Portugueses
18.02 — Sumário
18.07 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.15 — Follow Me (19.º programa)
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Corpo a Corpo
21.15 — Guerra e Paz (6.º episódio)
22.00 — Sarilhos com Elas
23.05 — 24 Horas
23.30 — Remate

RTP 2

19.32 — Notícias
19.37 — Desenhos Animados
20.30 — Adágio
21.00 — Viagem pelo Teatro
21.15 — Notícias
21.30 — Directo/2
22.30 — Últimas Notícias

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B e R. de Macau, 8-1.º LISBOA

EMELO INFORMÁTICA
MICROCOMPUTADORES
CAMPANHA DA PÁSCOA
ÚLTIMA OPORTUNIDADE
ATÉ 6 MENSALIDADES S/ ENCARGOS
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 – cave/dt.º
Loja Zodíaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (Clube Vídeo)
Tel. Zodíaco: 54 99 04 – Tel. Melo: 52 56 69 – 1100 LISBOA
Demonstrações 3.as e 5.as das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP/1 21.45 — México-86
RTP 2 21.35 — Da... Música

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 – Cruz Quebrada – Telef. 4197570

DL

MARÉS DE HOJE

PRAIA-MAR	BAIXA-MAR
10.51 **3,2 m**	4.13 **1,7 m**
23.16 **3,4 m**	16.45 **1,9 m**

Dia 4

.....	5.40 **1,5 m**
12.06 **3,3 m**	17.56 **1,6 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	7º
VIANA DO CASTELO	9º
VILA REAL	7º
PORTO	11º
COIMBRA	11º
CABO CARVOEIRO	12º
CASTELO BRANCO	8º
PORTALEGRE	7º
LISBOA	9º
ÉVORA	9º
BEJA	8º
FARO	10º
SAGRES	12º
PONTA DELGADA	13º
FUNCHAL	13º

O terceiro de uma série

Trio "saca" 550 contos no BESCL de Carnaxide

Três homens, dois deles armados de pistolas e um encapuçado, entraram pelas 9 e 23 desta manhã na agência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa (BESCL), em Carnaxide, levando cerca de 550 contos em dinheiro. De referir que este assalto foi o terceiro efectuado àquela dependência, desde 1984, tendo nos anteriores assaltos sido roubados 800 contos (400 em cada uma das vezes).

No assalto de hoje, perpetrado quando nas instalações estavam à volta de 20 clientes, apenas um dos três homens usou de palavra para dizer: «Isto é um assalto!», tendo a rápida acção visado duas das quatro caixas, uma das quais ainda estava encerrada.

Os assaltantes abandonaram o local, em direcção a Algés, num automóvel «Fiat Uno», de cor creme, ou seja com a mesma marca do utilizado no «golpe» de anteontem às oficinas da Carris, em Cabo Ruivo, em que foram furtados 12.700 contos, provenientes da venda de «passes sociais» em vários postos da capital.

O assalto à agência do BESCL, em Carnaxide, foi o terceiro assalto importante à mão armada ocorrido em Portugal nos últimos quinze dias, incluindo o da Carris e um outro, em 19 de Março, à dependência do Crédito Predial Português, no Barreiro, em que três homens se apoderaram de cerca de 500 contos.

Na Assembleia da República

Papel selado foi ontem abolido e hoje vota-se o Orçamento/86

Com os deputados a trabalharam a todo o gás visando a votação, esta noite, do Orçamento do Estado para 1986, foi ontem abolida na Assembleia da República uma velha imagem de marca da burocracia lusitana, o papel selado.

Com efeito, o Parlamento aprovou pelos votos conjugados de todos os partidos da Oposição, à direita e à esquerda e apenas com a posição contrária do PSD, uma lei que determina o fim do uso do papel selado. Nela se determina que a abolição do papel selado pode ser posta em vigor pelo Governo, logo que este julgue estarem reunidas todas as condições para o fazer mas, a sua decisão não poderá ultrapassar a data limite de 31 de Dezembro de 1986.

Os deputados aprovaram, também, que o Governo deverá eliminar os artigos da tabela geral do Imposto de Selo em que o pagamento se faça por estampilha e que «constituam ónus injustificado pela sua reduzida contribuição para as receitas», ou que mostrem desproporcionados pelos «incómodos» que provoquem junto do público.

Hoje é o dia decisivo da batalha orçamental que a Oposição tem vindo ultimamente a travar com o Governo, devendo ser decidido se baixam ou não os impostos sobre os rendimentos do trabalho e se é ou não possível descer o preço da gasolina, como pretende uma proposta do Partido Comunista.

Do resultado das votações e do aspecto que o Orçamento apresentar depois das alterações que lhe pretende introduzir a Oposição depende também o futuro do Governo. Embora nunca se tenha comprometido expressamente com a Oposição a adoptar, O Governo, através de um ameaçador discurso do ministro das Finanças, já deixou perceber que a hipótese de demissão está perfeitamente em aberto.

/D/E/C/A/R/A/S/

ANTÓNIO MACEDO, presidente do PS, encontra-se no serviço de observações de um hospital de Lisboa, na sequência de uma crise ocorrida ontem, durante a sessão no Parlamento, comemorativa do 10.º aniversário da Constituição. Segundo uma fonte hospitalar, o estado de António Macedo, que passou bem a noite, não inspira cuidadas. Em princípio, o presidente do PS deverá hoje mesmo ter alta.

WINNIE MANDELA, mulher do líder do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, regressou à sua casa de Soweto, tendo o seu advogado declarado que o governo tinha levantado todas as restrições sobre a liberdade de movimentos anteriormente impostas a Winnie. A casa de Winnie Mandela foi parcialmente destruída no Outono passado por um ataque à bomba.

MUAMMAR KHADAFY admite ter uma paixão pela música de Beethoven e por escrever poemas, numa entrevista publicada num semanário da Alemanha Federal, onde também afirma que algumas vezes chora quando está sozinho. Interrogado sobre a sua vida privada por uma jornalista do semanário «Bunte», o líder líbio aludiu à equitação e à caça como os seus passatempos preferidos, não esquecendo também a música clássica e a leitura.

JOÃO GOMES: o julgamento do antigo provedor da Misericórdia e dirigente do PS, em que Ramalho Eanes é queixoso, tem o seu início marcado para hoje, num tribunal de Lisboa. Trata-se de um processo em que Eanes, então Presidente da República, acusa João Gomes na altura dirigente socialista, do crime de injúrias. O processo tem origem em declarações produzidas por João Gomes, em 1983, ao programa «Mosaico» da Antena 1, segundo as quais «o Presidente despende verbas públicas contra os interesses do País».

DESMOND TUTU, bispo anglicano de Joanesburgo e Prémio Nobel da Paz, pediu sanções internacionais contra a África do Sul, incorrendo no perigo de ser processado, já que as leis sul-africanas proíbem que cidadãos advoguem a imposição de sanções contra o país. O bispo Tutu disse aos jornalistas que a África do Sul enfrenta uma catástrofe e só pode ser salva pelas pressões da comunidade internacional.

BARRY DAY, vice-chairman da Mc-Cann-Erikson Worldwide, ao proferir num hotel de Lisboa uma conferência sobre «O sexo na publicidade», admitiu que este tópico se tornou, infelizmente, um lugar-comum, considerando que «essa visão simplista vem sendo cada vez mais contestada, perante o crescimento constante, pelo mundo fora, do movimento de libertação da mulher».

Cavaco usa o FMI contra o Parlamento

Continuação da pág 1

Esta informação de origem governamental não identificada e cuja veracidade é de difícil comprovação foi divulgada no dia exacto em que o Parlamento se prepara para votar uma proposta de alteração ao Orçamento susceptível de impor, contra a expressa vontade de Cavaco Silva, a baixa do preço dos combustíveis, nomeadamente a gasolina. Não pode, aliás, ser dissociada de uma manobra de pressão directa sobre o Parlamento.

Em toda a Europa a gasolina baixou de preço, acompanhando a perda de cotação do petróleo no mercado internacional, juntando-se a Portugal, como excepções, apenas a Grécia e a Itália. Mas a fonte oficial referida pela agência e não identificada acentua, em abono da tese do Governo e, pelos vistos, do FMI, exactamente os casos da Itália e da Grécia, dois países com primeiro-ministros socialistas.

Segundo a mesma fonte oficial portuguesa, o governo italiano vai utilizar os ganhos para combater o défice do sector público e o governo grego na melhoria das contas do organismo grego correspondente ao Fundo de Abastecimento português.

Miguel Bombarda em greve

Continuação da pag 1

Segundo o Sindicato, quer o Conselho de Gerência do Hospital Miguel Bombarda quer a própria ministra da Saúde «têm denotado uma insensiblidade verdadeiramente chocante» perante as exigências específicas do tratamento e acompanhamento dos doentes mentais».

Fundamentalmente, esta especificidade implica enfermeiros especializados e mais numerosos em proporção com o número de doentes. E os enfermeiros do Miguel Bombarda são tão poucos que nem sequer podem programar minimamente as suas férias, quando as têm. Para uma média de 700 doentes internados existem 144 enfermeiros praticando um horários de 36 horas semanais em 15 serviços de tratamento e recuperação. Excluindo os enfermeiros afectos à administração sobra uma centena para assegurar a assistência aos doentes nas 24 horas do dia, o que dá uma média de 60 doentes e nalguns seviços 80 por enfermeiro.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72. TELEX: 12363

N.º 247

Merryl Streep em «Out of Africa» e a autora, Karen Blixen, pouco antes da sua morte

Por detrás de Out of Africa a baronesa Karen Blixen...

Tardiamente considerada como «grande dama» das letras dinamarquesas, Karen Blixen adquire, postumamente, uma projecção que ela própria não admitir a poder vir a ter. Por um lado, uma biografia, escrita por Judith Thurman, veio esclarecer uma série de factos que ajudam a compreender a escritora. Por outro lado, Out of Africa *(África Minha, em português) de Sydney Pollack, baseado no seu romance* Uma quinta em África, *arrebata sete* Oscars depois de já ser, nos Estados Unidos e na Europa, um enorme êxito de bilheteira.

«AH! Se ao menos, em vez de subir para bordo daquele maldito navio, eu tivesse tomado em Antuérpia o comboio para Paris, e tivesse iso comprar jornais para os vender nas ruas!», escreve Karen Blixen a seu irmão Thomas numa imensa carta («se alguém te vir a abrires o envelope, diz-lhe que se trata de um manuscrito»), em 1926, ao regressar de África depois de uma viagem à Dinamarca para visitar a família. Ela tem quarenta anos, o seu divórcio acabado de ser pronunciado e ainda não fez nada na vida. Nada, a não ser sair da «prisão» dinamarquesa — como dizia Hamlet — para se casar, tornar-se baronesa e partir para «qualquer país, cujas perspectivas fossem ainda virgens».

Eis o tema de **A Quinta Africana**, que ela publicará em 1937 (e do filme **Out Of Africa**, traduzido em português por **África Minha**), essa época charneira de uma existência movimentada, tão pouco tradicional para uma mulher da sua classe no princípio do século XX... Existência pela qual se apaixonou a americana Judith Thurman, que efectuou durante quinze anos minuciosas investigações, tanto na Dinamarca como no Quénia, para fazer sair da sombra a obra e a vida da baronesa Blixen, a «grande dama das letras dinamarquesas» que quis fugir à prisão do Norte... E, depois, voltar lá.

O seu nome de baptismo era Karen Christentze Dinesen. Ela nasceu numa velha casa familiar entre Copenhaga e Elsinor, a 17 de Abril de 1885. A família chamava-lhe «Tana», diminutivo que ela detestava e que vinha da sua pronúncia infantil de Karen. Pelo seu casamento com um primo sueco, tornou-se na baronesa Blixen-Finne-

Continua na pag. 2

Sydney Pollack fala do texto

ELS o que diz o grande bafejado com os Óscares Sydney Pollack, a propósito de **A Quinta Africana,** de Karen Blixen, de onde é extraído o seu **Out of África:**

«Eu tinha lido o livro há quinze anos e, na altura, não pensei extrair dele um filme. Aliás, nem acreditava que tal fosse possível. Fiquei extremamente impressionado pela escrita de Karen Blixen, mas parecia-me que o romance era mais como uma peça de música do que como um filme. Ele fez nascer em mim sentimentos complexos que eu era incapaz de traduzir em termos claros. Estava muio tocado pela escrita e muito intrigado com o personagem.

«Finalmente decidi-me a trabalhar com base numa adaptação cinematográfica, depois de ter lido a biografia de Karen Blixen feita por Judith Thurman. Então li, também, as cartas da escritora e os seus outros livros. O personagem pareceu-me ainda mais complicado do que de início. A cenarização da **Quinta Africana** foi um verdadeiro quebra-cabeças. Hollywood, aliás, possuía os direitos sobre o livro há vinte anos, mas ninguém nunca tinha conseguido tirar dali um **script.** Porque não há ali propriamente uma história, não há ali alimento para um argumento. Felizmente, a biografia de Thurman forneceu-nos factos, material para a ficção. Mas, apesar desses factos, e com eles, não conseguimos construir uma verdadeira história. Não conseguimos senão sugerir impressões de ritmos, uma espécie de música. Não tenho dúvidas de que um espectador impaciente se aborrecerá enquanto vê o **Out of África.**»

Acerca da relação dos actores com a história de Karen Blixen, diz Sydney Pollack:

«Meryl Streep conhecia muito bem o livro e gostava muito dele. Redford entusiasmou-se apesar do seu papel ser dos mais curtos que filmou nos últimos anos. Mas ele gosta de «love stories», e hoje há poucas «love stories» tão inteligentes como esta.»

O realizador de **Out of Africa** não soube, durante quinze anos, como fazer um filme com base na **Quinta africana**

Prémio APE espera mais uma semana

O anúncio da obra galardoada com o grande prémio (mil contos) da Associação Portuguesa de Escritores foi adiado por uma semana «em virtude do período da Páscoa e pelo facto de alguns membros do júri residirem fora de Lisboa», disse-nos o secretário-geral permanente do prémio, Carlos Eurico da Costa. Segundo ele, o adiamento para o próximo dia 11, às 18 horas, no hotel Sheraton, em Lisboa, não está, portanto, relacionado com quaisquer dificuldades de deliberação por parte do júri que, como já noticiámos, é constituído por Glória Padrão, Paula Mourão, Manuel Gusmão, Álvaro Salema e Carlos Reis.

O júri, aliás ainda não concluiu as suas reuniões nos termos regulamentares (cinco, tantas quantas os seus membros), e tem continuado a analisar os romances e novelas publicados em 1985.

Esta manhã, parecia não haver ainda uma decisão *definitiva* quanto à obra a premiar. Mas os membros do júri já decidiram, por maioria, que *haverá mesmo prémio* (ele pode, segundo o regulamento, não ser atribuído).

Enquanto o *suspense* é alargado por mais uma semana — recorda-se que o prémio devia ser anunciado esta tarde — aperta-se o círculo dos «favoritos», e parecem subir as possiblidades do *Auto dos Danados* (António Lobo Antunes), *Os nós e os laços* (Alçada Baptista) *Um falcão no punho* (Maria Gabriela Liansol) e *Vida e morte dos Santiagos* (Mário Ventura), embora se continue ainda a considerar as possibilidades de *Todo o alfabeto desse alegria*, de José Amaro Dionísio, e do romance de Abelaira *O último animal que?*, previamente publicado em folhetim por um semanário e que pode, por essa razão, não ser considerado pelo júri (apesar de a versão editada em livro ser substancialmente diversa da primeira).

Sabe-se também já que a cerimónia da entrega do prémio decorrerá, em princípio, no dia 27 de Abril no complexo turístico de Tróia. Ela inclui uma sessão solene com a presença do Presidente da República, Mário Soares, de membros da direcção da APE e da comissão executiva do prémio, patrocinadores e sócios, e de autores galardoados em anos anteriores. A seguir à sessão de entrega do prémio, que inclui, além do cheque de mil contos, um diploma e um troféu alusivos, está previsto um almoço volante de confraternização no restaurante do clube de golfe de Tróia.

Karen Blixen ressurge das suas sombras

Continuação da pág. 1

cke. Os seus amigos de Africa chamavam-na Tânia. Na sua tumba, mandou gravar Karen Blixen... Toda a vida gostou de contar histórias que inventava e, quando começou a escrevê-las, foi acumulando pseudónimos: Osceola para os primeiros contos, Isak («Aquele Que Ri») Dinesen em 1934 para o seu primeiro livro escrito en inglês, **Sete Contos Góticos**, que a tornou imediatamente célebre, e até Pierre Andréz, um nome francês, para um livro feito de encomenda, seu único romance, **As Vias da Vingança,** publicado em 1944. Na Dinamarca, ela era a Baronessen», a quem a palavra era sempre dirigida na terceira pessoa, segundo o uso feudal.

É preciso recuar um século numa família de proprietários de terras e de aristocratas para se compreender qual foi a educação de «Tana», numa sociedade em que as raparigas se destinavam ao casamento e onde era impensável que elas tivessem de ganhar a sua vida. Karen veio a condenar com frequência, depois, esse sistema que «praticamente tinha desfeito as suas capacidades e a tinha votado à caridade ou à prostituição». Como suas irmãs, «Tana» foi educada em casa por tias, governantas e velhas professoras reformadas que a aborreciam. Aos oito anos, ela dá provas de uma imaginação exuberante, e escreve contos.

Kren Dinesen acaba de fazer dez anos quando seu pai se enforca, deixando a viúva com cinco crianças de tenra idade. Ele próprio tinha publicado, sob o pseudónimo de Boganis, as **Cartas de Um Caçador**, que se mantêm um clássico do género na Dinamarca. A insuportável tragédia do suicídio do pai parece tê-la perseguido toda a vida, até se ter tornado obcecada pela ideia de que o pai continuava a viver nela, e que os seus ideais não poderiam sobreviver senão através de si: «Não sei onde te encontras, espírito que eu amo, mas não me deixes só. Se o teu espírito ainda por vezes se demora na terra onde amaste e sofreste, faz com que ele fique comigo, comigo que te amo», escreve ela aos quinze anos.

Karen aprende inglês e francês, segue cursos de desenho nas Belas-Artes de Copenhaga, viaja, publica os seus primeiros contos sob o pseudónimo de Osceola. Eles passam despercebidos, mas têm já o estilo «gótico», cheios de espectros, de visões e de possessões.

Naquela sociedade dinamarquesa em que os movimentos feministas — a sociedade das cidadãs — lutam activamente contra os preconceitos, ela experimenta o seu poder de sedução e o seu encanto de contista, mas conserva a vontade de se demarcar do «rebanho», de ser única e de chocar por prazer. Loucamente apaixonada pelo primo Hans Blixen, decidirá, afinal, casar com Bror, seu gémeo, porque, para ela, o casamento significa partir para o desconhecido.

Ao voltar de África, perdeu tudo: fortuna, marido, amante, saúde. Aos quarenta e cinco anos, volta sozinha para a Dinamarca, para a casa da sua infância em Rungstedlund, junto ao mar, perseguida pelo sentimento do vazio da sua existência e pela nostalgia de uma África que amou profundamente e que aprendeu a conhecer.

Não nos enganemos a seu respeito: o seu comportamento de aristocrata nas colónias, recebendo na sua «quinta» o príncipe de Gales ou as princesas escandinavas, não deve esconder-nos a paixão real pelas paisagens e pelos homens do Quénia, no sopé do monte Ngong. Seria uma traição à História julgar a baronesa pela bitola de 1986, e ela ficaria sem dúvida surpreendida se lhe falássemos do seu «paternalismo».

No Quénia ela aprendeu, apesar dos sofrimentos, a «amar o seu próprio destino». «Creio que a generosidade assim concebida é a condição da própria felicidade», escreve ela nessas **Cartas de África** que, melhor do que o filme, contam o verdadeiro romance da vida de Karen Blixen: superficiais ou profundas, faladoras ou calorosas, essas cartas enviadas à família entre 1914 e 1931 tornam mais compreensível o abismo que se abre entre a mulher e o meio onde vive. Uma mulher sozinha que se resigna voluntariamente ao seu destino de liberdade conquistada por alto preço: «Ponho a minha liberdade acima de tudo o que possuo», escreve já em 1926. «Ela é decerto limitada por circunstâncias exteriores, mas isso não se produz senão bem longe, no horizonte, e não há um só ser na Terra que tenha o direito de me criticar pelo ar que tenho, pelo modo como penso ou — fora dos negócios — pelo modo como falo ou ajo. Essa liberdade, paguei-a com a ausência de laços...»

Karen vai portanto consagrar-se à sua obra, dando forma aos contos que tanto gostava de contar aos seus auditórios brancos ou negros: os **Sete contos góticos**, apresentados para publicação em 1933, são recusados pelo editor inglês Putnam, mas aparecem nos Estados Unidos em Abril de 1934, sob pseudónimo. Putnam comprará imediatamente os direitos de publicação do livro de ... Isak Dinesen, sem saber que anteriormente o recusara!

No ano seguinte, o livro publica-se na Dinamarca, traduzido pela própria autora. A escolha das duas línguas manter-se-á quase sistematicamente, como uma outra máscara, como modo de não ficar prisioneira da língua dinamarquesa, e de poder ser reconhecida internacionalmente. Acabará por falar-se seriamente dela para o Nobel...

O fim da sua vida será marcado por grandes viagens a Roma, Paris, Londres e depois, na Primavera de 1959, aos Estados Unidos, onde será hóspede da Academia americana. Uma fotografia histórica mostra-a em Nyack, em casa de Carson Mc Cullers, que ela admirava, com Arthur Miller e Marylin Monroe. Marylin, sumarenta e soberba, fixa aquela mulher descarnada, de cabeleira escondida por um turbante artisticamente enrolado que valoriza os olhos profundos e brilhantes. A sua última viagem é a Paris, no início de 1961: silhueta esquelética, mas de elegância perfeita, de uma mulher que toda a vida quis ser magra até à inanição, não apenas por opção estética, mas com o objectivo de «atingir a elevação» através da fome e das privações. Karen Blixen-Isak Denisen permanecerá um dos grandes escritores do século XX porque soube fazer triunfar, na escrita, os contos que recitava: uma escrita sensual, labiríntica e simples, fria e apaixonada, que permitirá durante muito tempo «ouvir» a voz da inimitável contista. Morreu em 7 de Dezembro de 1962.

Nicole Zand

NOTA

Acaba de sair e é encomendável para França: **Karen Blixen, uma biografia**, de Judith Thurman, traduzido do americano, com uma árvore genealógica e uma dúzia de fotografias (Seghers).

Lettres d'Afrique (Cartas de África) 1914-1931, editadas e apresentadas por Franz Lasson (Gallimard, ed. crítica, com uma cronologia e notas).

Os **Sept Contes Gothiques** estão publicados na Stock, e **La terre africaine, Le diner de Babette. Ombres sur la prairie, Contes d'hiver, Nouveaux contes d'hiver, Les chevaux fantômes** e **Autres contes** na Gallimard.

Milhares de dólares por escrever para a gaveta

Os escritores de guiões de Hollywood ganham dezenas ou centenas de milhares de dólares e por vezes os filmes não se concretizam

OS escritores de Hollywood recebem dezenas — alguns centenas — de milhares de dólares por um guião cinematográfico, ainda que a enormidade da quantia não seja determinante para a realização de um filme. Com efeito, existem autores a quem a indústria pede a sua colaboração, imediatamente retribuída, mas cujo trabalho nunca foi filmado.

«Ganhamos muito dinheiro por não fazer filmes», disse Jack Epps, um conhecido escritor dos estúdios, ainda que ignorado pelo público. Os 8 guiões escritos por Epps acabaram nos arquivos sem que nenhum tenha sido utilizado, nem em parte para o cinema.

«Com 5 guiões escritos por ano, pode ganhar-se cerca de 700 000 dólares — declarou à Imprensa Jack Epps — e um profissional de primeira linha pode obter mais de 600 mil por um só trabalho, como já aconteceu».

«Mas não pense que os produtores ficam obrigados por esse gasto; a maior parte das vezes prescindem do guião depois de o pagar», conclui.

«De cada 100 projectos — explica Robert Bookman, da Columbia Pictures — apenas 10 ou 15 são bons para filmar»

Segundo os entendidos, os grandes estúdios de Hollywood examinam por ano cerca de 10 mil ideias básicas e encarregam os escritores do tratamento de 10%. Daí sairão finalmente uns 100 filmes. O resto do material escrito será, quase seguramente, esquecido; no melhor dos casos, aproveitado parcialmente.

Os industriais do cinema chamam «investigação empresarial» a essa dedicação aparentemente pouco produtiva e, desde logo, têm previsto nos seus orçamentos os necessários investimentos.

Também Spielberg escreveu, ocasionalmente, adaptações para Hollywood

Todos eles tentam encontrar as chaves do êxito que conduzem à filmagem e a maioria das vezes acabam por se resignar a escrever esterilmente.

Em certas ocasiões, o escritor acredita estar perto do triunfo, dada a índole do guião que lhe é pedido. Por exemplo, se se trata de um projecto para «astros» do momento, como Clint Eastwood, Dustin Hoffman ou Madonna, ou se o argumento a abordar tem relação com as tendências dominantes.

Mas, mesmo assim, por desinteresse da estrela ou devido à mudança no gosto dos produtores ou do público, a tentativa pode fracassar.

«Naturalmente que o guião nunca é elemento decisivo — disse Jim Harrison, um escritor que em treze ocasiões foi chamado a colaborar com o cinema, sem que, até agora, tenha participado num produto final. O que conta é o tratamento cinematográfico da matéria-prima que nós fornecemos e os actores intervenientes no filme.»

Harrison recebeu um total de 2 milhões de dólares pelos seus guiões e afirma estar satisfeito com a sua sorte. Outros autores conservam as melhores ideias e fragmentos dos seus trabalhos recusados, para os incluir no guião seguinte, com a esperança de que finalmente sejam apreciados.

Woody Allen e Spielberg, as excepções

No outro extremo existe um reduzido número de guionistas que têm apoio financeiro para participar na produção ou na realização dos filmes. Então pode ser o grande triunfo. Os mais conhecidos dessa categoria privilegiada são, nos EUA, Woody Allen — que raramente se utilizou de guiões alheios para os seus filmes — e Steven Spielberg, que começou a escrever para os outros, e agora fá-lo ocasionalmente, e com resultados espectaculares, para a sua própria empresa produtora. Mas ambos são, obviamente, uma excepção.

Geralmente — disse Jim Harrison — de dez ou doze guiões, apenas um é aceite. Os meus acabaram todos no arquivo. Eu e muitos colegas escrevemos para ninguém; mas já me consegui adaptar a essa realidade. De qualquer maneira, são muitos os trabalhadores que jamais vêem o produto do seu trabalho, só que eu sou muito bem pago.»

Frederico Maza
Serviço Especial da Agência EFE,
em exclusivo para Portugal

Jorge de Sena no baloiço de Fragonard

Emilie Buchwald e Ruth Roston (eds), **The Poet Dreaming in The Artist's House — Contemporaray Poems about the Visual Arts,** Milkweed editions, 1984 (conclusão).

ERA jovem e grego. Talvez rei, talvez caçador. Pastor, quase ao certo. Quanto ao facto de ser belo não restam quaisquer dúvidas. Foi, aliás, a sua beleza que lhe traçou o destino. Vivia inconsciente e feliz, guardando o seu rebanho. Até que um dia, uma deusa, que nisto de beleza os deuses estão sempre atentos, o descobriu na clareira do Latmos. Chamava-se ela Selene, a Lua. E mal o viu por ele se apaixonou. Desceu lá do alto, beijou-o e deitou-se a seu lado. Desde então que todas as noites Selene o vem visitar, o beija e junto a ele adormece. Ele permanece no seu sono, feliz, sorrindo, mas inconsciente. Imortal mas desconhecendo a sua imortalidade. Feliz pelo amor que lhe coube mas inconsciente dessa sorte. Chama-se Endimião.

Em Metamorfoses Jorge de Sena (percursor em Portugal da tradição em análise neste livro) compõe um dos seus poemas a partir de um conhecido quadro de Fragonard, **O Balouço.** Aqui aparentemente nada mais se passa do que um tranquilo e breve instante de divertimento e de lazer: uma dama num balouço, empurrado por um homem, olha outro situado no canto oposto do quadro. E no entanto:

Que estátuas e que muros se balouçam
nessa vertigem de que as cordas são
tão córnea a graça de um feliz marido!
Como balouça, como adeja, como
é galanteio o gesto com que, obsceno,
o amante se deleita olhando apenas!
Como ele a despe e como ela resiste
no olhar que pousa enviezado e arguto
sabendo quantas rendas a rasgar!
Como do mundo nada importa mais!

Endimião vive a eternidade sem qualquer consciência de possuir essa sorte. Logo, será que a vive? Suspenso no seu sonho, aguarda todas as noites a visita de Selene que o **animiza**.

Em **O Balouço,** também a suspensão determina um jogo entre as personagens que formam aquela narrativa e que se define nesse estado de tensão provocado pelo conhecimento entre elas existente ou não. Os jogos anteriores serão sempre sentidos e determinarão os olhares mais ou menos perversos, mais ou menos inocentes (e idiotas), do presente. O futuro, os novos jogos e enganos amorosos, são sempre insinuados na perspicácia que o próprio leitor pode, ou não, possuir.

Nos dois casos uma certa semelhança se insinua da relação que um qualquer referente artístico estabelece com o olhar que o descobre. Silêncio sempre existente, e que todavia ali permanece até que um qualquer olhar, sempre diferente, num qualquer momento o descubra. Esta consciência terá que estar sempre presente em quem produz um texto poético sobre um quadro, por exemplo. O quadro também nos olha, e esse olhar determina necessariamente o nosso. No entanto, o olhar do poeta, jogando com as possibilidades de significação, subverte ou prolonga o dizer até então insinuado ou pressentido. Endimião tocado por Solene, só então se justifica a sua existência, como um qualquer quadro encontra a sua justificação ao ser olhado, lido, «entendido» por alguém que, num breve instante, o alcança.

Mas, para o poeta que sobre o quadro, ou a arte, escreve, ou melhor que os toma como ponto de partida, endógemo ao seu discurso, algo deve ser referido: a arte torna-se consciência necessária para a poesia que se escreve. Processos diferentes mas indissociáveis. FranK O'Hara:

I am not a painter, I am a poet.
Why? I think I would rather be
a painter, but I am not. Well,

for instance, Mike Goldberg
is starting a painting. I drop in.
«Sit down and have a drink» he
says. I drink; we drink. I look
up. «You have SARDINES IN IT».
«Yes. It needed something there».

Também Sena frequentou o «atelier» do pintor

«Oh—. I go and the days go by
and I drop in again. The painting
is going on, and I go, and the days
go by. I drop in. The painting is
finished. «Where's SARDINES?»
All that's left is just
letters. «It was too much», Mike says.

But me? One day I am thinking of
a color: orange. I write a line
about orange. Pretty soon it is a
whole page of words, not lines.
Then another page. There should be
so much more, not a orange, of
words, of how terrible orange is
and life. Days go by It is even in
prose, I am a real poet. My poem
is finished and I haven't mentioned
orange yet. It's twelve poems. I call
it ORANGES. And one day in a gallery
I see Mike's painting, called SARDINES.

É desta relação profunda entre a arte e a poesia, elementos que mais do que coexistir no quotidiano, só se crêem possíveis enquanto juntos, que só se entendem se endógenos, que nos fala esta última secção, como nos falava já o poema de Denise Levertov, referido na 3.ª parte deste artigo, como nos fala, obviamente, este poema de Frank O'Hara.

A quarta secção «The Thing Itself» (expressão que de imediato se reconhece em Wallace Stevens), é composta de poemas que se interrogam acerca da natureza da arte, da função que ela desempenha no quotidiano (e aqui mais uma vez se justifica o poema de O'Hara, embora não pertença a esta antologia), da importância que ela desempenha como educadora e reflexo do próprio homem.

Mais uma vez se nota um percurso que atravessa a pintura, a fotografia, a escultura e também o desenho. Mas mais do que isso, deverá ser referido aqui um aspecto importante. Embora detendo-se por várias vezes em obras de artistas americanos, a maior parte destes poetas vai buscar os seus referentes a pintores europeus, e muito particularmente do Renascimento italiano. Esta atitude reflecte uma outra já aqui referida no princípio deste artigo, a de Melville que nos finais do século passado se voltara para a Europa. Arriscado seria tentar especular na razão que os leva a tal diálogo com um passado distante no espaço e no tempo quando na América se encontram grandes nomes da arte contemporânea. Talvez por isso este último poema de Beryle Williams aqui fique como sinal típico de um diálogo presistente apesar de tudo mantido com a arte americana:

This is to let you know
I have hung your prints.
on my wall... that is,
they are there, side by side,
the strange white expanse
that dominates each
to the inside, creating.
a ghost lake between them.

Mário Avelar

O bom fim da História

— pequeno extracto de um manual de escatologia prática

TOMEI a resolução de dizer adeus a uma espécie de pudor que dantes não me autorizava, já em escritos anteriores, a referir francamente as experiências, os factos em que uma vez me envolvi e que oportunamente tiveram por efeito obrigar a minha «concepção do mundo», então em vigor, a um profundo transtorno e ainda actualmente sem solução. O leitor tentado à leitura, mas começando por aqui, faria bem em previamente contactar as ideias já versadas, pois essas mesmas são, tal como estão apresentadas, as que tive então um dia de pôr em questão e as que tento ainda corrigir ou desenvolver. Mas um outro interessante motivo muito contribuiu também para me impulsionar decisivamente a estas confissões ousadas que farão com que talvez alguém reprove a minha conduta, suspeite a minha escrita e pessoa perturbadas, e por tal repudie este livro. Uma leitura do que está para trás ajudaria decerto ao apreço do que vai seguir-se. Durante muito tempo contentava-me eu em confidenciar tais experiências ao meu grande amigo Sr. A. S. Mas visto que a cada vez em que se proporcionava levantar o assunto, parecia-me o meu amigo desconcertantemente esquecido da maior parte ou de tudo o que eu, ao longo de anos, invariavelmente ou segundo o vigor da minha memória lhe repetia, tal só pôde ir contribuindo ao despertar da necessidade de o escrever. Talvez não costumasse o meu amigo ligar muito ao que eu lhe dizia já que incluiria esses relatos meus numa certa categoria quotidiana.

Um certo ano sobreveio em que todo um conjunto de factores favoreceu-nos dar um passo arrojado. Vim então, certa vez, a poder experimentar, bastante metodicamente, uma substância de que não devo dizer o nome. Se o revelasse, pessoas que viessem a saber desta experiência, voluntários espontâneos, acaso conseguissem coisa tão rara de encontrar, não hesitariam provavelmente em tentar ir mais longe pelo mesmo caminho e actuar melhor dentro do mesmo padrão, mas identicamente se sujeitando ao perigo mortal. Eu não estava avisado dos efeitos

que me sobrevieram, nem jamais qualquer raro entendido me os confirmou por relatar um caso similar. Portanto, em princípio, não se tratava de substância especificamente alucinogénia. Esta é então a história das minhas alucinações que me dá muito que pensar.

Aproveitando uma fase mais folgada no desempenho da minha antiga profissão a esse tempo e algures numa vila na província, um belo dia, uma negra noite, comecei por ministrar-me uma certa dose de uma abundante provisão que tinha conseguido da tal substância que, por sinal, já conhecia de experiências anteriores, mas tratando-se, desta vez, sem dúvida, de uma qualidade excepcional. Entusiasmado pelo resultado e assim, de certa maneira, negligenciando até os trabalhos literários em que já andava empenhado, tratei então de prosseguir, durante o dia seguinte no consumo de tão tentadora matéria; de maneira que, pela segunda noite daquela inesquecível sequência de cinco dias, já de facto alteradíssimo e nada feito a dormir, tendo ouvido ruídos estranhos e sentido uma presença intrusa na casa em que habitava, resolvi admitir-me plausivamente alucinado (auditivamente), para melhor das hipóteses.

Joel de Lisboa

O Bom Fim da História, de Joel de Lisboa, livro recentemente publicado pela **Black Sun Editures**

Primeira mão

Nascida em meados de 1973, a Editorial Teorema tornou-se inicialmente conhecida pela colecção «Cadernos Lobo Mau». Era ainda a época de autores como Wilheln Reich, Herbert Marcuse e Ivan Illich, a época da contestação de tudo o que era considerado como «estabelecido». Por entre outros autores publicados na mesma colecção, apareceu então um português (Alberto Pimenta) com um autêntico panfleto, o **Discurso sobre o Filho da Puta,** suspendendo então a sua actividade editorial.

Seguiu-se então um longo interregno (uns oito anos), até reaparecer em Outubro de 1985, com o lançamento de um longo ensaio intitulado **Portugal — o Desafio Nacionalista** (Psicologia e Identidade Nacionais), de Rui Aragão. Surgiu assim a colecção «Terra Nostra», especificamente voltada para os temas de cultura portuguesa. Logo a seguir, foi publicado um estudo polémico de Fiama Hasse Pais Brandão: **O Labirinto Camoniano e Outros Labirintos.** Nesta mesma colecção, serão publicados em 1986: **A Era do «Orpheu»** de Nuno Júdice, e **O Teatro Cortesão de Gil Vicente,** de Laurence Keats.

A ensaística estrangeira, nos mais diversos domínios mas com especial incidência nas ciências humanas, estará representada em duas colecções — «Estudos Gerais» e «Teorema». Na primeira, irão surgir uma **Introdução à Sociologia,** de Franco Ferrarotti, uma **Introdução à Antropologia,** de Bernardo Bernardi, e uma **Introdução à Psicologia,** de Luciano Meccaci, e uma obra já clássica, **As Origens do Pensamento Grego,** de Jean-Paul Vernant. Na segunda colecção, lá para Setembro e Outubro, serão publicados os dois volumes de uma obra quase desconhecida em Portugal. Trata-se de **O Mediterrâneo** (1.º vol: O Espaço e a Historia; 2.º vol: Os Homens e a Herança). Na mesma colecção, ainda este ano, teremos uma **História da Antropologia,** de Paul Mercier, e **A Europa na Idade Média,** de Georges Duby.

Numa outra área, a da ficção, poderemos ler autores tão diversos como Roald Dahl, Osvaldo Soriano, Italo Calvino, Nadine Gordimer, Patricia Highsmith, Tom Sharpe, Shiva Naipaul, David Goodis e Bret Easton Ellis, além de Roald Dahl (cujos **Contos do Imprevisto** terão continuidade com os 2.º e 3.º volumes) tudo isto na colecção «Estórias». De Calvino, serão reeditados os volumes da «Trilogia Fantástica» (O **Visconde Cortado Ao Meio,** o **Barão Trepador** e **O Cavaleiro Inexistente**) e também a sua última obra, **Palomar.**

Outra área editorial a que a nova Teorema começou já a dar a máxima atenção é a da literatura infantil e juvenil.

Quanto à colecção «Aventura Ao Vivo», importa salientar as suas características de inovação: o leitor destas histórias é que escolhe o que vai acontecer, isto é, o leitor decide do seu próprio destino, pois identifica-se totalmente com o protagonista. Em cada fase da acção o leitor vê-se obrigado, como na vida real, a tomar uma decisão. Depois do primeiro título, **O Túmulo do Faraó** (capa de Zé Paulo), **Perdidos no Espaço** (capa de Miguel Horta) e **Dinheiro Sujo** (capa de Jorge Colombo). Todos estes livros são da autoria de Allen Sharp e foram originalmente publicados pelo sector educativo da Cambridge University Press.

Lemos para si

Estante infantil

TÍTULO
— **O retrato «em escadinha»**
AUTORA
— Maria Alberta Meneres
ILUSTRADOR
— António Modesto
EDITOR
— Livros Horizonte

OLHAR para as coisas como se tudo fosse novo, ensinar aos adultos a lição dos dias que sempre estão nascendo e nunca se estão repetindo, eis de que são feitas as crianças e os poetas.

Por isso para cada poeta, um poema (um verso) é uma aventura. Por isso para cada criança tudo é uma aventura porque para uma criança tudo está vivo: para ela tudo fala, tudo tem uma vida interior (a alma...) tudo existe **em si** só porque existe **nela.**

Descobrir nas coisas o que está acontecendo nas coisas, eis o trabalho dos escritores para crianças. Ou seja: olhar para o mar não apenas como a superfície onde acontecem as ondas, a espuma, os barcos, as gaivotas, mas principalmente os peixes, os fundos misteriosos, a vida escondida.

Maria Alberta Meneres mostra-nos um retrato de infância. Um retrato em escadinha. A aventura vai começar por aí. «Para se começar a perceber melhor esta aventura — escreve Maria Alberta Meneres — talvez não seja má ideia revelar que a mais velha e a mais alta destas três irmãs, por acaso sou eu».

E Maria Alberta Meneres continua: **De uma maneira geral, hoje em dia não é aventura nenhuma tirar fotografias assim ao ar livre, num fim de tarde num ameno jardim. Mas antigamente uma coisa destas tinha que se lhe dissesse! Não era só assim: «Vamos tirar o retrato», e pronto.**

Parece que tudo está preparado para que a aventura seja a história de como se tirava um retrato **antigamente.** Ora, para as crianças, saber como as coisas são é sempre mais importante do que saber como as coisas eram. Mas as crianças **sabem** as imensas possibilidades que as coisas contêm. E é essa ciência que Maria Alberta Meneres vai explorar.

A história daquele retrato não é a história daquele retrato, é a história do tempo daquele retrato, do tempo em que havia família, e uns «lacinhos que davam um trabalhão danado a apertar», das rolas que fugiam da gaiola, das laranjas amargas, do gato companheiro das travessuras, das pevides de abóboras mágicas que, semeadas com a ajuda de palavras sabiamente descobertas, viriam a dar árvores de dinheiro...

O tempo das risadas sem motivo, da felicidade em pureza, como um diamante. E esse tempo não foi, esse tempo está ali, aquele retrato em escadinha...

Eis um livro que convida as crianças para o jogo do conhecimento da sua própia realidade; eis um livro que convida os adultos à recuperação da sua infância, da sua poesia.

Uma bela e bem cuidada edição, como esta na tradição de Livros Horizonte.

Mário Castrim

«Antologia de la Poesia Lirica Griega»

Carlos Garcia Gual
Alianza Editorial

O tradutor é sempre um traidor. Sem dúvida que este antigo adágio italiano tem a sua razão de ser. Efectivamente, a tradução é uma tarefa de exactidão impossível: quando se verte de uma língua para outra língua há sempre algo que se perde. Desta situação encontra-se consciente o estudioso espanhol Carlos Garcia Gual, organizador de uma «Antologia de la Poesia Lírica Griega», à venda entre nós. O volume (Alianza Editorial) abarca, nas suas 143 páginas, poemas e fragmentos de poemas dos séculos VII a IV antes de Cristo. Não é sem emoção que o leitor interessado se debruça sobre esta escrita que, sumida no tempo, ressuscita sempre e nos ensina que o presente não pode viver sem o passado.

A presente antologia divide-se em cinco partes: poemas elegíacos arcaicos, lírica monódica, canto coral, composições da lírica popular e poemas soltos de pensadores do século IV.

Mencionem-se, das três primeiras partes, os poetas antologiados: I) Calino de Éfeso, Tirteo de Esparta, Arquíloco de Paros, Simónides de Amorgos, Minermo de Colofon, Hiponacte de Éfeso, Solon de Atenas, Empédocles de Agrigento e Teognis de Megara; II) Safo de Mitilene, Alceo de Mitilene e Anacreonte de Teos; e III) Alcman de Esparta, Estesícoro de Himera, Ibico de Regio, Simónides de Ceos, Píndaro de Tenas e Baquílides de Ceos.

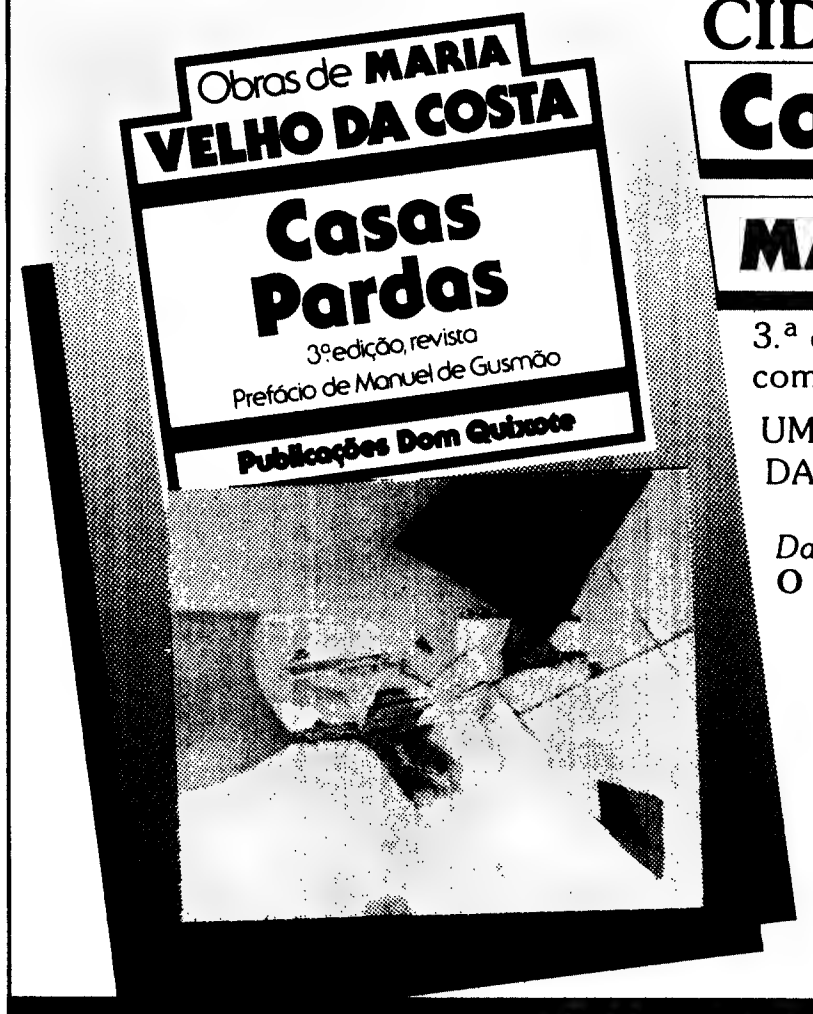
Carlos Gual, depois de se demorar em considerações sobre o ingrato ofício de tradutor (no caso presente do grego para o espanhol), conclui, no entanto, por nos dizer que alguma coisa há que na poesia, embora traduzida, sempre no leitor provoca um choque, um toque nos ombros, um subir mais rápido da nossa emoção. É sempre, pois, uma leitura a fazer...

Sempre uma leitura a fazer porque o que se integra em nós, relativamente a estes poemas gregos vertidos em espanhol, é, entre outras coisas mais, «a sensação da queixa contra o tempo, a urgência da paixão, o irrepetível do indivíduo». E ainda porque «as palavras poéticas guardam um aroma que perdura e uma cor que as estátuas (gregas) foram perdendo...» Ousaríamos dizer que há uma eternidade no dizer poético, um passar de testemunho, uma maratona circulando na alma dos homens e das civilizações.

É de todos nós sabido que os Gregos, como sublinha Carlos Gual, «consideravam a poesia como algo de muito importante para a compreensão do mundo e da vida». Situa-se aqui aquele juízo segundo o qual a poesia põe em causa a lógica racional do discurso, juízo perfilhado por Platão, e que muitos séculos depois caberia a Pascal corroborar, por outras vias, outros motivos, e em tom de espanto e apologia, ao determinar o chamado «l'esprit de finesse». Ou por outras palavras: a dedução paciente substituída pela repentina intuição.

Deixemos, no entanto, esta última via — e apeguemo-nos tão-só à observação quase sempre exterior, ao nível dos sentidos e da visão, que os poetas antologiados por Garcia Gual nos ofertam.

Não significa isto um debruçar sobre cada um dos ditos poetas, e sim o darmo-nos conta do límpido deslumbramento com que eles sabem contar, enumerar e cantar o amplo exterior do mundo, o pé na Terra. O mergulho nas águas, o corpo esbelto, o enamoramento, o vinho e a fruta, o vento na vela, o ritmo dos remos, as vitórias atléticas... Como eles, em suma, tinham o Mundo na mão! Se o leitor, porventura, ao longo desta antologia, lamentar a falta do subjectivismo, uma única coisa lhe poderemos dizer: «Certo, certo, mas isso é jáuma outra história...» Resta-nos aceitar as datas do tempo — e aguardar os dias (que vieram) em que o poeta se virou para o seu interior e se interrogou como pessoa: quem sou, donde vim, para onde vou?... Quando estas perguntas foram formuladas, a gratuitidade grega do princípio («O princípio é gratuito...») acabara de soçobrar em pleno mundo exterior. Sem dúvida que sim: mas quem, com tantas cores, nos deu o mundo exterior?... Ou por outras palavras: como sossobrar no mundo exterior, se o mundo exterior não tivesse existido no interior dos homens?... Aqui a glória grega. **Pedro Alvim**



PRÉMIO
CIDADE DE LISBOA
Casas Pardas
MARIA VELHO DA COSTA

3.ª edição, revista,
com um estudo prévio de Manuel Gusmão

UM DOS ROMANCES MAIS IMPORTANTES
DA MODERNA FICÇÃO PORTUGUESA

Da autora, na mesma colecção:
O MAPA COR DE ROSA (Cartas de Londres)

Se preferir, utilize o cupão anexo
e faça o seu pedido directamente a
Publicações Dom Quixote,
Rua Luciano Cordeiro, 119, 1098 LISBOA CODEX

Queiram enviar-me ☐ à cobrança ☐ junto cheque/vale postal
☐ **CASAS PARDAS** (1.500$00)
☐ **O MAPA COR DE ROSA** (750$00)
Nome.....
Morada.....
Cód. Postal..... Telef. .....

Publicações Dom Quixote
Rua Luciano Cordeiro, 119, 1098 LISBOA CODEX
Telefones: 53 80 79 88 57 60 40

Distribuição
DIGLIVRO Lisboa (Telf. 36 95 69 36 91 08)
MOVILIVRO Porto (Telf. 56 36 86 56 01 94)

Eles ainda enobrecem o livro

Os encadernadores afeiçoavam o objecto livro. Hoje, a zona mais artesanal das suas lojas faz parte do museu imaginário

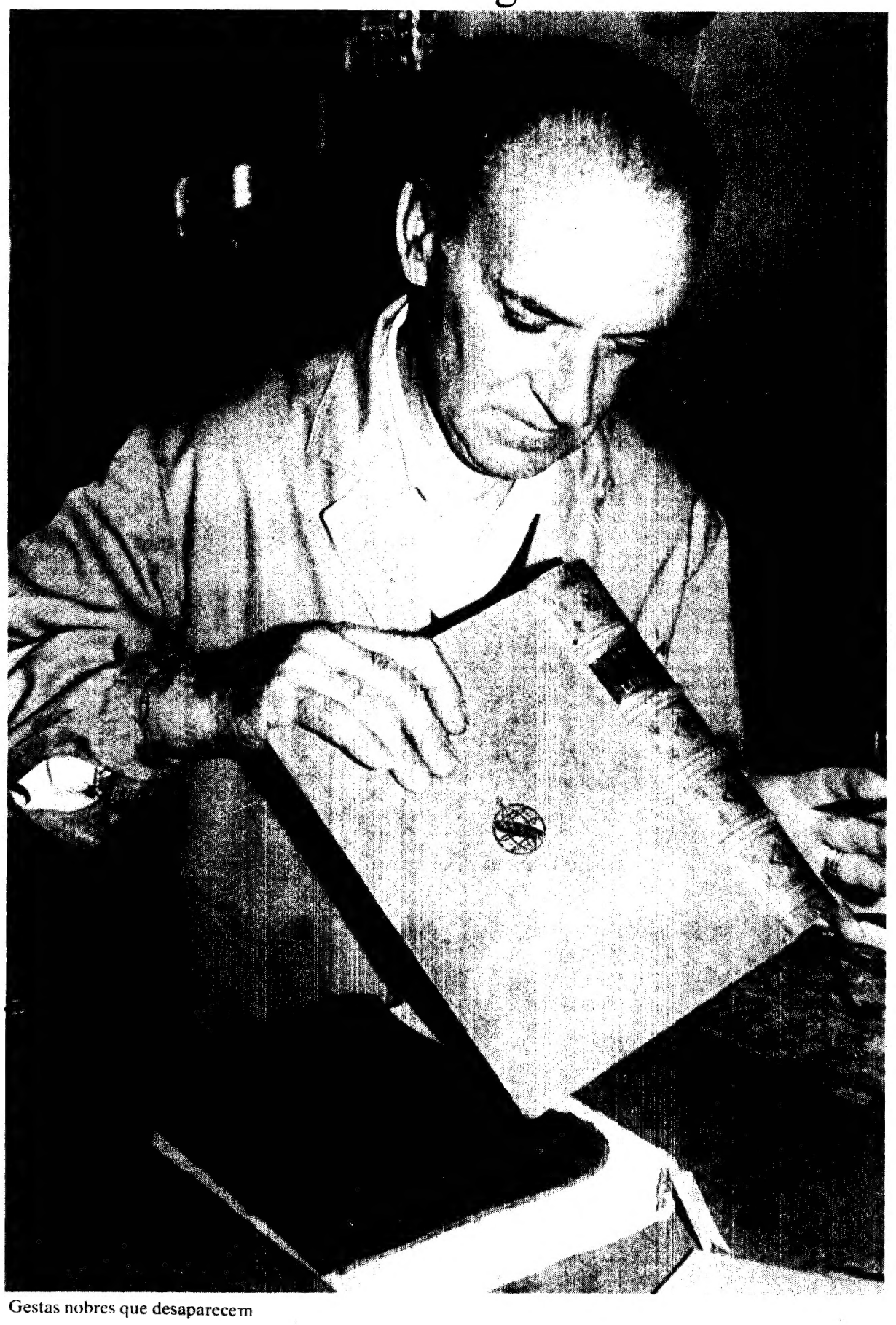
O senhor Joaquim, que há quarenta e três anos tem o ofício de encadernador, não sabe ler. Não diz os preços ao cliente: mostra-os registados a caneta num livrinho de muito uso, passando o dedo por baixo das linhas — «o preço vai ser este». Mas diz ter feito tal trabalho toda a vida com gosto e devoção, o que é óbvio se olharmos a maneira como toca e sopesa os livros que encadernou. Aqui o repórter, em dado momento da sua conversa com o artífice, tocava com a parte superior da esferográfica na capa de um volume cheia de dourados: «Qual é o material que usa neste tipo de encadernações?» Logo ele desliza a mão sobre o livro, como que a reparar a leviandade do jornalista. Não por causa do dinheiro ali investido (perto de trinta contos: pele de carneiro e padrões a ouro) mas por um prazer que nem o facto de não poder ler aquela obra diminuía. Estranho como se solta assim de um livro uma magia que não reside unicamente na leitura e apreensão do seu conteúdo, e está no papel, na tinta, no cheiro que ambos têm, na forma das letras e no macio das páginas, na inspiração de segurança que pode ter uma lombada ou no que revela do interior uma encadernação.

Estamos n'**A Carmelita, de Santos e Almeida, Lda.**, ali na Calçada do Sacramento, ao Chiado. Uma casa bem antiga, e das últimas a permitir-se a encadernação de luxo. Logo à entrada está uma máquina de agrafar do século passado, que já não está em uso mas, diz-nos Joaquim Francisco, ainda funciona. É um sinal de perseverança — o encadernador adianta-nos que já se encontrava a máquina naquelas instalações quando para lá entrou, jovem ainda. Na montra, outro sinal de antiguidade: um «Livro de Ouro» com a data de 1926.

Nos tempos em que os encadernadores prosperavam, em cada ano podia-se fazer um «Livro de Ouro», com trabalho esmerado, espécie de certificado de capacidades artísticas. Ao longo das suas folhas acentava-se que variantes de encadernação se haviam realizado nesse período, ou quais as figuras ilustres que se tiveram como clientes. Por exemplo Fernando Pessoa, que mandava encadernar todos os seus livros.

Mudam-se os tempos

Um «Livro de Ouro» é coisa que já de há muito não se faz. Se **A Carmelita** ganhou em 1933 uma medalha de ouro na Exposição Industrial Portuguesa com os seus notáveis préstimos artesanais (o sr. Joaquim fez-nos uma hábil demonstração de desbaste de pele, dizendo que no essencial as técnicas de encadernação continuam a ser as mesmas), hoje recorre-se muito à maquinaria eléctrica. E se ainda é possível certa encadernação mais cuidada isso tem um custo — grande parte da produção é obrigada à feitura das cadernetas do Montepio ou da Caixa Geral de Depósitos, que pagam prontamente. É assim que ainda se podem manter abertas estas portas: os velhos clientes de sempre que pedem encadernações de luxo são poucos; os outros pedem brochuras e capas em civatex, uma matéria plástica lavável, ou tela, materiais mais baratos. Pele de cabra? Nunca mais foi utilizada. Já ninguém quer encadernar o Eça e o Camilo (o Círculo de Leitores anda a vendê-los já encadernados, qualquer coisa sintética a imitar a pele de carneiro e um tratamento de ouro no desenho das letras já sem o maneirismo de outrora).



Gestas nobres que desaparecem

Mudam-se os tempos: não há quem se interesse por livros raros, não existe por estes dias o gosto pelas obras literárias preciosas; são livros técnicos ou de uso constante, são fascículos como «A Volta ao Mundo» o que se encaderna agora — o propósito é a conservação, não o aprimoramento. Os douradores vão fechando porque os encadernadores não lhes encomendam serviço, e estes arruínam-se ou tornam-se também em tipografias, vindo a acarretar mais outros problemas de sobrevivência.

Em Alfama, que há uns vinte anos se caracterizava pela grande quantidade de tipografias e encadernadores que havia, percebemos o que tem acontecido. Nas Cruzes da Sé um vizinho fala-nos de máquinas a sair de uma velha tipografia-encadernadora, dias antes. «E desde então nunca mais vi aquilo aberto.» A **Progresso** tem já parte da tabuleta destruída. As portas, de madeira a apodrecer, estão fechadas, «há já muito tempo», esclarecem-nos num café próximo. A conceituadíssima casa **Campos** morreu.

Alfama mais pobre

Sim, Alfama foi rica em encadernações e em riscados, esses extintos livros de contabilidade feitos com um sistema de cordas esticadas e depois estampadas com um rolo, as horizontais a azul e as verticais a vermelho. Quem nos testemunha isso mesmo é Vítor Gonçalves, que fomos encontrar numa minúscula, espantosamente minúscula, tipografia num beco de Alfama, ele que é gráfico desde a adolescência.

Tem uma explicação para o fenómeno da Alfama encadernadora. Faz-nos lembrar a grande importância que tiveram na cidade de Lisboa três igrejas locais — a da Sé, a da Conceição e a de Santo António. Os tipógrafos, os encadernadores, os douradores dispuseram-se em volta, fazendo bíblias. Vem tudo de trás, claro. «Então o primeiro livro imprimido não foi uma bíblia, pelo Gutemberg?» — pergunta, afirmando. E estes foram sectores do trabalho que pouco sofreram as transformações do industrialismo, funcionando artesanalmente, produção manual, aplicada, feita com amor e sentido artístico — e assim se foi mantendo, até mais não poder.

De fora de Alfama vinha gente, à missa, e esse foi durante algum tempo um predominante centro de cultura, ainda que de cultura religiosa. Sobre isto reflecte Vítor Gonçalves, mas acerca do que levou à morte destas circunstâncias (a morte de uma certa Alfama) as interrogações continuam a ser muitas. Ele entende a hegemonia do «offset» em relação à velha tipografia, mas isto das encadernações, que também a sua casa garante, tem a ver com a procura directa das pessoas, tem a ver com os seus interesses subjectivos. Porque é que, na verdade, já não há quem se motive pela encadernação artística? Porque é que os livros já não são amados?

Ajeitamento

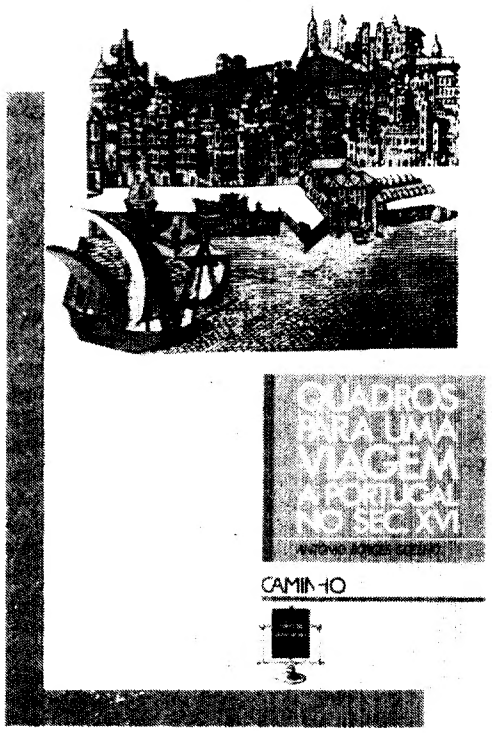
Na Rua de S. Nicolau, em plena Baixa, uma tipografia-encadernadora dá-nos o exemplo da adaptação sobrevivente. Não faz encadernação de luxo, apenas a «meio-inglesa» — títulos e nomes a dourado e rebordos. «O mais simples», afirmam-nos. Não é preciso mais para encadernar a colecção do «Diário da República» ou um livro de bolso quase desfeito.

Aí, alguém de fato-macaco operário e muita pressa acha que as encadernações cuidadas acabaram com o 25 de Abril, porque «a gente rica, advogados, médicos, gente dos ministérios, fugiu tudo para o Brasil e não voltou». Um mundo de causas nada complicadas, para ele. Só que as coisas não são assim. Joaquim Francisco dizia que podia transmitir a sua arte a outros. Mas para quê, se ela já nada diz às pessoas que ainda vão lendo e não se assustam que se imite uma «carneira», gato a passar por lebre?

Um encadernador cose, arranja o material que se vai usar, trabalha o ferro de bronze em quente, marca as letras da capa, prepara-a para o ouro («há uma relação inalterável entre a obra encadernada e o dourado», confiam-nos sempre, talvez resquícios do brio dos tempos em que se faziam bíblias de luxo), gestos nobres que quanto houver livros velhos há encadernação». A partir do momento em que uma arte se funcionaliza, passa a ser ajeitamento.

Rui Eduardo Paes

CAMINHO
NOVIDADES
MARÇO



Borges Coelho

Quadros Para Uma Viagem a Portugal no Séc. XVI

«Quadros Para Uma Viagem a Portugal no Século XVI», de António Borges Coelho, constitui um importante levantamento da sociedade portuguesa no século XVI.
O autor faz uma pormenorizada descrição da população de Lisboa, freguesia por freguesia, indicando o número de moradas e respectivas profissões e rendimentos, traçando assim o retrato social da capital do País. Relativamente às províncias, é feito o mesmo tipo de levantamento por amostragem, decorrendo daí um conjunto de pistas importantes para a compreensão da distribuição da população no conjunto do País e da importância económica e social das diversas regiões.

Virgílio Moreira

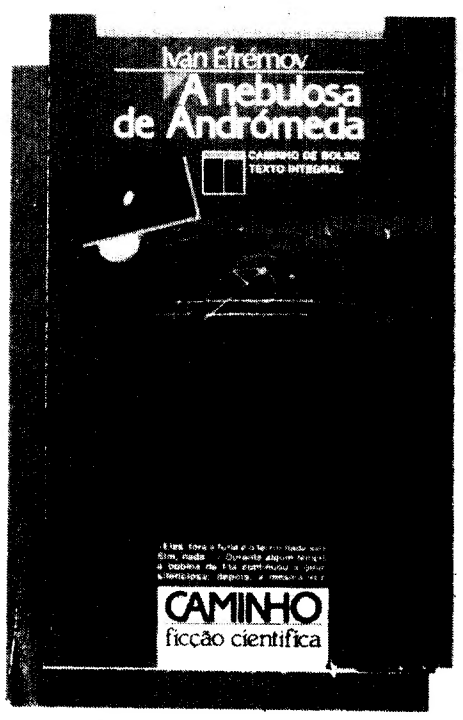
A criança dos Dois aos Seis Anos

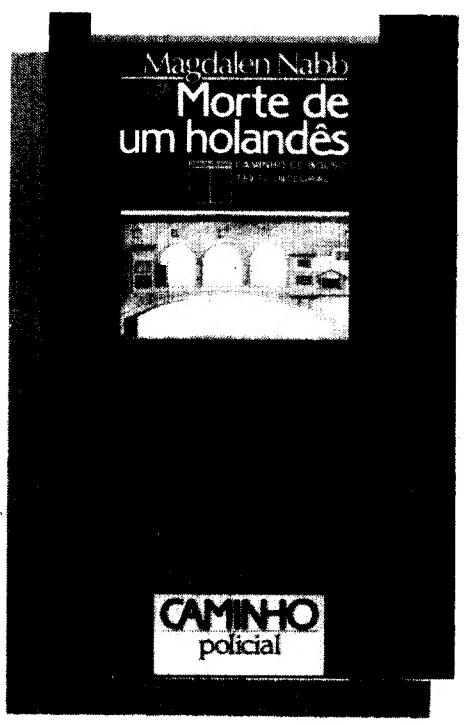
É o prosseguimento do livro «A Criança no Primeiro Ano de Vida». O livro trata sistematicamente das doenças características das crianças nesta idade, dos cuidados a ter na sua prevenção e tratamento, nos vários perigos que ameaçam a criança durante o seu crescimento e formação. O autor dedica um largo espaço à criança saudável e ao tipo de cuidados a ter pelos pais no seu acompanhamento. Trata-se de um guia muito completo e actualizado sobre a educação e tratamento das crianças.

Iván Efrémov

A nebulosa de Andrómeda

Este romance fabuloso consagrou o nome de Iván Efrémov, paleontólogo e escritor soviético, no vasto mundo da ficção cienífica. Fantasia de altos voos, como já foi chamado, o romance faz uma incursão no futuro da humanidade. Segundo Efrémov, a essência da ficção científica é, afinal, a procura do novo. Daí a sedução deste romance de que esta é já a terceira edição portuguesa. De facto, lançado na primitiva colecção «Caminho», o seu êxito foi imediato. E prolongado. Aqui tem de novo o leitor à sua disposição este livro. Não o perca. É um livro marcante.





Magdalen Nabb

Morte de um holandês

Foi com o primeiro romance de Magdalen Nabb, «Morte de um Inglês», que a Caminho de Bolso iniciou a série dos seus livros policiais. A recepção do público e da crítica foi excelente. O caso não era para menos, pois tratava-se da revelação de uma nova escritora que se situava logo no nível mais elevado do género policial. Seguiu-se «Morte na Primavera» (n.º 10 da colecção) que confirmou a sua qualidade e deparou com igual apreço do público.
Eis, pois, de novo Magdalen Nabb, com a sua fascinante cidade de Florença e o seu inesquecível sargento Guarnaccia. Se ainda não o conhece, não deixe de ler esta «Morte de um Holandês», que certamente lhe despertará o apetite para os outros dois já publicados. Para quem leu estes, «Morte de um Holandês» será o esperado e gratificante reencontro.

O prazer de ter bons livros para ler

CDL a distribuição

Actualizações de Ionesco? Não: simplesmente as descrições escrupulosas, irónicas do que eles chamam «a nossa realidade»

Os soviéticos da terceira geração contam a sua vida quotidiana

Eduardo Limonov e Serge Iurienen

APESAR da abundância de informações — coisas vistas, vividas, sofridas — publicadas desde há anos a propósito da vida soviética, existe ainda acerca daquilo que os russos chamam «a nossa realidade», e não apenas por razões ideológicas, um terrível desconhecimento do que é a vida quotidiana na URSS. Como se o que se sabe não passasse de ficções exóticas ou parciais de escritores cheios de imaginação.

Ora, isto é esquecer que na União Soviética, como aliás em outros regimes comparáveis, a ficção continua a ser o melhor meio para descrever a realidade. Várias pessoas, apesar do seu interesse pela URSS, diziam-me, depois de terem lido **A Bicha,** de Vladimir Sorokine (não traduzido em português): «Aqui está o absurdo em estado puro, na linhagem de Ionesco». Como fazê-los compreender que este curto romance de um desconhecido é quase uma reportagem? Uma pequena obra-prima de realismo? Ou melhor, de naturalismo?

Em França, acabam agora de sair várias obras de ficção escritas, quer lá, quer na emigração, e que, cada uma à sua maneira, colocam as questões do sentido e da finalidade da vida... russa. Trata-se de três romancistas de menos de quarenta anos, e absolutamente nada «dissidentes»: **Auto-retrato de um bandido em sua adolescência** (tradução literal do título francês; o original russo chama-se **O bandido Savenko),** de Eduardo Limonov, **Campus Lemonossov** de Serge Iurienen e **A Bicha,** de Vladimir Sorokine. Quem vive onde? Quem faz o quê? É difícil de adivinhar.

Iurienen, romancista da terceira geração

Este texto de Iurienen tem um precedente, o **Franco-atirador.** Nem um nem outro se pretendem autobiográficos. O autor afirma-se como um membro da «trrceira geração, a dos netos da Revolução», estudantes ou antigos estudantes da prestigiosa Universidade Lomonossov, de Moscovo, onde se forma a élite.

Nascido em 1948 na zona alemã ocupada pelo exército soviético, Iurienen nunca conheceu seu pai, oficial morto antes do seu nascimento por uma sentinela de dedo rápido de mais no gatilho. Depois de estudos literários, Iurienen entra para a União dos Escritores e trabalha em revistas antes de sair do país em 1978. Seguiu primeiro para Paris, onde contava estabelecer-se, mas, não conseguindo encontrar trabalho ali, acabou por estabelecer-se em Munique, onde trabalha actualmente como especialista de literatura na Radio Free-Europe.

No **Campus Lemonossov,** o jovem Aliocha — cuja única família, sua avó, uma aristocrata, acaba de morrer em Leninegrado, que ela continuava a chamar Sampetersburgo, chega a Moscovo para se inscrever na Universidade — «a incarnação da loucura no estado puro, a loucura das grandezas: um milhão de janelas, com uma flecha por cima — uma abominação!»

O tipo de suicídio mais comum, no caso de más notas ou de depressão, consiste em atirar-se do vigésimo quinto andar, e o primeiro encontro de Aliocha com uma estudante é com um corpo, que transportam, de uma suicidada. Enquanto o seu amigo, o siberiano Iarik, parece pronto a tudo para apanhar o comboio que parte da gare da Bielo Rússia para Varsóvia, Berlim, Paris, Aliocha prefere lançar-se à procura de Dina, que tenta encontrar desde a Bielo Rússia ao Cáucaso, tropeçando sistematicamente em fronteiras, proibições, solidão.

O autor considera ternamente, sem puxar ao sentimento, os seus condiscípulos («mas porque é que eles querem todos fazer parte da **intelligentzia?**») e os seus concidadãos que, como ele, não têm em grande conta os slogans repetidos um pouco por todo o lado. «Toma o que te dão, corre se te batem», é o conselho de Iarik. Aliocha, por seu turno, entre duas ressacas, duas noitadas perdidas, refugia-se nos poetas: escritor nascente, ele comprou no mercado negro, com todo o dinheiro que tinha, uma máquina de escrever, seu único recurso, sua única esperança na vida que o espera ali ou mais longe, para lá da Finlândia.

Que distingue estes jovens dos «do lado de cá»? Eles têm as mesmas revoltas e as mesmas depressões, o mesmo gosto pelos jeans e pelo rock, a mesma atitude face aos excessos — droga ou sexo — a mesma necessidade de amor. Mas para Aliocha e Iarik, e para Wolf que se droga o mais que pode e não «sexa», a procura de liberdade não tem o mesmo sentido, e resolve-se no descarrilar sórdico, enquanto, no Olimpo, os poetas escrevem com o seu próprio sangue, como Essenine ou Maiakowski, ou então compõem com os poderosos, como «o poeta mais célebre da nossa parte do mundo, e também o mais cabotino», entrevisto numa carruagem do Moscovo-Paris, ou Ilya Ehrenburg, cujos funerais seguimos no romance. Ácida e cheia de humor frio, a sátira morde o suficiente para nos fazer ver os bastidores de um outro mundo através de um rapaz de 17 anos com verdadeiro talento.

Outras recordações de uma infância revoltada, o **Auto-retrato de um bandido na sua adolescência**, de Eduardo Limonov, tem um tom completamente diferente, menos desesperado. O livro foi descoberto pelos Siniavski, que começaram por o editar em russo (como aliás **A Bicha**, de Sorokine). Limonov gosta das cidades, como no seu primeiro romance **Eu, Edichka**, onde nos «narrava» Nova Iorque; aqui, ele evoca Kharkov e os seus arredores — a cidade da sua infância

Eduardo — Edik — Edichka faz-se, ali, chamar Eddy-Baby. Tem 15 anos e procura 250 rublos para levar uma amiga a uma «party». Estamos a 7 e 8 de Novembro de 1958, em Kharkov, onde os jovens festejam a revolução de Outubro. Não na ritual «manif», mas no labirinto onde se movem os bandos de rapazes que sonham ser, um dia, como os «duros» dos filmes americanos que nunca viram. Neste quadragésimo primeiro aniversário da revolução, Eddy Baby vai entrar, ao mesmo tempo, na sua vida de homem e de criminoso. São um pouco as «últimas férias» dos pequenos duros afogados no kif, no vodka, nas violações colectivas e na torrente de obscenidades.

Tratar-se-á de um texto tão autobiográfico como o autor o pretende? Isso, no fundo, não tem grande importância, porque é ao poeta que pertence essa adolescência inesquecível, o tempo do seu primeiro amor mesmo se...

Outros lugares, outros tempos. Eduardo, convidado pelo festival de Nice («Mas, raios os partam, porque é que me terão convidado?») está agora nas mãos de uma brasileira, longe da Ucrânia, e digere como sabe e pode a sua «salada russa».

NZ

Os livros:

Explosão de edições francesas dos textos da «terceira geração» da ficção soviética: **Lomonossov Campus, ou A terceira geração,** de Serge Iurienen (ed. Acropole); **Autoportrait d'un bandit dans son adolescence**, de Eduardo Limonov (ed. Albin Michel); **Salade niçoise**, de Eduardo Limonov (ed. Le Dilettante); **À l'écoute des villages soviétiques**, recolha de textos «ruralistas»: Valentin Ovetchkine, Alexandre Yachine, Evim Doroch, Fédor Abramov, Serguei Zalyguine, Borias Mojaiev, Wladimir Solokine, Evguéni Nossov, Vassili Chukchine, Valentin Rasputine, Victor Astafiev, Vassili Belov (ed. La Tablea Ronde).

O eu nos outros

O NEUTRÃO NA ÂNFORA

ATENTEMOS numa ânfora. Vejamo-la unicamente sem quaisquer conotações de antiguidade. Assim, nítida, mero objecto de hoje. Ergue-se do chão, pura e simplesmente, sem coisas a mais de qualquer espécie. Ei-la! Um pintor diria: «Está para ser pintada.» Quem arruma a casa, e a varre, desloca a ânfora como quem desloca uma cadeira ou um outro objecto qualquer. Porque, isolada do tempo passado, a ânfora é um objecto do presente como qualquer outro objecto. E é precisamente esta sua condição, este seu aspecto solitário, **desenhado,** que a ânfora nos oferece em toda a sua presença, oca, e não a retrospectiva que ela, observada de um outro ângulo, nos propõe.

Suponhamos que ela, a ânfora, não existia, ou não estava agora aqui, ou, por um gesto mais precipitado, era feita em pedaços. Tal situação, pelo vazio provacado, pôr-nos-ia o seguinte problema: perante a ânfora inexistente, ou desaparecida, ou quebrada, e conscientes como somos da noção de tempo, que interrogações formular sobre o passado...? Isto é: que objecto existiu no passado, nos tempos mortos, no arquivo histórico do tempo...? E o objecto seria então por nós buscada como um ponto de referência, uma **necessidade,** uma data. E só a partir desse momento é que descobriríamos a ânfora, já não como um objecto, e sim como uma forma de movimento, abarcando as três dimensões comuns do tempo: passado, presente e futuro.

Assim apreciada, assim tida nas estações do tempo, a ânfora surge-nos como um mensageiro indo-se pelos carris dos anos, das décadas, dos séculos. E é precisamente perante esta sua qualidade que a ânfora perde o carácter nítido de mero objecto de hoje: ei-la, pois, com um passado — e ei-la também com um futuro mercê dos museus que o homem ergue pela Terra.

Que passado...?

Se devidamente desfolhadas todas as páginas do arquivo histórico elaborado ao longo de luas e sóis, de calendários muitos, de escritas multifacetadas, tentando apreender por diversos modos a fonética do homem, a ânfora, por linhas cruzadas em todos os sentidos, ir-nos-á revelando um passado de guerras, de odes, de palácios, de gestos iniciais e redondos, de átrios, de longos remos sulcando as águas, de velas capturando o vento, de jogos corridos e medidos a palmo, de vinho primeiro, de cabras quietas em perfil, de leite oblíquo em vasos toscos, de sexo tinto de vermelho, de constelações somadas uma a uma, de diálogos pelos degraus do raciocínio, de túmulos, de sinais, de postulados... Face a tanto e tão pouco, apercebemo-nos, olhando a ânfora, que não temos só a ânfora na luz dos nossos olhos — e sim uma multidão de seres e objectos, de luz e sombra, de cores, de planos e ângulos, de actos, de morte e vida, de tudo e nada. E logo, criando uma certa perspectiva, nos afastamos, guardando uma certa distância, observando... É toda uma parcela do mundo que, tal uma baía, de súbito nos toma e nos afoga, nos tem no líquido redemoinho de coisas há muito tempo idas.

Há muito tempo idas, mas que são inerentes à ânfora, e que por isso estão na ânfora, mesmo que a ânfora, por repetições sucessivas através do tempo, não seja a ânfora original e só uma simples imitação em barro português, crescida sob o h3lito do oleiro, rodada pelos seus pés e pelas suas mãos afunilaea... Como esta, aliás, pousada algures num soalho de Sintra, quieta, indiferente, soberana.

Que futuro, no entanto...?

Aqui outra situação, muito diferente, se desenha. Se a ânfora depende do passado em toda a sua múltipla significação, se o seu discurso de maneira nenhuma dispensa anos, décadas e séculos de História, a verdade é que a ânfora depende também do futuro, dos dias a vir, dos actos ainda por executar. Porque não bastam só museus para que a sua fala se mantenha intacta, nem vidros à prova de bala para que a sua presença preencha o espaço de maneira contínua. E isso porque os homens que sabem ler a ânfora, letra a letra, sinal a sinal, podem sumir-se de um dia para o outro no caos do átomo, do neutrão, da bomba. Vivemos, em toda a consciência, um momento de funambulismo: a humanidade caminha por uma corda esticada, num equilíbrio precário, abrindo os braços para que o diálogo se processe entre as letras extremas do nosso existir. Um lapso no diálogo pode conduzir à desintegração atómica. Tragicamente, se tal ocorrer, poderá permanecer a ânfora no edifício do Museu, mas o homem sumir-se-á no espanto da sua casa vazia.

E então, com os bens materiais poupados e o ser humano aniquilado, a ânfora será pura e simplesmente um objecto intemporal, sem passado e sem futuro, porque não haverá quem a leia, nem tão-pouco quem a prolongue pelo tempo. Intacta, fora do hálito dos homens, a ânfora erguer-se-á no pedestal do hiato, da carência, salientando-se no marasmo de um **hoje** terrivelmente nítido, despojado de referências, oco de parágrafos. E um dia...

E um dia, se a Terra por outros seres for visitada, de outros planetas, de outras distâncias, talvez esses serem concluam que tudo foi destruído por **algo** «que se encontrava dentro da ânfora. «Forma e conteúdo não se conjugavam...» — eis o que pensarão os extraterrestres. E esse longínquo juízo de outrem será o nosso pior epitáfio — e a ânfora, levada da Terra, uma longínqua e mera constelação. Memória dos nossos erros, memória da nossa hesitação.

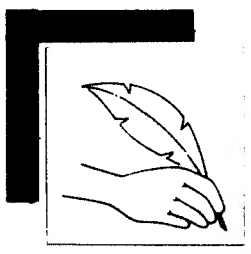
Pedro Alvim

Acabados de chegar

■ **As ondas,** Virgínia Wolf, tradução de Francisco Vale da versão francesa de Marguerite Yourcenar, ed. Relógio d'Água, col. Ficções

Magnífica Virgínia Wolf, de quem a *Relógio d'Água* já tinha publicado *A Casa Assombrada*. Aqui, trata-se de seis crianças que crescem, ou melhor: da diversificação a partir do único; ou melhor: da dificuldade de *ser;* ou melhor: de paisagens, tão bem escritas como Durrell as escreveu; ou melhor, como disse Yourcenar: de seis instrumentos musicais, «pois consiste unicamente em monólogos interiores, cujas curvas se sucedem e entrecruzam com uma segurança que lembra a arte da fuga de Bach». Virgínia Wolf é um dos momentos extremos daquilo a que algumas culturas ainda chamam nostalgia, embora prudentemente, porque nela a *nostalgia* actualiza o sentido e relança os dados da vida.

Konsalik: qualquer semelhança com o caso Christina Onassis/Serge Kausov, casados em Moscovo, e a história de «A herdeira» é, naturalmente, pura coincidência...



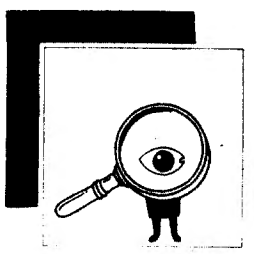
■ **A Herdeira,** Heinz G. Konsalik, trad. L. de Almeida Campos, ed. Livros do Brasil.

Pergunte-se porque um Harold Robbins se transformou num «best-seller», e a resposta espantara. Pergunte-se porque Konsalik é um dos autores mais consumidos na Europa... Ele tem uma obsessão: o KGB, e outra: os «clichés d'amour». E outra ainda: a circulação do dinheiro, do grande dinheiro. Digeriu-as sob a forma de «cocktail», serpe-no-la assim: entre «John, o Chauffeur Russo», a «Dama das Camélias» e «O Espião que Veio do Frio». O seu segredo deve ser nunca — mas nunca — se afastar do *déjà vu*, da série exaustiva dos lugares comuns e da ideia de narrativa que anos e anos de bom senso comercial foram produzindo.

■ **O Amor Incerto,** Elisabeth Badinter, trad. Miguel Serras Pereira, ed. Relógio d'Água, col. Antropos.

Aqui está um ensaio de sabor foucaultiano pela vocação — trata-se de fazer a história do amor maternal do séc XVII ao séc. XX — e que as paixões absorveram como obra de um novo feminismo, disto a renunciar à ideia de que o «instinto maternal» é inevitável como as coisas da natureza.

«Por mim — escreve Elisabeth Badinter — estou convencida de que o amor maternal existe desde tempos imemoriais. Mas não partilho a ideia de que exista necessariamente em todas as mulheres, nem a de que a espécie sobrevive apenas devido a esse amor» *L'Amour en Plus* (título do original francês) procura compreender a relação entre mãe e filho enquanto resultante de comportamentos que vão exprimindo a sucessão dos — variáveis — contratos sociais. O seu livro não deixará de ser motivo de escândalo. Mas ele é, sobretudo, um salutar instrumento de trabalho.



■ **Relatório sobre os Homens,** Giovanni Papini, trad. Eduardo Saló, ed. Livros do Brasil, col. Dois Mundos.

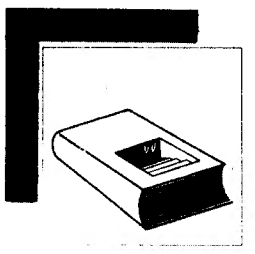
Esteve também para se chamar *Adão*. Está concebido como a *Cidadela* de Saint-Exupéry, quer dizer: achando que o aforismo nietzscheano é demasiado curto, embora contendo as morais práticas a que o filósofo tantas vezes foge, e que o longo manifesto sistemático pouco teria a ver com o ficcionista. O livro, que Papini parece ter iniciado em 1907, acabando por só se concluir quase 40 anos depois, é uma série de textos temáticos sobre coisas, ideias, mitos, preconceitos, juízos. Exemplos: *Montanhas, Sujidade, Casamento, Propriedade, Avarentos*. Para um autor tido como geralmente próximo da Igreja Católica, o Papini de *Relatório sobre o homem* é inconoclasta, céptico e cínico. Os seus fragmentos, ou esboços, estão aqui reunidos numa síntese cuja publicação o escritor nunca chegou a autorizar, e cuja responsabilidade pertence a Luigi Baldacci, que os apresenta.

■ **A Caça ao Outubro Vermelho,** Tom Clancy, ed. Europa América, col. Século XX

A história, menor, é sobre bons (a CIA)S e maus (os agentes soviéticos por atacado). O que é precioso no livro é a multidão de informações detalhadas sobre a guerra moderna, em particular a guerra de submarinos. O livro, naturalmente, foi mais notado pelas zonas de recensão das revistas militares do que por quaisquer outras publicações.

■ **Um Jantar muito Original, seguido de A Porta,** Fernando Pessoa sob o pseudónimt de Alexander Search, trad., recolha de textos e posfácio de Maria Leonor Machado ee Sousa, ed. Relógio d'Água, col. Crime Imperfeito.

A Very Original Dinner e *The Door* são dois contos de 1906/1907. Fernando Pessoa nunca se lhes referiu... e revelam-no próximo de Edgar Allan Poe, quer pelo tratamento da loucura quer pela abordagem do comportamento perverso (de perversidade e não de perversão). *A Porta*, até agora inédito, é um texto incompleto, e cujo original contém numerosas passagens ilegíveis. Neste ano pessoano, mais dois textos que revelam ume face quase desconhecida de Pessoa: o fantástico vivido do lado das forças ocultas, que enlouquecem e fazem mal. Noutra perspectiva, são textos sobre o *mal*, «tout court».

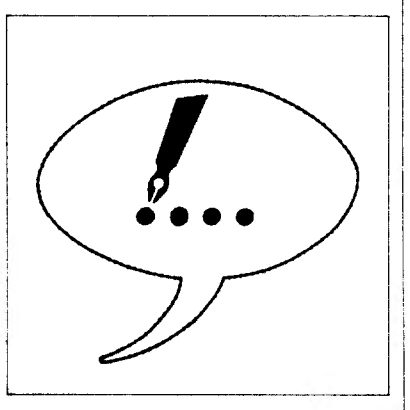


■ **O Mistério do Ataúde Grego,** Ellery Queen, ed. Livros do Brasil, col. Vampiro.

Reimpressão da Vampiro de bolso, que sai em simultâneo com *A Bomba de Relógio* de Hartley Howard. Para os leitores de Ellery Queen, trata-se do velho caso Khalkis, o n.º 39 da colecção, que se tinha tornado praticamente impossível encontrar. Ei-lo novinho em folha. Na colecção *Argonauta*, saiu igualmente *A Mais Bela da Lua*, de Larry Nivan. Seu interesse especial: o tratamento, num quase policial mascarado de ficção científica, do fantasma freudiano do «corpo feito em pedaços». Com efeito, a pena de morte é, ali, a entrada para o banco de órgãos, onde o criminoso espera a sua vez de fazer contas com a sociedade... doando à força partes do seu próprio corpo.

■ **Fotografia,** Michel Tournier, ed. Matilde Urbach

É um pequeno conto de Michel Tournier, com que Matilde Urbach inicia, entre nós, a sua actividade editorial. O original francês intitula-se **Les Sudaires de Véronique.** Em Arles, durante os encontros internacionais de fotografia de Julho, o autor encontra uma fotógrafa — Véronique — com quem conversa acerca de modelos, do nu, e finalmente da morte, ou melhor, do cadáver enquanto modelo. «Praxíteles olhara para atletas em acção. Por motivos de religião, de costumes ou de qualquer outra ordem, nunca tinha aberto um cadáver. É preciso esperar pelo séc. XVI, e singularmente pelo flamengo André Vesale, para que nasça verdadeiramente a anatomia. (...) A partir daí, os artistas vão pôr-se a correr para os cemitérios. E quase todos os nus desta época se põem a cheirar a cadáver. Não só os manuscritos de Da Vinci e de Benvenuto Cellini estão cheios de estampas anatómicas...» Véronique mantém uma relação possessiva com um modelo que afeiçoou, Hector. Mas Hector acaba por fugir-lhe...



Teclas

TOCAR piano fora o primeiro sonho de que se lembrava. Desde pequenina que quando via um pianista na televisão ficava prisioneira das suas mãos, não conseguia libertar-se. «Gostavas de aprender música, menina?», perguntavam-lhe, mas ela ainda não podiar perceber que havia uma espécie de troça benevolente no tom da pergunta. Acenava por isso que sim, com seriedade, com força. Se gostava!

Os adultos riam muito. Porque achavam graça à sua crença no futuro ou porque rir é às vezes a única solução para as pessoas? Ela, porém, não era ainda uma pessoa, só uma pessoazinha, o que é diferente, e não ria, estava extraordinariamente séria quando acenava que sim, que gostava. Se gostava!

Depois o tempo foi correndo e o piano, embora importante, esvaiu-se um pouco nas coisas. Só o sentiu grande como no passado, quando um dia a mandaram fazer um curso de dactilografia e ela se viu horas diante de uma velha máquina com teclas duras, agressivas e sem música.

Houve grande alegria lá em casa quando, feito o curso, se empregou. A menina era dactilógrafa, que maravilha. Na família foi uma promoção e até houve uma pequena festa.

Maria Judite de Carvalho